

Revista da Semana

ANO XLIII - Nº 9
28 DE FEVEREIRO DE 1942
18500 EM TODO O BRASIL

BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

VERÃO
(FOTO
DE ARNALDO
VIEIRA)

Um programa da "sua" P. R. A. 9 para a Mulher Brasileira!

Diariamente às 13 horas
Sagramor de Scuvero
APRESENTA:



SEGUNDA-FEIRA — "Para Você, Mãezinha" — uma audição com tudo o que as mães devem saber e um médico pediatria que responde às consultas das ouvintes.

TERÇA-FEIRA — "Cozinhando Pelo Radio" (às 9.45 hs.) — uma irradiação direta da cozinha de uma ouvinte com todos os ruídos e detalhes da feitura de um prato gostoso.

QUARTA-FEIRA — "Marcha Nupcial" — um programa dedicado às noivas, ao enxoval, ao futuro lar, com o "Club das Noivas" que atende solicitações de modelos e sugestões.

QUINTA-FEIRA — "O Mundo Não Vale O Seu Lar" — audição dedicada às donas de casa e seus afazeres. Secções de interesse e um club das pequenas ciencias domésticas.

SEXTA-FEIRA — "Os pequenos problemas da sua vida" — dedicado à solução das pequenas dificuldades diarias de um lar, com o "Club da Economia", sugerindo planos de gastos e de tempo.

SÁBADO — "Moda, Elegancia e Beleza" — um programa para as moças, com a colaboração de um "maquilleur", um cabeleireiro e um figurinista, versando sobre o tema "Qual é o seu tipo?".

POEIRA, sol, mais de trinta graus á sombra... Suor, roupas de brim, sorvetes... Ventiladores, fuga para as serras, banho de mar... Isto é o verão! Um mundo de cousas que se tornam inevitáveis e que transformam a vida da gente.

A poeira é um tratado de patologia que anda a revoltear desfeito em átomos, procurando entrar pelos nossos olhos, pelo nosso nariz, pela nossa boca. E' o incenso traiçoeiro, impalpável e invisível, com que a natureza exalta a estação estival. E' o hoje dos mortos atormentando, apressando o amanhã dos que estão vivos...

O sol é o responsável. E' ele que desencadeia as vergastadas de fogo que nos açoitam, até mesmo dentro das nossas casas. Mas não ha outro recurso, porque o sol é — já o disseram com precisão justis-

VERÃO



sima — o remédio que a Humanidade tem, de graça, para cura de quasi todas as enfermidades. Ah! o sol! E' tal e qual a celebrada mulher do filósofo: um mal necessário...

Trinta graus... Os termômetros ficam alucinados. Sobem, sobem, até aonde bem lhes aprez.

Em Porto-Alegre, há quinze dias atrás, foram a quarenta e dois!

Ha duas cousas que, quando lhes dá na veneta, disparam em direções opostas: o cambio, que desce assustadoramente, e o termômetro, que sobe como um louco.

Ainda se isso compensasse...

Trinta e tantos graus! Tem-se a impressão de que estão todos com febre!

O suor é a consequência mais prosaica e irritante do verão. E' o verão que dá ás creaturas, com o suor, a sensação de serem viscosas como as lesmas e imundas como os suínos.

A estiagem exaure os mananciais, a canícula evapora vertiginosamente as aguas... Falta o líquido precioso? O suor é a suprema ironia do verão, porque faz das creaturas reservatórios ambulantes, deitando agua por todos os póros...

A roupa de brim é a apelação. Mas é para quem póde... como as apelações forenses...

E — já repararam? — parece que ha uma sociedade entre as companhias de ônibus e as lavandarias. Porque a roupa entra limpinha no ônibus e no dia seguinte tem de voltar infalivelmente, para a lavagem...

O verão é o maior inimigo da limpeza...

O sorvete também é uma apelação estival.

Surgiu extranhamente, para nossa refrigeração interna, muito antes da refrigeração externa.

Final de contas, não passa de um paliativo, de efeito momentaneo, ou de um veículo, de efeitos durabilissimos, de dores de garganta ou cousas piores.

Quando aparecerá um benemérito genial, capaz de inventar roupas refrigeradas?

O ventilador... Depende...

Para uns é o mágico que permite, dentro de uma calma absoluta, que se tenha a sensação de um tufão. Para outros é um monstro, um celerado, um bandido que fabrica constipações e outros males que acabam por levar o paciente para um quarto de janelas tiranicamente fechadas, onde ainda irá suportar sudoríficos...

Vejam só o que ás vezes faz um ventilador! Leva a creatura que quer deixar de suar naturalmente a tór de suar artificialmente: t:...

A fuga para as serras é o meio mais eficaz de combater o verão.

Petrópolis, Terezópolis, Friburgo...

Quanto mais alto se vai, mais baixo, o termômetro fica.

E' engraçado! O sol faz o termômetro subir, e lá em cima, mais perto do sol, ele desce covardemente...

Ele terá lá as suas razões em proceder assim, e como sabem todos dessa cousa paradoxal, vão, os que podem, deixando longe o Rio de Janeiro abrasado, em demanda do seio caricioso das serras. Uns vão por ostentação, outros por elegancia, outros mais porque são convidados, todos, porém, vão, acima de tudo, para a delícia de sentir uns oito ou dez graus menos do que os que ficam.

Os que ficam... Quantos e quantos, entre eles, sentirão inveja! E não o podendo fazer de outra maneira acabam, á sua maneira... subindo a serra...

O banho de mar!

Está nele a glória do verão. E' ele o pregoeiro do estio. As praias povôam-se e colorem-se. A areia floresce bizarramente, ostentando os cálices convéxos dos guarda-sóis. As nereidas e os tritões da Fábula ressurgem na orla do mar.

Uma visão estonteante do Paraíso com todas as tentações do Inferno...

E' a vida que explode, cheia de energia, sob um céu cheio de luz.

A Mitologia está errada! Anfitrião não nasceu na crista de uma onda, brotou, num amanhecer de verão, na areia de uma praia. E não foi uma só: foram dezenas e dezenas que exsuriram da fímbria litorânea para o triunfo fatal.

As lendas também estão erradas. A Iára não é filha das aguas mansas dos rios, do seio sombrio das selvas: é a praia que lhe dá existência, roubando-lhe o nimbo fantasista e integrando-a na realidade humana.

E o Verão é tudo istol

Que importa que o suor poreje, que a poeira atormente, que o termômetro suba, alucinado? Que importa que as roupas de brim tenham de andar um dia apenas no nosso corpo e uma semana na lavandaria? Que importa que o sorvete escangalhe as gargantas e os ventiladores fabrique pneumonias? Que importa que uns possam buscar o lenitivo das serras e outros não?

Josué nunca mais voltará para fazer parar o sol...

E enquanto ele, como uma brasa de ouro, corusca no alto, as creaturas o bemdizem e adoram num culto pagão, exaltando-o no espetáculo esplêndido das praias que vibram, animadas e coloridas, atestando a vida, proclamando a alegria de viver!

IVAN DE NAMUR



Quebec: o hotel Château Frontenac: 800 quartos, 18 andares, e um trenó.

Ha muitos anos que por aqui passei. — Não tinha sido ainda iniciada a outra guerra. O mundo era tão diferente do de hoje! E' verdade que possuía um passaporte — mas era apenas uma folha de papel e não tinha o meu retrato. Apareci neste paiz hospitaleiro vindo da Inglaterra; entrei como se entrava no Brasil, sem a menor formalidade; nem ao menos perguntaram se trazia dinheiro comigo. Os anos já se foram para traz; estamos no auge de um outro conflito mundial, tão grave ou de consequências mais graves ainda do que o outro. Encontro o Canadá em pé de guerra. Soldados por toda parte, exército, aviação, marinha — toda a rapaziada, muitos e muitos homens já crescidos, já estabilizados na vida vestindo o kaki, o azul claro da aviação ou o marinho da armada. A flôr dos homens canadenses em armas, firmes, fortes, preparados e preparando-se para o que dêr e vier. O vasto poderío industrial do Canadá mobilizado como a sua reserva potencial humana. Enormes fabricas a trabalharem dia e noite com um só fim, com um só objetivo: Ganhar a guerra! Falando inglês ou falando francês, a nação unida apresenta uma frente sólida, unida e patriótica, n'uma só voz, num só esforço herculeo, conjugado e decidido. O Canadá está de corpo e alma na guerra!

Estamos em pleno inverno: neve, gelo, frio intenso por toda parte: 15, 20, 30 grãos centígrados abaixo de zero. Skys, patins, trenós, tobogan — gente com vestimentas grossas de lã, casacos compridos de pele e de pêlo, botinhas agradáveis e confortáveis, crianças encapotadas, protetores de orelhas, cachenez, gorros de cossacos e uma indumentária apropriada — tudo isso se vê por estas latitudes do Norte, nestes dias curtos, às vezes cinzentos, com o sol escondendo-se às vezes, outras claro, brilhante, num céu azul bem limpo. Faça sol ou não, o frio lá fóra é sempre intenso, sempre dominante. Aqui em Quebec, na margem do São Lourenço, com o rio todo cheio de ilhas, de gelo

CANADÁ EM 1942

por D. G. COIMBRA

flutuante, reúne-se nesta época uma multidão de gente em busca dos divertimentos da estação — skys, tobogan, trenós e patins.

Ao lado do majestoso hotel Château Frontenac fizeram uma corredeira de tobogan com quasi um quilometro, e o dia todo e parte da noite uma criançada alegre, jovial, contente, com agasalhos de todas as cores e rostos bem rosados, em contraste com a brancura da neve, desce e sobe a ladeira, gozando a sensação da velocidade do tobogan. Mais adiante, uma pista de gelo, onde a juventude se diverte patinando ao som de música apropriada, transmitida por poderoso alto falante: «Danubio Azul», «Olhos negros», «A ultima vez que eu vi Paris»... numa cadência jovial, que acompanha o deslizar das laminas de aço sobre a grossa camada de gelo.

A cidade, cheia de parques, de praças publicas e de ladeiras, oferece numerosos e pitorescos sitios. Grupos alegres, sorridentes, bem vestidos, falando francês ou inglês, sobem e descem numa algazarra brejeira. Tomámos um trenó, bem agasalhados com grossas cobertas de lã e grandes peles de búfalo, fomos passeando por toda parte, visitando os logares históricos, os logares das batalhas entre Montcalm e Wolfe — Levis e Murray — pontos hoje repletos de monumentos comemorando o inicio do Canadá onde vencedores e vencidos de outrora aqui permaneceram formando com seus esforços e energias uma grande e adiantada civilização.

Quebec-cidade contém 135.000 habitantes dos quais 120 mil falam francês e bastante inglês e 15 mil ingleses que falam também francês.

E' uma cidade rica, prospera, com inumeras lojas bem sortidas com boas mercadorias feitas aqui, importadas da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos. Possui muitas fábricas de calçados, cervejarias e outras industrias. E' um centro da enorme industria de papel e celulose, um porto comercial importante, com a navegação aberta ao exterior durante 7 meses em cada anno. Alem disso, um centro turístico muito importante, tanto nos meses de verão como no inverno. Extremamente pitoresca com suas casas do velho mundo, ruas estreitas e antigas, com sua gente falando francês, Quebec atráe anualmente milhares de forasteiros das outras provincias do Canadá e dos Estados Unidos e, de quando em vez, aparecem por aí alguns brasileiros, poucos infelizmente. A cidade parece que fica meio escondida, bem cá ao Norte, com suas noites longas e dias de poucas horas.

Os hoteis são numerosos, bons e de tarifa razoavel. O dólar canadense vale 10% menos do que o americano. Comquanto isso ainda seja uma pequena diferença para nossa moeda fraquinha, para a gente dos Estados Unidos serve ao menos para pagar o custo das gorjetas! A comida é excelente e bastante razoavel; talvez custe menos uma terça parte do que nos Estados Unidos e para o nosso paladar, pelo menos, muito mais saborosa. O Governo Canadense favorece de todos modos a entrada de turistas e o estrangeiro aqui — pelo menos, nós da America Latina — gozamos de todas as facilidades. Não requirem nem «visto» no passaporte, nem cartas de apresentação. Na fronteira apenas nos perguntam quanto tempo desejamos aqui permanecer; carimbam o passaporte, examinam as malas com pouca vontade de nos incomodar e nada mais! Uma facilidade completa e absoluta.

Tudo o que o Governo do Canadá diz nos [seus] cartazes e anuncios de propaganda é cumprido exatamente. Não ha menor tapeação!... A industria do turismo aqui é



Gelo -- Frio -- Esportes de Inverno -- Progresso



Quebec: um salto em sky.

muito importante, favorece a entrada de muitos milhões de dólares anualmente, e o Governo não despreza essa colheita de capitaes. Talvez seja uma das grandes fontes de rendas do país.

A pesar de seu longo e rigoroso inverno, o Canadá é um país riquíssimo em florestas e em agricultura. As **prairies** no centro do país, quentes no verão e extremamente frias no inverno, possuem solo apropriado para os cereais, trigo, aveia e centeio, sendo um dos maiores produtores do mundo.

Os canadenses em geral são gente forte, sadia, de grande estatura, e as moças, especialmente nesta provincia onde a raça francesa predomina, são lindas, muito atraentes, e muito «naturaes», isto é sem o uso de **rouge** e pó de arroz em excesso. Uma graça pura e extremamente agradável. Possuem todos os encantos das francesas com o «naturalismo» das inglesas... E agora então, no rigor do inverno, com a pele naturalmente rosada pelo intenso frio — são extremamente lindas. Um caso sério, enfim!... Vestem-se com muito bom gosto e ao mesmo tempo abrigando-se apropriadamente contra o frio, que não é brincadeira.

Como Dominio Britânico e fazendo parte do Império, o consumo de chá e cacão aqui é bem desenvolvido, bem maior nas suas proporções do que nos Estados Unidos, mas assim mesmo toma-se muito café por toda parte, em todas as refeições, e nos restaurantes; aqui como nos Estados Unidos, ao nos servirem uma refeição, vão logo perguntando: «café?»... como se fosse mesmo, como de facto é, a bebida mais comum e a que todos nós aqui devemos tomar!... É um grande mercado para o nosso café.

Uma coisa que chama logo a atenção do turista é que mesmo agora, no meio do inverno, existem milhares de autos por toda a cidade, ladeiras inclinadas, gelo escorregadiço, neve aos montes, mas assim mesmo lá vão eles subindo e descendo — ônibus, autos, bondes e caminhões, como si estivessem em São Paulo... Quando vejo um auto numa ladeira mais

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudencia.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

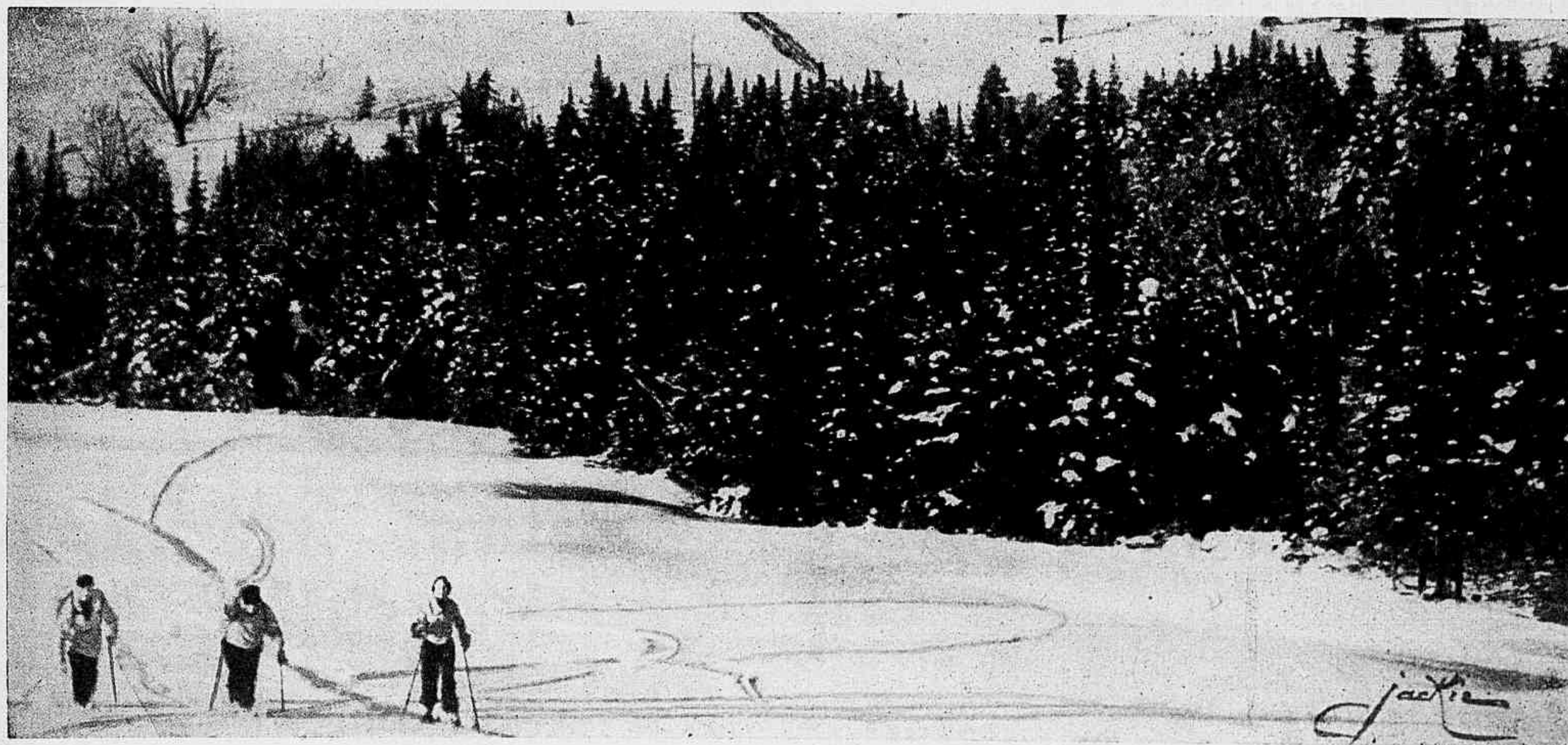
Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

empinada do que a de S. João em S. Paulo ou de S. Bento na Bahia, vou-me chegando junto às paredes das casas, instintivamente, para que o bicho fique com todo o leito da rua, para que escorregue, si quizer, á vontade, pois que com a neve aos montes não se sabe bem onde está a calçada ou a rua.

Agora, com a dificuldade para a aquisição de pneus, não sei como essa gente irá arranjar-se, apesar de que em duas entrevistas publicadas nos jornaes de Montréal foi declarado que, com o preço da borracha, mais elevado e mais interessante para os nossos seringueiros poderemos produzir e exportar uma boa parte da borracha de que os norteamericanos necessitam. E assim terminamos estas ligeiras notas sobre o Canadá em 1942.



Quebec: uma floresta de pinheiros — campos para skys.

Santos e Efemérides da Semana

FEVEREIRO

21 São Germano de Granval. — Ainda na mocidade entrou em um convento e teve logo a direção da abadia de Granval. Tendo então Germano ousado censurar um pouco vivamente os inúmeros desmandos do governador da Alsácia, foi assaltado numa estrada pelos soldados deste e morto a golpes de lança (665).

— **São Pepino de Landen.** — Maire do palácio, sob Clotário II e seus sucessores, esposo da bemaventurada Itte e pai de Santa Gertrudes. Morreu em 640, em Landen.

— Nasce no Rio de Janeiro Francisco Manoel da Silva, musico notavel, autor do **Hino Nacional**. Faleceu no Rio em 18 de Dezembro de 1865 e está sepultado no cemitério de S. Francisco de Paula (1795). — Nasce em Belém do Pará o general Hilario Maximiliano Antunes de Gurjão, herói da guerra do Paraguai, ferido em Ipororé e falecido em Humaitá em 17 de Janeiro de 1869, em cuja memória foi erguida uma estátua na capital do Pará (1820). — Nasce em Ouro Preto Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro Preto, professor, jornalista, presidente do ultimo Conselho de ministros da monarchia, falecido

em 21 de Fevereiro de 1912, em Petropolis (1836). Falece no Serro (Minas) Aureliano Lessa, nascido em 1828 em Diamantina, poeta (1861). — Nasce em Caxias (Maranhão) Coelho Netto, jornalista, professor, contista, romancista, teatrólogo, da Academia Brasileira, que faleceu em 28 de Novembro de 1934, no Rio (1864). — Falece em Porto Alegre Felix Xavier da Cunha, poeta, dramaturgo, nascido em 16 de Setembro de 1833 no Rio Grande do Sul (1865). — É assinado o decreto referendado pelo marquês de Paranaguá, ministro da Guerra, aprovando o regulamento para o serviço de fortificações do Imperio e para o das guarnições (1880).

22 A Cadeira de S. Pedro em Antioquia. — Festa comemorativa do dia em que São Pedro tomou posse do bispado de Antioquia, onde os seus discípulos começaram a ser chamados Cristãos (ano 39).

— **Santo Abilio.** — Ordenado padre em Alexandria, por São Marcos, e sucessor de Aniano na cadeira episcopal dessa cidade, que ocupou por espaço de treze anos. Morreu em 96.

— Falece no Rio o tenente-general Camilo Maria

Tonnelet (1831). — Falece no Rio Francisco Manoel da Silva e Melo, marechal de Campo (1837). — Nasce no Rio Alfredo de Escagnolle Taunay, visconde de Taunay, politico, historiador, romancista, musicista, engenheiro militar, da Academia Brasileira, que faleceu em 25 de Janeiro de 1899 na mesma cidade (1843). — Falece no Rio o cônego Januário da Cunha Barbosa, nascido na mesma cidade em 10 de Julho de 1770, vulto da Independência, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico (1846). — Falece no Rio Antonio Francisco Dutra e Mello, nascido na mesma cidade em 8 de Agosto de 1823, poeta delicado (1846). — Falece Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, senador por Pernambuco (1868). — Falece no Rio de Janeiro Victor Meirelles de Lima, notabilissimo pintor, nascido em Florianópolis em 1 de Agosto de 1832, que foi inhumado no cemitério de S. Francisco de Paula (1903).

23 São Pedro Damiano. — Doutor da Igreja. Nascido em Ravenna em 998, Damiano, desde a infancia, guardara pórco. Foi instruido na religião por um de seus irmãos e nomeado abade de Font-Avillana (Umbria) em 1041. O amor da solidão levou-o, em 1062, a renunciar ao cargo, e enclausurou-se definitivamente num eremitério onde morreu em 1072.

— **São Lázaro.** — Monge, nascido nos arredores dos montes Cáucaso. Queimaram-lhe a mão, por haver reparado as destruições dos iconoclastas, mas foi milagrosamente curado. Viveu seus ultimos anos em orações, e morreu no decurso de uma viagem a Roma, em 860 ou 870.

— Falece no Rio o marechal Raimundo José da Cunha Matos, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico (1839). — Falece em Santos Martin Francisco Ribeiro de Andrada, ministro de Estado, irmão e genro de José Bonifácio (1844).

24 São Roberto. — Nasceu em Arbrissel, perto de Rennes. Sua piedade e sua eloquência levaram-no a ser nomeado pelo papa Urbano II pregador apostólico e a ser escolhido para pregar a cruzada em Anjou, tarefa de que se desobrigou rapidamente e a contento. Morreu com a idade de sessenta e sete anos, no convento de Fontevrault, que fundara, e do qual era prior.

— **São Matias.** — Substituto do traidor Judas no collegio dos Apóstolos, supõe-se que evangelizou a Judéa e a Etiópia, onde teria sido crucificado no século I.

— Irrompe no Maranhão a revolução chefiada por Manuel Beckman (1684). — Nasce em Portugal Francisco Cordeiro da Silva Torres, visconde de Jurumirim, que adotou por pátria o Brasil, professor da Academia Militar do Rio, marechal de campo, ministro da Guerra, viador das princesas, do Instituto Histórico e Geográfico, como fundador (1775).

— São elevadas á categoria de cidades, por decreto imperial, todas as vilas que eram capitais de províncias (1823). — Combate naval do Banco das Palmas (1827). — Combate de S. Gonzalo, na guerra dos Farrapos (1838). — Instala-se o Instituto Histórico e Geográfico Riograndense, sob a presidência do general conde de Porto-Alegre (1860). — Falece no Rio Luiz Correia de Queiroz Barros, ministro do Supremo Tribunal (1908).

25 São Cesário. — Muito hábil na arte da medicina, tornou-se o primeiro médico de Juliano, imperador de Constantinopla, que o protegeu e livrou das perseguições que então estavam sofrendo os cristãos. Terminou a vida na solidão e morreu legando todos os seus bens aos pobres. Era filho de S. Gregório Nazianzeno. Afirma-se que só foi batizado ao morrer (século IV).

— **Santa Autrudes.** — Sobrinha de Santa Aldegundes, a quem sucedeu na direção do convento de Maubeuge. Sua morte remonta ao ano 675.

— O território do Rio Grande do Sul é elevado a capitania-geral com a denominação de «Capitania de São Pedro» (1807). — Nasce na cidade da Bahia, onde faleceu em 23 de Agosto de 1863, Agrário de Souza Menezes, brilhante intelectual (1834). — Nasce em Porto-Alegre Godofredo Xavier da Cunha, ministro do Supremo Tribunal (1860). — Falece no Rio João Mendes de Almeida Junior, professor, ministro do Supremo Tribunal (1856).

26 São Porfírio. — Nascido em Tessalônica em 353, praticou a vida religiosa no mosteiro de Scété. Ordenado padre aos quarenta anos, foi-lhe confiada a guarda do lenho da verdadeira Cruz. Obrigado pelo arcebispo a aceitar o bispado de Gaza, fez numerosas conversões entre a população pagã (353-420).

— **Santa Matilde.** — Retirou-se, muito jovem, para uma cela de reclusa, perto de Saint-Alban. Morreu em 1154, após as penitências que se impuzera durante a vida.

— Falece em Lisboa Diogo Gomes Carneiro, nascido no Rio em 9 de Fevereiro de 1618, «cronista-mór dos Estados do Brasil» (1676). — Falece João Frederico Caldwell, no posto de ajudante-general do Exército (1873). — Falece no Rio Antônio Rodrigues Fernandes Braga, ministro do Supremo Tribunal (1875).

27 São Leandro. — Nasceu em Cartagena em 540. Era irmão de Santo Isidoro. Como arcebispo de Sevilha, converteu vários principes visigodos, que eram arianos, o que o levou a ser exilado pelo rei Leovigildo. Entretanto, foi encarregado de instruir na fé católica o herdeiro do trono, Ricaredo, tarefa de que se desobrigou honrosamente.

— **São Galmier.** — Operário serralheiro, distinguido por Vivêncio, bispo de Lyon. Morreu em 650, aproximadamente, após haver sido elevado ao sub-diaconato, no fim da vida. Numerosos milagres foram observados no seu tumulo.

— **Santa Honorina.** — Virgem martirizada na Normandia no século IV, e cujo corpo foi transportado para a confluência do Oise e do Sena, onde hoje se ergue a cidade de Conflans-Sainte-Honorine.



Uma lâmpada de 100 watts junto à sua poltrona tomará repousante a leitura.



Junto à penteadeira duas lâmpadas de 40 watts permitirão uma maquilhagem mais perfeita.



A cozinha também requer boa iluminação: no mínimo uma lâmpada de 100 watts.



A vista de seus filhos exige proteção: uma lâmpada de 150 watts no teto, uma de 100 para a mesa.

E' MAIS LUZ QUE RECEBE DE GRAÇA!

• O brilho uniforme e duradouro da lâmpada Edison Mazda já é razão bastante para a sua preferência. Mas há agora uma nova razão: com o novo filamento **DUOSPIRAL**, a lâmpada Edison Mazda, com o mesmo consumo de corrente, dá até 20% mais de luz! Pense nisso e utilize, em seu próprio proveito, todas essas vantagens.



GENERAL ELECTRIC

— Falece no Rio José Xavier de Noronha Camões de Albuquerque Souza Muniz, marquês de Angeja, marechal, governador de armas da Corte e capitania do Rio de Janeiro (1811). — Nasce em São Paulo Eduardo Prado, jornalista, historiador, ensaísta, bibliófilo, do Instituto Histórico e da Academia Brasileira, que faleceu em 30 de Agosto de 1901, na mesma cidade (1860). Falece no Rio D. Francisco Baltazar da Silveira, ministro do Supremo Tribunal (1887). — Reconhecimento e tomada de Laureles, na guerra do Paraguai (1868).

28 São Romão e São Lupicino. — Foram educados os dois irmãos no convento de Ainay. Quando Lupicino, a instâncias do pai, se casou, seu irmão entrou pelos desertos do Jura para aí viver na solidão. Ao cabo de alguns anos, Lupicino foi unir-se de novo ao irmão, e fundaram os conventos que ainda conservam os seus nomes. — Naufraga na entrada da barra do Rio Negro, na República Argentina, a corveta «Duquesa de Goiás» (1827). — Falece na vila de Caeté (Minas) José de Sá-Bittencourt e Accioli, denunciado como inconfidente e auxiliador da luta bahiana pela independência (1828). É assassinado na Bahia José Egídio Gordilho Velloso de Barbuda, visconde de Camamú, presidente e comandante de armas da província (1830). — Inicia-se no Rio o Carnaval com carros alegóricos (1854). — Falece em Lisboa Paulo José da Silva Gama, segundo barão de Bagé, brigadeiro, presidente da província do Pará (1868). — Falece em Niterói Joaquim Caetano da Silva, nascido em Jaguarão (R. G. do Sul) em 2 de Outubro de 1810, doutor em medicina pela Faculdade de Montpellier, professor, reitor do Colégio Pedro II, historiador, erudito, autor da célebre obra «L'Oyapock et l'Amazonie», do Instituto Histórico, patrono da cadeira 19 da Academia Brasileira (1873).

MARÇO

1 Santo Albino. — Após uma vida que pôde ser citada como um modelo de piedade, foi elevado ao episcopado de Antuérpia. Obteve do rei Childeberto, em 528, a reunião de um concílio em Orléans e contribuiu eficazmente para que se pronunciasse a nulidade dos casamentos entre parentes. Morreu em 549.

— Mem de Sá transfere a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro do ponto em que a fundára Estácio de Sá, no morro Cara de Cão, para o morro do Castelo (1567). — Jacome Raimundo de Noronha toma aos ingleses o forte Felipe, à margem esquerda do Amazonas (1631). — Nasce em Meia-Ponte (Goiás) Joaquim Xavier Curado, conde de S. João das Duas Barras, guerreiro, tenente-general, falecido em 15 de Setembro de 1830 no Rio e sepultado nas catacumbas da igreja de S. Francisco de Paula, de onde os seus despojos foram transferidos para o cemitério da Ordem de S. Francisco de Paula (1743). — Nasce Felix Emilio Taunay, barão de Taunay, na França, falecido no Rio em 10 de Abril de 1881, preceptor de D. Pedro II, professor da Academia de Belas Artes, da qual foi diretor, e membro da Missão Artística de 1916, mandada vir por D. João VI (1795). — Nasce na Bahia José Antonio Saraiva, que ali faleceu em 21 de Julho de 1895, deputado, senador presidente de Piauí, Alagoas, Pernambuco e São Paulo; ministro da Marinha, do Império e da Fazenda, e depois senador pela República, cargo a que renunciou logo depois de haver tomado assento (1823). — Inaugura-se o curso jurídico em São Paulo (1828). — É proclamada por Caxias a pacificação do Rio Grande do Sul, agitado desde 1835 pela revolução dos «Farrapos» (1845). — Nasce na Bahia Rozendo Muniz Barreto, falecido no Rio em 18 de Fevereiro de 1897, poeta e médico (1845). — Termina a guerra do Paraguai (1870). — Falece no Rio o senador Candido Mendes de Almeida, nascido no Maranhão em 14 de Outubro de 1918, deputado, senador, jurista, geógrafo, historiador (1881). — Falece em Petrópolis Ruy Barbosa sepultado no cemitério de S. João Batista, nascido na cidade do Salvador em 5 de Novembro de 1849, jurista, orador, ministro de Estado, notável cultura, verdadeiro gênio, da Academia Brasileira (1923).

2 Os 80 mártires. — Festa instituída em memória de oitenta mártires, mortos pelos lombardos por se haverem recusado a adorar uma cabeça de cabra. Não se conhecem os seus nomes. Sabe-se apenas que foram todos reunidos para um mesmo suplício e que nem um só vacilou diante dos tormentos. Calcula-se datar de 630, aproximadamente, o suplício.

— Falece no Rio, onde nascera em 24 de Novembro de 1762, o padre Souza Caldas, orador sacro, poeta, patrono da cadeira 34 da Academia Brasileira (1814). — É assassinado na Bahia o brigadeiro José Eloi Pessoa, governador de Sergipe, do Instituto Histórico (1841). — Falece no Rio Grande Jean de Montigny, nascido em Paris em 1776, da missão artística de 1816, notável arquiteto, sepultado nas catacumbas do convento de Santo Antônio, (1850). — É decretada a concessão da Estrada de Ferro São Paulo — Rio de Janeiro, inaugurada em 7 de Julho de 1877, no trecho S. Paulo — Cachoeira (1872). — Falece em S. Paulo Martin Francisco Ribeiro de Andrada, nascido na França quando do exílio de seu pai, ministro dos Estrangeiros e da Justiça, professor da Faculdade de Direito (1886).

3 São Gucnolê. — Venerável solitário, fundou o primeiro convento da Bretanha, em Landevenec após haver, mediante suas orações, libertado milagrosamente a ilha Verde das numerosas serpentes e fêras que a infestavam. Morreu em idade muito avançada, em 527 mais ou menos. É, com Santo Ivo, um dos santos mais venerados da Bretanha.

— É confirmada por D. João III a doação da ilha de S. João feita por D. Manuel a Fernando de Noronha (1529). — Carta régia criando a capitania do Rio-Negro (1755). — Falece no Rio e é sepultado no convento de Santo Antônio o brigadeiro Gonzalo Marinho de Castro (1822). — Falece no Rio e é sepultado no cemitério de S. Francisco Xavier o tenente-general e professor da Academia Militar Manoel da Costa Pinto (1852). — Falece em Ouro-Preto o conselheiro Diogo Pereira de Vasconcelos, presidente das províncias de S. Paulo e Minas, Ministro da Justiça (1863).

... dias tranquilos

mercê do
OVARIUTERAN
Contém o hormônio
feminino

Um produto ★ Raul Leite ★

4 São Casimiro. — Filho de Casimiro IV, rei da Polónia e de Isabel da Austria. Disputou a coroa da Hungria a Matias Corvin. Não teve a felicidade de se sair bem da empresa e retirou-se para o castelo de Dobsky, onde se entregou á pratica da mais completa piedade. Morreu em Wilna. Padroeiro da Polónia (1458-1483).

— **Santa Walburges.** — Religiosa celebrada por seus milagres. Era filha de São Ricardo, rei dos Saxónes. Morreu em 779, como superiora do convento de Heldenheim, por ela fundado e onde não cessou de dar exemplo de todas as virtudes.

— Nasce na Bahia José Joaquim Carneiro de Campos, marquês de Caravelas, que faleceu no Rio em 8 de Setembro de 1836, regente do Imperio em 1831, senador (1768). — Nasce em Macacú (E. do Rio) Manoel Valladão Pimentel, barão de Petrópolis, prof. da Faculdade de Medicina, que faleceu em 30 de Novembro de 1882 no Rio (1802).

5 Santo Adriano. — Confessou a fé em Cesaréa, na Palestina, e sofreu o martírio com a maior firmeza, no proprio local do seu apostolado, no ano 309. Arrastados pelo seu exemplo admirável, numerosos pagãos se converteram imediatamente á religião cristã e partilharam logo dos seus tormentos.

— **Santa Donina.** — Cristã da Antioquia, morta afogada com suas duas filhas, no decurso de uma perseguição, no século IV. São João Crisóstomo fez o seu elogio.

— Nasce na Bahia Manoel Ferreira de Araújo, que faleceu no Rio em 24 de Outubro de 1838, que foi redator da «Gazeta do Rio de Janeiro» (1777). — Decreto do príncipe-regente D. João organizando a Repartição dos Correios (1809). — Falece no Recife José Roberto Pereira da Silva, marechal de campo (1819). — Falece no Rio o

coronel Conrado Jacob de Niemeyer, um dos fundadores do Instituto Histórico (1862).

6 São Basílio. — Nomeado bispo de Bolonha no primeiro terço do século IV, edificou sua grei pelo exemplo.

— **São Fridolino.** — Consagrou a vida toda ao bem e á glorificação da fé. Seu vulto perdurará como um modelo de piedade.

— Rebenta em Pernambuco a revolução republicana (1817). — É escolhida a Vila Real da Praia Grande — depois cidade, com o nome de Niterói — para capital da província do Rio de Janeiro (1835). — É elevada á categoria de cidade a vila de São João d'El-Rey (1838). — Morre assassinado na revolução pernambucana, sendo sepultado na Igreja de N. S. do Paraíso, no Recife, o coronel Manoel Joaquim Barbosa de Castro (1817). — Falece o tenente-general Francisco de Borja Garção Stockler, barão da Vila da Praia (1829). — Falece no Rio e é sepultado nas catacumbas de São Francisco de Paula D. Francisco de Assis Mascarenhas, marquês de S. João da Palma, governador em Goiás, Minas, São Paulo e Baía (1843). — Falece em São Paulo Joaquim Bento de Oliveira Junior, presidente das províncias de Sergipe e Paraná (1878). — Nasce no Recife Silva Ramos, professor, filólogo, poeta, da Academia Brasileira, que faleceu em 16 de Dezembro de 1930 no Rio (1853). — Falece em Petrópolis o dr. Luiz da Cunha Feijó, visconde de Santa Isabel, nascido no Rio em 1 de Junho de 1817, professor e diretor da Faculdade de Medicina do Rio e membro do Instituto Histórico (1881). — Falece no Rio o grande botânico João Barbosa Rodrigues, natural da mesma cidade (1909).

A falencia do Diabo

Conto de ADRIEN VÉLY

— Ah, estás aí? disse Nosso Senhor ao Diabo, a quem não via há uma eternidade. — Bem imperioso deve ser o motivo que te traz à minha presença...

— Imperioso, Senhor, tendes razão... respondeu o Diabo. — Do contrario nunca me atrevera a vir distrair-vos das vossas augustas ocupações.

— Dize então do que se trata.

— Não vos zangareis comigo, Senhor?

— Bem sabes que sou clemente.

— Pois bem, Senhor... Cheguei a situação tal que me pergunto a mim mesmo si o mundo que fizestes estará realmente bem feito.

— Eis uma pergunta que se faz desde o proprio dia em que ele foi criado. E tu bem sabes disso, pois conseguiste persuadir Eva de que a ordem que eu estabelecera podia ser aperfeiçoada.

— Simples questão de apparencia, Senhor... O edificio que haviéis levantado parecia duma solidez a toda a prova e dum equilibrio perfeito. Dum lado, Vós que atraíeis as almas ao vosso seio, com a isca das felicidades futuras; do outro, eu que tentava desviá-las de Vós com a isca das venturas imediatas. Havia uma rivalidade louvavel e fecunda...

— E não continua a haver? observou Deus.

— Desgraçadamente, não, Senhor. E eis porque venho confiar-vos as minhas penas. Deixou de reinar o equilibrio. Os meus negocios vão de mal a peor. E estou em vésperas de falir.

— Que me contas! exclamou Nosso Senhor. — Não me consta, todavia, que os dominios da virtude hajam tomado na Terra tal extensão que estejas ameaçado de falta de trabalho. O contrario é que me parece mais próximo da realidade.

— Com efeito, Senhor. E eis justamente a causa da minha ruina.

— Não compreendo.

— Eu explico, Senhor: Os meus negocios vão de mal a peor, porque caminham bem de mais.

— Aí está uma condição de que eu me não queixaria, si ela se desse comigo.

— Acredito; e é facil de dizer por que. O que Vós oferecis aos mortais é inesgotavel porque é imaterial. O mesmo se não dá comigo, que só lhes ofereço vantagens materiais. E' pagando-lh'as em bens materiais que eu lhes compro as almas. Ora, Senhor, nunca houve tantas almas à venda como nestes últimos tempos. São de mais! Dir-se-ia terem rebentado os últimos freios que retinham as paixões. Sinto que vou ao fundo, Senhor, literalmente ao fundo!

— Quanto mais fundo melhor para ti. E' o teu elemento. De que te queixas?

— Disto, Senhor: a lei da oferta e da procura deixou de regular, ou antes: regula contra mim. A principio aguentei firme. Comprei a mais não pôder. Dei tudo: fortuna, honrarias, mulheres. Hoje nada me resta. A minha caixa está vazia. Não tenho mais um soldo, nem um emprego, nem uma mulher a distribuir. E, si amanhã o doutor Fausto apellesse para mim, ver-me-ia obrigado a dizer-lhe que Margarida matou já o terceiro filho e que não vale a pena remoçar, porque, sentimentalmente, todos os moços de hoje são mais ou menos velhos. Eis a situação a que cheguei: dum lado, um estoque de almas tão superior às minhas previsões que não tenho onde as arrumar; do outro, mais almas ainda, milhões de almas insistindo para que eu as compre. Acabaram-se os recursos, estou esgotado. Excesso de mercadoria, falta absoluta de capital... E' a falencia!

— E que queres tu que eu faça? perguntou Nosso Senhor.

— Bem sei... resmungou o Diabo — é essa a vossa frase predileta... Dizendo-a, julgais ter dito tudo... Mas, Senhor, eu desejava apenas que me ajudasseis um pouco!

— Como?

— Não poderíeis, por exemplo, antecipar o dia do Juizo Final?

— Tens cada uma! Fazes-me essa proposta justamente quando a ocasião é mais desfavoravel para mim.

— Mas de quem é a culpa, Senhor?

— Achas que me caiba alguma responsabilidade?

— Assim ousa supor, com todo o respeito que vos devo.

— Quizera bem conhecer o teu raciocinio nesse sentido.

— Pois bem, Senhor, atrevo-me a presumir que no nosso antagonismo não procedeis com a necessaria boa vontade. Si recolhesseis muito mais almas — desembaraçando-me, por consequencia, a mim, doutras tantas — si vos esforçasseis um pouco mais por essa aquisição... Mas, aquí para nós, começais por não cuidar devidamente da vossa publicidade. Que propondes às aspirações dos mortais? A renuncia, a abstinencia, as flagelações. Si julgais que são coisas tentadoras, essas, ao lado dos artigos que eu ofereço!... Em verdade vos digo, Senhor: a luta entre nós dois é desigual.

— Assim eu quiz que ela fosse.

— E estais vendo o resultado! Si eu tivesse bastante coragem, bastante audacia para vos dar um conselho...

— Podes dar.

— Emprazar-vos-ia a tornardes o acesso ao céu mais facil, mais amavel, mais atraente. E com isso ganharíamos ambos.

— Desengana-te... respondeu Nosso Senhor. — Falas como todos aqueles que não estão habituados a estudar as coisas a fundo. Facilitar o acesso ao céu! Onde iríamos parar? Ora, dize-me francamente: Não haverá entre as almas que povoam os teus dominios algumas que não tenham pecado bastante para merecer as chammas eternas?

— Francamente, Senhor, há e não poucas. E às vezes reflito que, comparado o que lhes ofereci ao que elas me deram, as pobres almas se deixaram roubar no negocio.

— Desconfiava disso mesmo. E quero que saibas, em troca, que tambem muitas das almas recolhidas à minha mansão não mereciam cá estar. Vês, portanto, que o melhor será deixarmos as coisas como estão.

— Mas, enquanto elas não mudarem, não poderei fechar o meu balanço!

— Qual! Sempre arranjarás meio de te aguentar... no balanço. Não és tu o mafarrico?

— Ah!

— Que foi?

— Tenho uma idéia!

— Qual?

— Parece impossivel que, até agora, me não lembrasse disto. Sim, sim! Há uma coisa que eu ainda não ofereci aos mortais. Vou-lh'a oferecer agora.

— E que vem a ser?

— O céu. E, oferecido por mim, garanto que todos aceitarão.

— O céu! Queres oferecer o céu! E chamas a isso uma grande idéia! Coitado! Parece que começas realmente a ficar velho...

— Talvez, Senhor... E é por isso que me faço ermitão!

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios
nas Exposições de Sevilha e Antuerpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo
em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — 63\$000; seis meses — 32\$000.
Registrada: Um ano — 80\$000; seis meses — 40\$000.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — 170\$000; seis meses — 90\$000.
O número avulso custa 1\$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2\$000.
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro.
Telefones — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.

Sucursal em S. Paulo: Largo do Paissandú n.º 124. Telefone: 4-6070

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originaes enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datillografados, e os
trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

— Propriedade de COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito —

LIVROS NOVOS

NO DELÍRIO DA VIDA, romance de Clovis Nogueira de Sá — São Paulo, 1941.

«Ao sul da serra da Canastra, à margem direita do Rio Grande, ampliando a pequena elevação que topava, formando barrancas de regular altura, as águas do formoso rio, estava plantado o vetusto casarão, o solar de uma família que nem de linhagem nobre era, nem parentela com os rudes da região trazia; nem ilibada era, nem mergulhada em vicissitudes; nem possuía lustroso passado, e no entanto, não tão penoso.»



Assim principia o romance do sr. Nogueira de Sá. O estilo, como se vê, é trabalhado, preciosamente adornado de reminiscências clássicas. Logo se depreende que o romancista frequentou os mestres antigos e passeou algum tempo, mais do que com interesse de aprender, com verdadeiro entusiasmo admirativo, pelas obras de Camilo Castello Branco. Faltalhe, porém, como também se nota no parágrafo acima transcrito, adquirir a justeza e a clareza tão necessárias a qualquer realização de arte. Por vezes o motivo principal da descrição fica para trás e quasi se perde, por efeito da precipitação e da aglomeração dos incidentes. Mas tudo isso indica, sem dúvida, uma facilidade, uma espontaneidade laboriosa que é o reflexo da vocação poderosa. O resto se seguirá, forçosamente, há de vir. Já Maupassant, narrador exemplar, dizia que a última conquista, o supremo aperfeiçoamento era a simplicidade.

No Delírio da Vida desenvolve os amores de Luiz Antônio, filho dum fazendeiro, moço familiarizado com os poetas e dado, ele próprio, a versejar, e de certa moça, filha dum colono da propriedade. Está claro que essa inclinação do rapaz sofre a hostilidade paternal. E a ação, ora romanesca, ora aventureira — e entremeadas das poesias, algumas bastante longas, que Luis Antônio vai produzindo, encaminha-se para um lance trágico e logo depois para a definitiva ventura do herói — com outra heroína.

MATEMÁTICA DIVERTIDA E FABULOSA, de Mello e Souza — Rio de Janeiro, 1941.

O orientalista Malba Tahan anda pelas Mil e uma Noites como nós por nossa casa e rivaliza em português com o Dr. Mardrus que maravilhosamente traduziu para o francês todas as maravilhas do gênio de Scheherazade. Há porém, na individualidade de Malba Tahan outra tendência não menos peregrina e que, à primeira vista, se nos afigura, irreconciliável com o autor de tantos contos e apólogos imaginativos. É a paixão da matemática. Como se admitiria, com efeito, que aos surtos inventivos do narrador se aliasse o apego aos algarismos que exigem tanta reflexão e tanta serenidade? Como se acreditaria que, na mesma mentalidade, se harmonizassem as criações da poesia e as lucubrações do problema e do cálculo? Mas assim realmente se dá. E é por ele próprio reconhecer a anomalia, a contradição das duas obras que, passando dum para outra, Malba Tahan se converte no professor Mello e Souza.

Este volume encerra um sem numero de curiosidades relacionadas com a aritmética, a geometria, a álgebra, a trigonometria. Não raro, porém, as matérias assumem uma forma de jovial interesse ou regalado passatempo. São problemas atraentes, e alguns dos quais do gênero ovo de Colombo; operações com caráter de anedota; equívocos engraçados, com a competente correção; toda a sorte de enigmas e recreações... E o trabalho do sr. Mello e Souza está consideravelmente enriquecido pelo esforço dos colaboradores, especialistas ou curiosos do Rio e dos Estados, que responderam ao apelo das seções por ele mantidas na imprensa.

GOTAS DE ORVALHO, poesias de Francisco de Paula Mayrink Lessa — Rio de Janeiro, 1941.

O título tem um sabor antigo, mas o livro também. O sr. Mayrink Lessa não aderiu nem parece, por enquanto, disposto a entregar-se à corrente ansiosa de ineditismo, de «diferentismo», que leva certos poetas a tanto se repetirem e tanto se parecerem uns com os outros...

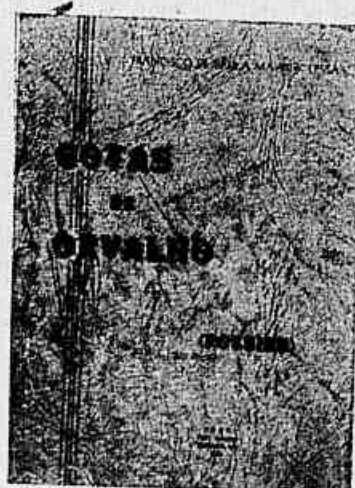
Longe de nós a intenção de significar com isto que o rimador das Gotas de Orvalho não procura fazer obra legitimamente sua. Não se nota, nestas composições em geral trabalhadas a capricho, sinal algum de imitação. Não se encontra vestígio de qualquer escola ou doutrina especial. São versos que evidentemente obedecem a pensamentos espontâneos ou emoções sinceras. E não é essa a menor virtude do livro para nos interessar e se impôr á nossa simpatia, já nos falando de amores moços e de afeições familiares, já nos descrevendo a beleza sagrada da pátria, ou nos repetindo a seu modo páginas de História ou ainda nos oferecendo a lição duma grave filosofia, como no soneto que se segue, intitulado Ter e Ser:

Há sempre quem se ufane: «Eu sou um justo!»
«Meu sonho é ser um dia um potentado!»
«Meu sonho é ter milhões!» «Eu sou amado!»
«Sou varonil!» «Sou belo!» «Sou robusto!»

Em toda parte se ouve: «Eu tenho o busto
De honrosos galardões ornamentado!»
«Eu serei um Artista iluminado!»
«Terei a fama de um talento augusto!»

«Imortal quero ser ou ter Superbus
Por nome!» — E a miseranda humanidade,
Por influencia apenas de dois verbos

— Ter e Ser — partilhando a mesma sorte,
Odeia-se, repele-se... E a verdade
É nada ter e nada ser... é a morte.



QUEM FOI O VERDADEIRO FUNDADOR DA CIDADE DE SÃO CARLOS? separata da «Historia da fundação de São Carlos», de Assis Cintra.

Quem fundou a povoação que é hoje a bela e opulenta cidade paulista de São Carlos? Vários publicistas atribuíram essa criação á família Botelho, isto é aos herdeiros do paulista ilustre, figura respeitada do Imperio, Carlos José Botelho. Mas o sr. Assis Cintra considera

essa versão um «desacerto histórico». Para poder emitir tal juízo, recorreu a várias obras, escrupulosa e pacientemente rebuscou em registros e arquivos. Devia, porém, ao cabo da tarefa, dar-se por bem recompensado, como todos os pesquisadores que encontram a definitiva verdade.

O fundador de São Carlos foi Jesuino José Soares de Arruda. E ninguém que leia este opusculo poderá ter a tal respeito a menor dúvida.

EM BUSCA DO AMOR (A VIDA DE GEORGE SAND) biografia-panegírico por MARIE JENNEY HOWE, tradução de Adalgisa Nery — Rio de Janeiro, 1941.

Depois de fazer o curso de Teologia na Pensilvânia e de exercer o sacerdócio na Primeira Igreja Unitariana, em Des Moines, tornou-se Marie Jenney Howe paladina notável do movimento feminista. Essa mudança nos dá bem, no primeiro momento, a impressão dum salto por cima dum abismo. Entre uma pastora de almas, como a poderemos imaginar, e uma chefe sufragista como nos habituamos a considerar as generais que obedeceram ou sobreviveram á marechalíssima Mrs. Pankhurst, a diferença equivale a uma reviravolta completa ou uma metamorfose. Mas sem dúvida a autora deste livro relacionou harmoniosamente as duas missões, pondo-lhes ainda de permeio a condição de esposa do Sr. Frederick Howe. E, eis-la por fim entregue á tarefa, não menos proveitosa nem menos bela que as outras duas, ao trabalho de evocação e reconstituição de que havia de sair, revestida duma espécie de atualidade, a figura estranha e magnífica de George Sand.

Longo, esforçado, ardoroso empreendimento este. Como se poderá dizer de tal personagem alguma coisa além do que escreveu Balzac, do que se consignou em milhares de prefácios, estudos, anotações e do que está nas enciclopédias? Daquela que começou por se chamar Amandine-Lucie - Aurore Dupin, e, depois de se batizar a si mesma Jules Sand, se crismou definitivamente, para a imortalidade, nada há a contar que surpreenda ou sequer interesse. Assim, com efeito, qualquer refletiria... Marie Jenney Howe, porém, pensou e concluiu doutra maneira.

Resolveu consagrar um período da sua vida á procura do que não houvesse sido exatamente relatado ou com absoluta clarividência comentado. Decidiu dar áquilo a sinceridade do coração religioso e a veemência do espírito de combatente — e aí temos as verdadeiras conjugadas dos ideais das duas fases anteriores da sua carreira. Partiu para a Europa. Durante dois anos pesquisou e se documentou, não se furtando a diligência alguma de que pudesse resultar mais um dado ou um pormenor, não aceitando sem verificação ou prova bastante as versões que a outros historiôgrafos bastariam — e encheriam de júbilo. Assim a obra se tornou tanto quanto possível completa — e até as cenas e trechos de diálogo do gênero «biografia romanceada», podem ser aqui tomados como de estreme, indubitável veracidade.

Com a sua sensibilidade de poetiza fidalga e o seu capricho de superior artista, a sra. Adalgisa Nery fez do livro de Marie Jenney Howe uma tradução cativante.



LETRAS BAHIANAS, estudos pelo sr. Alexandre Passos — Rio de Janeiro, 1941.

São dois trabalhos cuidadosamente organizados e os quais nada de importante ou útil deixam por indicar a respeito do assunto em questão. Foi necessário fazer obra rápida e sucinta, para corresponder aos limites habituais das notícias de certo anuário. Mas o sr. Alexandre Passos, autor já dalguns livros e jornalista deveras experimentado, soube condensar, reduzir o texto, sem prejuízo da clareza nem do interesse da exposição. E aqui temos, numa brochura de trinta páginas, os dois temas: Uma fase de transição da imprensa bahiana e A literatura bahiana nos últimos quarenta anos, tratados de maneira a resultar um repatório de informações que qualquer de nós, mais dia ou menos, poderá ter necessidade de consultar.

A ILUSÃO MAÇÔNICA, artigos de Ramos de Oliveira — Rio de Janeiro, 1941.

O sr. Ramos de Oliveira acha que os adeptos da Maçonaria nutrem uma ilusão inferior, a todos os respeitos perniciosos, e que, portanto, é de utilidade publica atacar, desmoralizar tal instituição. Assim pensando e escrevendo, está o sr. Ramos no seu direito; e, além disso, difícil lhe seria defender a ordem de idéias oposta no lugar em que publicou parceladamente o seu libelo. Trata-se de artigos redigidos para o órgão oficial da Diocese de Juiz de Fora; e a colectanea traz agora o Imprimatur do bispo D. Justino.

Começa o articulista por uma curta notícia das sociedades secretas em geral; e, sempre em pequenos capítulos, vai tratando da Maçonaria, para lhe negar os títulos que ela alega, de beneficência, patriotismo, honestidade, confraternização, religiosidade, etc. Tudo, por estas sessenta e tantas páginas além, acusa o mesmo ardor combatente; e não se deve duvidar da sinceridade do autor, como não seria justo tachar sistematicamente de má fé os que procuram sustentar a causa contrária.

PRUDENTE DE MORAES, SOFRIMENTO E GRANDEZA DUM GOVERNO, conferência de Rodrigo Octávio (filho) — Rio de Janeiro, 1942.

As celebrações do centenário de Prudente de Moraes deram ensejo ao sr. Rodrigo Octávio (filho) para mais uma das suas tão solicitadas e tão admiradas conferências. Não é de ontem a sua notoriedade no gênero. A palestra literária não nos faz prezar diferentemente a individualidade em que tão ditosamente se associam o pensador, o poeta e o artista. Constitue, porém, uma confirmação valiosa e — é duplamente o caso de se dizer — eloquente. Mostra-nos um biógrafo nobremente orientado e um comentarista de subtileza e brilho nada comuns. Como em Osório, panegírico em que ha surtos de poema heroico, e na Vida amorosa de Liszt, por onde passam acordes inspirados e ressoam cheios de grande orquestra, nos apaixona pelos seus assuntos e trata de lhes dar o máximo possível de elevação e de formosura. E, enquanto llamos a presente plaquette, recordávamos e regosávamos o jubilo de, na sessão comemorativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ter ouvido tudo isto na bela voz que tão bem corresponde á bela figura do conferencista.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio. Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma ação certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

REVISTA BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA

Edição do Instituto Brasileiro de Estatística, a "Revista Brasileira de Estatística" vem circulando há dois anos com apreciável quantidade de dados, informações, notas, etc.

Recebemos o número 7, referente a Julho e Setembro de 1941.

Aos que se dedicam ao estudo de nossa evolução, notadamente no campo da economia, o volume em causa é, como os anteriores, de real utilidade.

A feição gráfica do livro é agradável.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Prato do dia...



-Um prato de "espaguêti".
-Não ha mais.



-E frutas? Tem "caqui"?
-Não tem mais.



-Um pouco de "chucrête".
-Acabou-se.



-Só bife ou caviar, com dois pausinhos, a' americana.

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

Mal se perdiam os rumores do Carnaval, que acabava, eram os brasileiros violentamente chamados à realidade por dois acontecimentos de significação imensa que teem sido comentados largamente: o torpedeamento de dois navios nossos — o "Buarque" e o "Olinda" — levado a efeito pelos alemães.

Já no conflito mundial passado, de 1914 a 1918, chamado então a Grande Guerra — que em verdade foi pequenissima diante da atual — já então o Brasil era incompreensivelmente agredido pela Alemanha, cujas naus, useiras nos métodos de pirataria, afundaram três unidades mercantes nossas, levando-nos à guerra. Voltam agora os sonhadores da hegemonia — ou, melhor, do domínio do mundo, à prática dos seus processos criminosos.

Com o "Olinda", ao que se sabe, culminou a deshumanidade, porque a embarcação indefesa, perseguida à luz do sol, só foi atacada a repetidos tiros de canhão, rematados por torpedos que a afundaram, quando a noite propiciava à tripulação pouquíssimas probabilidades de salvamento.

Não se pode, a bem dizer, tenha sido de surpreender essa realidade dolorosa, porque a um povo que vem fusilando aos milhares e milhares as populações civis, o afundamento de navios mercantes de uma nação que não se encontra em estado de guerra é um ato natural que não pesará na consciência nem ferirá as convenções estabelecidas entre as nações civilizadas.

Mais um episódio glorioso a enriquecer os muitos outros semelhantes que enfeitam a história da Alemanha...

—oOo—

O "CANGACEIRO DO REALENGO". — A polícia deteve um malfetor de raça, primo de Antônio Silvino.

Dias antes, num improviso, assaltara ele um café na estrada de Santa Cruz, ameaçando a todos com as pistolas apontadas, logrando êxito completo e a colheita de perto de sete contos de réis. Chama-se José de Brito e tendo tido baixa recente de soldado do Exército, andou a auxiliar um agiota, como cobrador, favorecido pela fama de valente que já alcançara.

José de Brito comprazia-se em adquirir armas e munições, e no seu barracão foram encontrados pistolas, uma *parabellum* e copiosa munição, além do clássico facão e da indumentária completa dos cangaceiros.

Entretanto — aí é que há algo de curioso — quando a polícia penetrou no barracão, o cangaceiro, ao invés de empunhar uma das armas e reagir, levantou-se e chorou...

Qual! O mundo está mesmo transformado! Onde é que se viu um membro do cangaço deixar de receber o inimigo a tiros ou a facadas, para acolhê-lo com lágrimas?

E' o primeiro cangaceiro lírico que os anais da polícia registrarão.

—oOo—

A FILMAGEM DO CORPO HUMANO. — Notícias de S. Francisco da Califórnia adiantam que é possível obter-se, segundo declaração do famoso radiologista Edward Chamberlain, uma película cinematográfica do corpo humano, com infinitas vantagens sobre as imagens que o Fluoroscópio proporciona na atualidade.

O eminente cientista acredita que, com o microscópio de electrons e o aparelho

de televisão electrónica, pode aquela filmagem ser, em futuro bem próximo, uma realidade.

A tornar-se uma verdade a pretendida invenção, terá o mundo de assistir a uma verdadeira revolução no campo da Medicina, tendo os médicos elementos precisos para os diagnósticos.

De modo que exatamente no instante em que a humanidade se aniquila na mais pavorosa carnificina, aparece no horizonte uma promessa alviçeira, de poder ser prolongada a vida dos que ficarem sobre a terra.

—oOo—

O ARSENAL DO CABO. — São Paulo assistiu a uma cena com pormenores de filme. O protagonista foi um cabo do Exército, pobre Pierrot abandonado pela Colombina, que resolveu lavar em sangue o seu fracasso amoroso.

Para tanto, armou-se com um fuzil, porque não lhe era possível, como talvez desejasse, carregar uma metralhadora; foi à pensão da mulher ingrata e meteu medo a todo o mundo.

A mulher tirana escondeu-se no banheiro e um dos hóspedes da pensão armou uma barricada, cortando o caminho ao cabo furioso com o fechamento da porta da cozinha. Assim mesmo, o galã *manqué* resolveu fazer fogo e — não está explicado na notícia como se deu o caso de apanhar dois coelhos com uma cajadada — conseguiu ferir a ingrata e o hóspede intrometido.

Entretanto, o cabo levava um arsenal de munições! Noventa balas, bem contadinhas para a *blitzkrieg*.

Para outra vez, ele já sabe: ou levará um *tank*, para deitar abaixo o banheiro e a cozinha, ou se apresentará com novecentas balas...

—oOo—

PARA EVITAR MAL MAIOR... — O *Evening Standard*, de Londres, conta a história impressionante e exemplar de um destroyer que foi sacrificado em benefício do salvamento de um grande transatlântico que ia do Canadá para a Escócia levando uma preciosa carga de mil pilotos do ar.

Chegando à zona perigosa, o transatlântico, que era escoltado por um destroyer e uma corveta, foi atacado pelos submarinos alemães. Primeiro torpedeado, segundo... mas de alvo falhado. O terceiro, porém, foi despedido em cheio sobre o navio-transporte. Percebido do destroyer o sulco do torpedeado, a nau de guerra foi levada, sem vacilação, a interpôr-se entre o transporte e a máquina explosiva. O resultado não se fez esperar: o destroyer, atingido, explodiu, e a corveta da escolta apenas conseguiu recolher sete dos cem tripulantes do navio sacrificado.

Mas salvaram-se os mil pilotos do ar.

E' uma página que faz meditar e que deixa bem claro o espírito de iniciativa do marinheiro inglês.

—oOo—

CARNAVAL. — A semana que passou teve os dois primeiros dias consagrados ao Reinado de Momo. Os dois últimos do tríduo.

O Carnaval não foi, em essência, melhor nem pior do que os outros. Houve, entretanto, quem notasse um pouco menos de animação, um pouco menos de gente. Acaso ou propósito?

Teria sido devido a um clamor da consciência, a dizer bem alto que não deveria haver Carnaval?

Aí está uma cousa indecifrável.

E' tão angustioso o momento mundial, que bem melhor seria tivessem os foliões sopitado os seus ímpetos carnavalescos e adiado o delírio, a nevrose, o pandemônio para outra oportunidade menos triste.

—oOo—

O SULTÃO DIVINO. — O sultão divino comandava uma seita de fanáticos em Alagoas. Um extranho "pai de santo", com alçada para impôr castigos horróridos, com o objetivo da purificação espiritual e material dos crentes da nova religião, e poder discricionário sobre todos eles.

Afinal, um dia a casa caiu. A polícia deitou a mão em grande número de fanáticos da perigosa seita e em breve a exterminará. A diligência foi levada a efeito pelo capitão da polícia alagoana João Bezerra, o mesmo que, há tempo, liquidou o bando atrevido de "Lampeão".

De tudo, porém, o mais notável é o título que ao "pai de santo" os fanáticos davam: Sultão!

Não é que ele era mesmo um arremedo, dos velhos sultões da Turquia?

Pelo menos, era chamado "Sultão divino de mais de cinco esposas"...

RIGADIN

Consultório odontológico

A-B-C (Amazonas) — O atual curso de odontologia é feito em três anos. Está para ser publicado o texto de nova reforma do ensino secundário e superior, da autoria do ministro da Educação e Saúde dr. Gustavo Capanema.

Segundo informações que obtivemos, o mencionado curso passará a ser feito em quatro anos e novas disciplinas serão adotadas.

Jonatas Monteiro (Minas Geraes) — Evitar os pós dentífricos, muito especialmente os que são preparados com pó de pedra pomes e cascas de ostras.

Tertuliano Novaes (S. Paulo) — O livro de que me fala em sua presadíssima carta foi editado em 1901.

Por esse motivo o colega não o encontrou nas livrarias.

Ernani Martins (Rio Grande do Sul) — Parece ter existido, no Brasil, alguém que se dava ao comércio de dentaduras.

Conta-nos a história que na cidade de Tiradentes (talvez por influência do nome) havia um artista muito habilidoso que as confeccionava em osso de canela de boi. Aos domingos, na porta da principal

igreja da localidade, apregoava a sua mercadoria. Não sabemos, no entretanto, si o mencionado negociante era feliz no seu comércio.

Possuímos um desses exemplares atribuído ao extranho comércio de dentaduras da velha cidade mineira de Tiradentes.

Armando Seixas (Rio Grande do Norte) — Não deve o colega deixar de passar os olhos nas páginas do livro de Francisco Pucci.

E' uma obra de folego e o seu autor, incontestavelmente, enriqueceu a literatura odontológica latino-americana com aquela publicação.

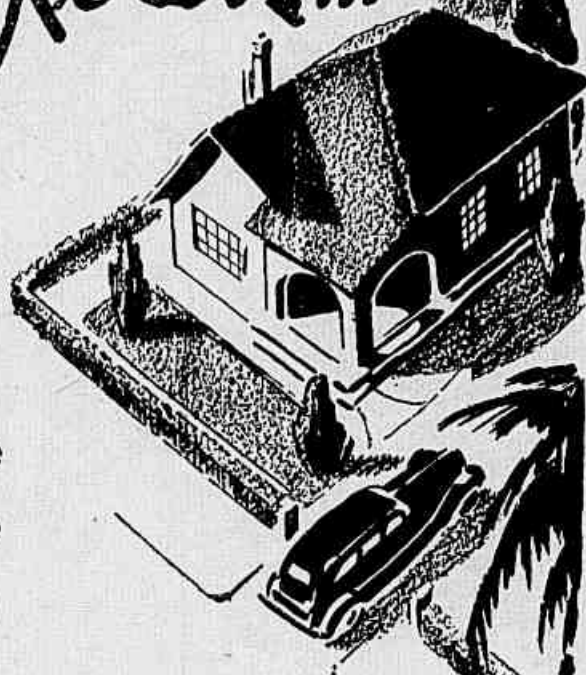
Miranda Ferreira (S. Paulo) — E' de origem franceza e não norte-americana como se supõe.

Azevedo Cintra (Espírito Santo) — Nem sempre.

Zilda Moraes e Silva (Bahia) — Procure ahi, em meu nome, o professor Augusto Lopes Pontes.

Alexandrino Agra.

Ninho de Rosas...



Essa casa tão mi-mósa, vale muito e custa tão pouco!

E' bem um ninho de rosas!.. E' mais que isso: é um paraíso num jardim!

JARDIM CARIOCA, é isso tudo e mais alguma coisa: é um céu num paraíso!

Compre por Cobre o que Vale Ouro e durma tranquilo sobre o seu Tezouro!

Escolha sem demora o seu terreno e edifique a sua casa! Um terreno no JARDIM CARIOCA custa pouco hoje e vale muito amanhã!

Solicite prospectos e informações a Jardim Carioca — Avenida Rio Branco n.º 108 — 6.º and. — fône: 42-3812.

N. B. — Os terrenos do Jardim Carioca — Ilha do Governador — estão legalizados sob n.º 1 no 7.º ofício de Imóveis, conforme Decreto-Lei 58.

DE BOM HUMOR...

O Carnaval que passou, como, aliás, todos os anteriores, daria um vasto anedotário. Como os nossos leitores não teem o dom da ubiquidade, vamos contar aqui dois casos autênticos, que, provavelmente, não conhecerão, porque não poderiam estar em toda parte, assistindo aos episódios esplêndidos que o Reinado de Momo proporcionou.

O primeiro deles teve por teatro um bairro novo e aristocrático, onde os *bungalows* e as casas modernas enfeitam as ruas traçadas com rigor geométrico.

Foi com *seu* Queiroz, um velho que teima em conservar os hábitos da mocidade.

Seu Queiroz caiu na pândega, entregou-se de corpo e alma ao delírio carnavalesco, e muito naturalmente perdeu a noção do tempo. Entretanto, quanto mais ele a perdia, mais a *patroa*, em casa, a sentia, impiedosa, cruel.

A pobre da mulher, sem poder mais resistir, foi para o portão, á espera do esposo transviado. Uma hora da manhã, duas três... E foi quando ele chegou!

Parece que ainda não havia voltado inteiramente a si, porque conversava, encarpitada na careca, uma cartolina denunciadora, e porque não distinguia de pronto um expressivo cabo de vassoura que a esposa agarrava nervosamente.

— Isto são horas?!
— Que é que você quer, minha filha? A gente ás vezes...
— Qual ás vezes, qual nada! Você não cria vergonha na cara, *seu* velho asanhado!

E tome disto! Uma bôa lambada de cabo de vassoura.

— Olhe, mulher... Não me bata, porque eu lhe falto com o respeito... e então...

— Então o que?
E tome disto! Outra paulada.
— E tire já essa cartola, *seu* velho ridículo! E' isto! Consumiu a minha mocidade, o meu dinheiro, e ainda vem para casa a estas horas da madrugada!
Enquanto isto, o cabo de vassoura fazia uma fachina doida no lombo de *seu* Queiroz...

Um vizinho abriu, curioso, a janela, atraído pelo rumor estranho. Passava um guarda.

— Que negócio é esse, *seu* guarda?
— Ah! Eu é que não me meto... Esse velho é mesmo um sem vergonha... Volta e meia, está entrando nas "comidas"...

Imaginem quantos outros velhos, da marca desse, não travaram relações íntimas com o cabo de vassoura no tríduo de Momo!...

—oOo—

O outro caso passou-se na segunda-feira de Carnaval, o dia que seduz os honestos chefes de família, atraindo-os para os chamados "bailes dos casados", que se realizam durante o dia.

Otima invenção para quem tem bôa cabeça e que se diverte cautelosamente sem deixar suspeitas...

Basílio, pacata creatura de cabelos precocemente grisalhos, não resistiu. Os amigos tentaram-no tanto, que ele se deixou levar, "docemente constrangido".

Bem dizem as mulheres que os amigos é que perdem os maridos... embora estes já sejam perdidos...

O fato é que o Basílio lá foi de cambulhada com os outros. Arranjou uns caraminguais com o Caldas, um colega que empresta dinheiro a juros de vinte por cento á hora (não é por ora...) comprou uma careca, que era uma verdadeira bola de bilhar, e um bruto bigode, e caiu na farra. Só bebe guaraná e outras perfumarias; mas nesse dia entrou na cervejinha preta, para ficar com as idéias mais claras... E realmente ficou. Ficou tanto, que não se esqueceu que a esposa não estava em casa, e sim na casa de um amigo, e foi direitinho para lá. Chegou e, meio estronpado da pagodeira, refestelou-se na cadeira de balanço.

Estavam todos um pouco confusos diante do Basílio, que ainda ostentava a careca formidável e o bigode estupendo.

A mulher, não se contendo mais, fez-lhe uma exprobação suave:

— Mas que é isto, Basílio? Você de careca, com este bigode...?

Ele, que só então se lembrou da "farda" que levava tentou uma justificativa:

— Ora, minha filha, isso não tem importância... Não é nada, comparado com a eternidade...

— Não tem importância? Mas Basílio, você, um homem carregado de filhos, com a cabeça quasi branca...

— Branca?! Minha filha, você não está vendo que eu estou careca?

— Não tem graça, não, Basílio...

— Um dia não são dias, minha mulherzinha...

— Eu sei! Para o ano, você vai outra vez, direitinho...

— Já aprendeu o caminho...

E o Basílio, então, teve a tirada com que epilogou o caso:

— Qual, minha mulher! Eu acabo mesmo convencendo-me de que...

— Aí ele pulou teatralmente, da cadeira de balanço e rematou a história, cantando:

— ... "A Amélia é que era mulher de verdade..."

CANDONGAS

REVISTA MINEIRA DE ENGENHARIA

Números 29 e 30

Recebemos o exemplar correspondente aos números 29 e 30, do V ano, da Revista Brasileira de Engenharia, editada sob os auspícios da Sociedade Mineira de Engenheiros, com sede em Belo Horizonte.

O número apresenta feição gráfica interessante, e traz matéria variada, embora toda ela dentro do programa em que se resumem as finalidades do mencionado órgão.

MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO"

Recebemos mais um interessante volume do *Mensario do "Jornal do Comercio"*. É o primeiro do tomo 41, referente a Outubro de 1941 e vem com farta matéria subscrita por nomes de real projecção nas ciências e nas letras nacionais.

São, ao todo, 280 páginas com assuntos incontestavelmente preciosos.

LEIA A CENA MUDA

A melhor revista cinematográfica

♦♦ Todas as terças-feiras. ♦♦

Não fuja da vida
ao ar livre, receiosa
pela sua cutis!



Defenda sua pelle contra
sardas e manchas com
LEITE DE COLONIA.

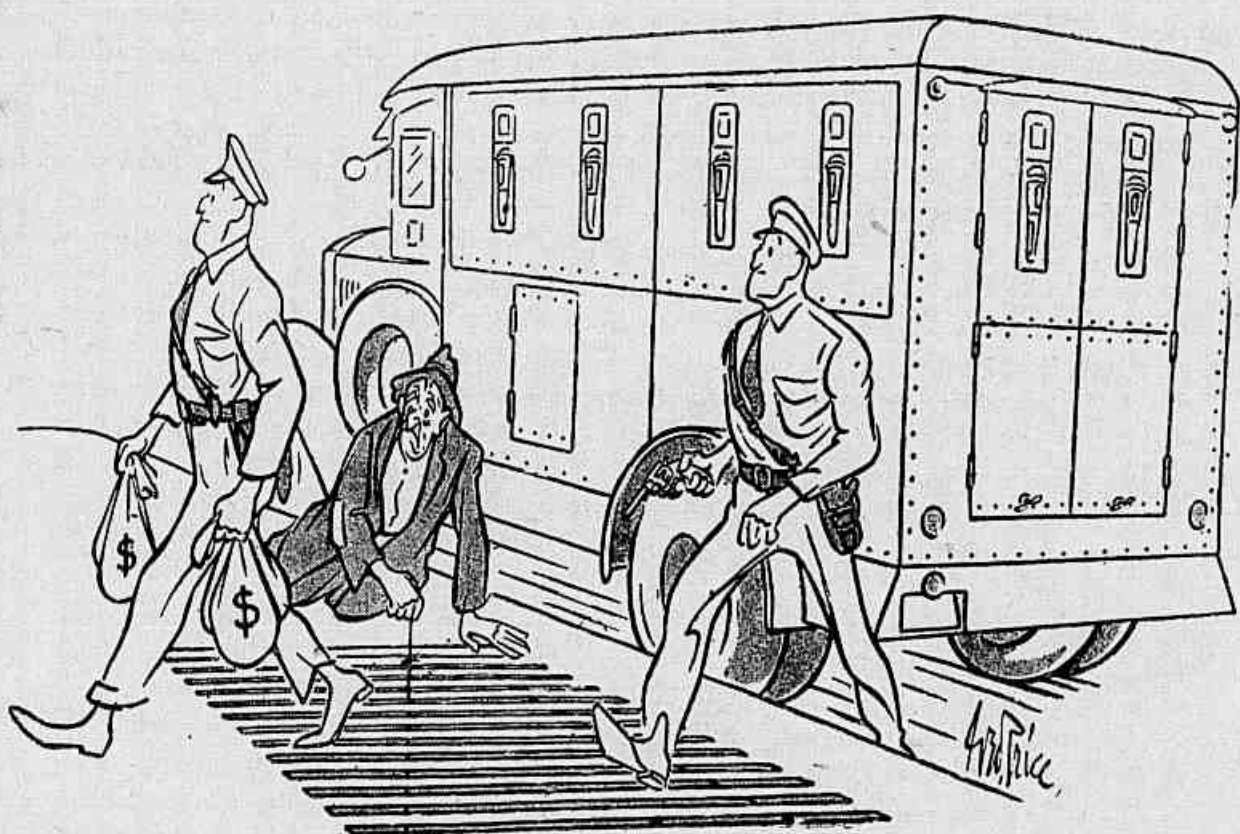
Não se fure ao prazer dos sports e da vida ao ar livre, receiando as inclemencias do Sol. Basta resguardar a sua pelle alva e delicada de queimaduras, sardas e manchas causadas pelo rigor do Sol.

Assim, sempre que sahir em excursões ou para a pratica do seu sport predilecto, faça uma leve massagem com Leite de Colonia sobre o rosto, collo e braços. Repita a mesma applicação quando regressar ao seu lar. De uso facil e commodo, o Leite de Colonia refresca e protege a cutis, neutralizando as injurias do Sol. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pelle.

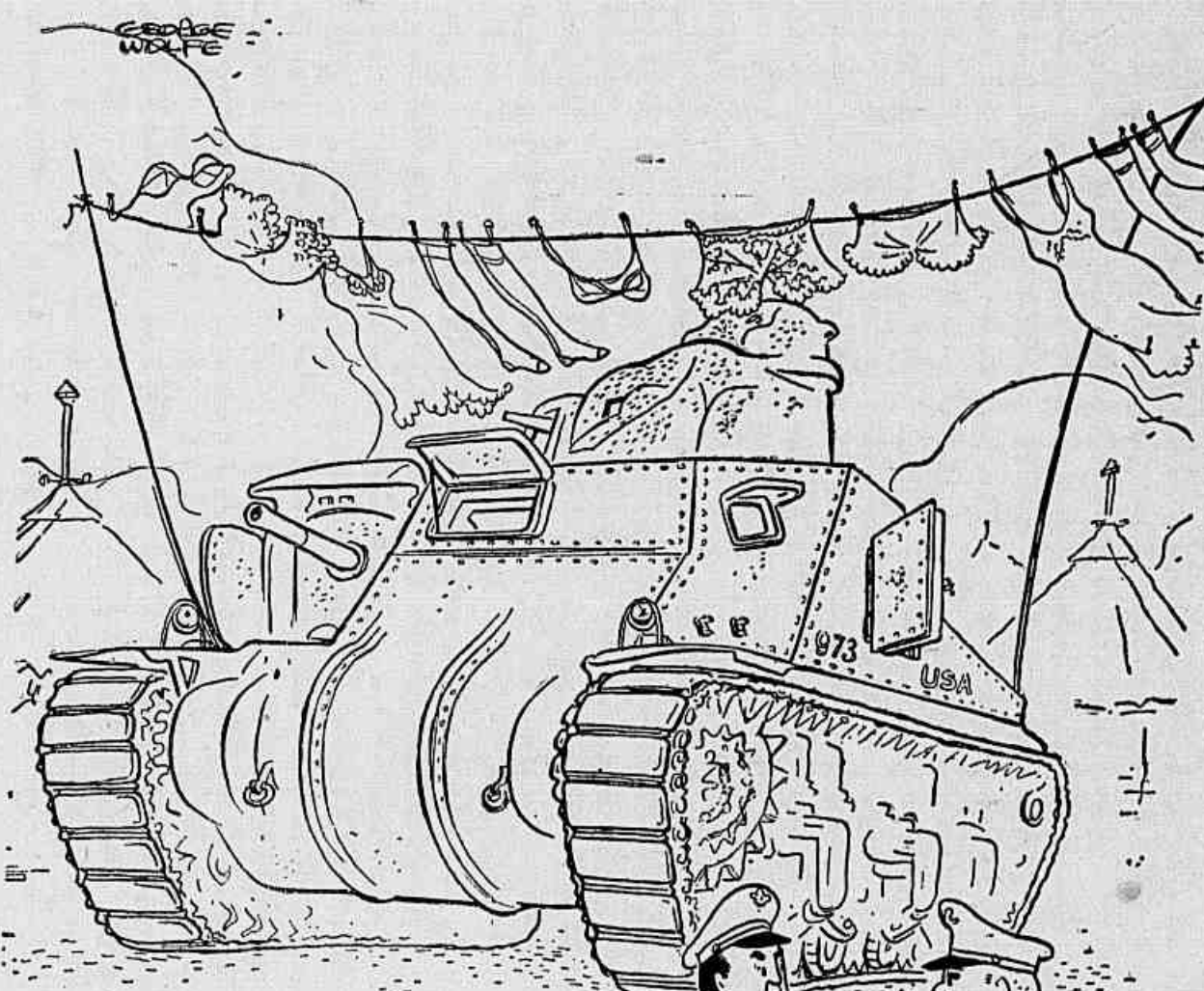
Leite de Colonia

STAFIX fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

OUTROS RIRAM...



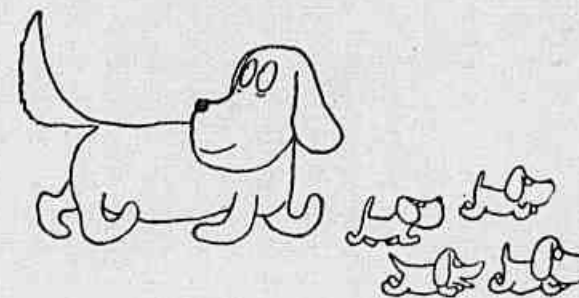
Suplício de Tântalo...



Tem-se inspecionado o tank do sargento Quingley com regularidade?



As mães são iguais...



ÚLTIMAS PALAVRAS

De filósofos e sábios; de mulheres célebres; de chefes de Estado; de guerreiros; de homens políticos e de letras.

CENTENARIOS DE 1941

Francisco Pizarro — Ordenação de S. João Bosco — Salvador de Mendonça — Fagundes Varela — Coroação de D. Pedro II — General Teixeira Campos — Prudente de Moraes — Bernardino de Campos.

Calendários, informações sobre o ano, novidades, invenções, quebra-cabeças, etc. Ver "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1942, à venda em todas as livrarias e jornaleiros.

Redação: Maranguape, 15. Aceitam-se pedidos pelo sistema de reembolso postal.



ESMALTE Lalaque

Nas cores

- BRANCO
- ROSA NATURAL
- ROSA RUBRA
- ROSA CORAL
- ROSA ANTIGO
- CARDINAL
- RUBY
- CYCLAMEN
- GRENAT

Com o novo esmalte Lalaque
suas unhas brilham como joias!
Dura mais e custa menos!

A venda em todo o Brasil

MINERVA BRASILIENSE

No início do Segundo Reinado um grupo de homens votados às ciências e às letras decidiu fundar associação carioca que tivesse órgão de imprensa. Chamou-se este **Minerva Brasiliense**, sub-intitulando-se «Jornal de Ciências, Letras e Artes».

A 1 de Novembro de 1843 vinha a publico o primeiro numero da **Minerva**, em formato de revista, nitidamente impressa no proprio Rio de Janeiro, na oficina Cabral, de tipos na rua do Hospício, esta ainda bem longe de ser rua Buenos Aires.

Desde estreia a **Minerva** procurou satisfazer senão a todos, coisa impossível, ao menos a muitos. A variedade dos assuntos de redação e colaboração confirmariam o proposito da associação de literatos com sacrificio mantenedora da publicação.

Esta, do nascer ao desaparecimento, reunio escol de gente ilustrada atraída por um órgão de imprensa especial, inteiramente alheio ao que mais agitou por tanto tempo a imprensa nacional, a paixão politica dividida e sub-dividida em competições pessoais, odios tenazes, ambições de mando e ruídos dos desenganos.

Tratando de ciências, letras e artes, a **Minerva** oferecia campo sem lutas ao pensamento e ao estudo. No curso de existencia, de traço até hoje, a **Minerva**, conservou para vindouros a imagem de uma época que comparada á de hoje parece edênica.

A redação da **Minerva** por muito tempo obedeceu á chefia de alguém, o que nem sempre acontece na imprensa. Esse alguém era Salles Torres Homem, medico a curar muito mais de politica do que de sanar doentes.

A **Minerva** repartio redatores e colaboradores por tres seções. Na impossibilidade de citar todos, formando especie de instituto de palavra escrita, apontaremos alguns daqueles redatores e colaboradores nas respectivas seções.

Na seção de ciências fisicas, fisico-matematicas e naturaes figuravam Joaquim Candido Guilhobel, Lino Rabello, Torres Homem Pae, Silva Maia, Freire Allemão, frei Eustodio Serrão, Joaquim Caetano, Bellegarde.

Na seção de ciências sociais, Filosofia, Teologia, Historia, Filologia, Belas Artes e Viagens reunia a **Minerva** Gonçalves de Magalhães, Odorico Mendes, Salles Torres Homem, o conego Januario, o barão de Planitz, Calogeras, juntando-lhes nomes recomendáveis por muitos titulos de cultura.

Distribuiu a **Minerva** na seção de literatura nacional Joaquim Manoel de Macedo, Dutra e Mello, o barão de Tautphoens, frei Camillo de Monserrate, Emilio Adet, dando-lhes condignos companheiros de longo mencionados nas paginas da celebrada revista, bem posta sob a égide da deusa da sabedoria.

Na direção da **Minerva** encontra-se um Salles Torres Homem bem diverso do politico fadado á deputado, ministro, senador, conselheiro de Estado e visconde. Salles Torres Homem, na **Minerva**, foi de pena bem oposta á manejada por Timandro no **Libelo do Povo**, panfleto cujas demasias o arrependimento do autor, vencido pela generosidade do imperador, nobremente procuraria fazer esquecer.

A **Minerva** revela um Salles Torres Homem dado a locubrações serenas, á leitura de revistas francesas e inglesas. De-las dava excertos ou traduções em a **Minerva**, vertendo lições de quimica organica de Dumas, resumindo noticia cronologica e estatistica das principais universidades alemãs, tratando de questões penitenciarias, até de assuntos religiosos em um artigo sobre Lutero, baseado nas Memorias d'este publicadas por Michelet. Para estudo completo da invulgar personalidade de Salles Torres Homem a **Minerva Brasiliense** fornecerá subsidios bem aproveitáveis.

Não só Salles Torres Homem se esforçou pelo progresso da **Minerva**, tambem o secundou Santiago Nunes Ribeiro, o ultimo redator-chefe da revista. Reunia esta varios professores do Colegio de Pedro Segundo, Joaquim Caetano, Planitz, Silva Maia, Calogeras, Tautphoens, frei Camillo de Monserrate, Gonçalves de Magalhães, Lino Rabello, Porto Alegre.

Muito se respiga no que publicou a **Minerva Brasiliense**, para doutos ou simples leitores divertidos com noticiario e anedotario de frequencia.

A um artigo sobre filologia escrito em latim por Camilo Cléan, afinal frei Camillo de Monserrate, sucediam noticias interessantes ou uteis. Assim a relação de viagem a Napoles devida ao conego Manoel Joaquim da Silveira na qualidade de capelão da comara da imperatriz Teresa Cristina, embarcado o futuro arcebispo da Bahia na fragata **Constituição**, capitanea da divisão naval que ás ordens do chefe de esquadra Teodoro de Beaurepaire se fez de vela para as Duas Sicilias, em busca da nossa terceira soberana.

Estampava a **Minerva Brasiliense** artigos relacionados com o ensino, lições inaugurais como a do dr. Francisco Bernardino Ribeiro ao abrir na Faculdade de Direito de S. Paulo a aula de Direito Criminal do 3.º anno do curso juridico.

Inseriu a **Minerva** a prova oral de Botanica feita pelo dr. Miranda e Castro concorrente á seção de ciências accessorias da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Entretanto a publicação da prova oral de um dos candidatos á cadeira de Logica do Colegio de Pedro Segundo, em 1909, foi tida como grande novidade.

Embora a opinião da **Minerva**, representada pelos medicos que na sua redação tinham parte, fosse adversa ás doutrinas de Hahnemann, a revista franqueava columnas aos órgãos da homeopatia e publicava lições de anatomia e fisiologia professadas na Escola de Medicina Homeopatica com sede em predio da rua de S. José. Vehementemente combatidas as doutrinas de Hahnemann nem por isso deixou de caminhar firmada na lei de similitude encontrada em texto de Hipocrates e sancionada, segundo Huchard, pelas imortaes descobertas de Pasteur.

Não incidia a **Minerva** na intolerancia da qual exemplo Bouilland, clinico de renome

ao qual a ciencia deveu o conhecimento das tristes relações entre o reumatismo articular agudo e as molestias do coração. Conforme o dr. Charette, de Nantes, Bouilland foi adversario não só da homeopatia como do fonografo. «Se eu visse curas homeopaticas não acreditaria nelas» disse Bouilland. Quando apresentado o fonografo á Academia de Medicina de Paris, Bouilland observou alto e mao som não estár disposto a ser logrado por um ventriloquo, acrescentando que um vil metal não poderia nunca substituir-se ao nobre aparelho da fonação humana.

Declarando-se antigo parisiense, depois brasileiro, olim **Parisiensis**, mox **Brasiliensis**, não era Camilo Cléan o unico a servir-se de latim nas publicações da **Minerva**. Revivia nela Freire Allemão a lingua morta em estudos botanicos, ele habituado até a escrever cartas em latim a confrades europeus num seculo de relativa cordura.

Alguns estudos de Freire Allemão na **Minerva** eram acompanhados de illustração, o botanico habil desenhista em côres e em negro. Classificando e desenhando genero novo, o da guarajuba, arvore nossa, Freire Allemão dedicou o genero **Vicencia** a medico brasileiro, o dr. Vicente Gomes da Silva, formado em Montpellier, e autor de breve tratado de materia medica indigena oferecido em 1800 á Academia das Ciencias de Lisboa.

Tratando da guarajuba Freire Allemão bem mostrava ser cientista consciencioso, modesto, grande pois. Palavras dele:

«Ha esta arvore (a guarajuba) assás commum nas faldas do Gericinó, para o lado do Campo Grande assim como nas planicies, e montes que ficam entre aquela montanha e a do Bangú (seguramente existe em outros logares, mas eu fallo só do que vi) e shi mui conhecida dos falquejadores e carpinteiros, que se servem de sua madeira, particularmente em pranchas para mesa, ou soalho de pontes. Não foi por tanto sem alguma admiração que a não achei na **Flora Fluminense** do Padre Vellozo, e na lista de madeiras de lei, que vem no primeiro volume dos *Annaes do Rio de Janeiro* do nosso illustre e laborioso compatriota Balthazar da Silva Lisboa».

«Eu fallo só do que vi». Freire Allemão sem querer se louvou. Fiquem os cariocas com a descrição da guarajuba pelo botanico deles conterraneo, talvez prudente não procurarem a arvore na sua desflorestada cidade natal.

De alguns edificios do Rio de Janeiro deu noticia illustrada a **Minerva Brasiliense**.

Exemplifique o que na revista foi dito acerca do mosteiro de N. S. de Monserrate do Rio de Janeiro onde florescia ordem beneditina.

Ocupou-se Dutra e Mello em descrever a igreja do mosteiro em estilo borrominico ou jesuitico tão de emprego em velhos templos cariocas.

Ora et labora é conselho bem de regra beneditina. Na igreja de N. S. de Monserrate diversos frades, trabalhando para melhor orar, seguiram o conselho, tal frei Ricardo do Pilar, o alemão de Colonia dado como fundador da escola de pintura fluminense.

Num templo pinturas são ornatos permanentes, a prataria das igrejas constitue o seu ornamento movel, precioso e portanto fóra de vistas. Em 1844, na **Minerva**, Dutra e Mello encarecia a prata da igreja beneditina, moda do tempo trabalhar em metal com gosto e peso. Seis castiças e um crucifixo com dez palmas de altura para o altar-mór representavam sete arrobas e o custo de doze mil cruzados, sem esquecer grandes lampadas sumidouro de prata.

Em 1844 excitava admiração a pequena capela do Santissimo num recanto da nave, lado do Evangelho. Construida no

abadeado de frei Luciano do Pilar, a capela do Santissimo até hoje se conserva inspirando recolhimento e respeito sobretudo a quem a visita solitariamente. A meia sombra do recinto, a contemplação do altar, a luz vacillante da lampada que dia e noite pontilha meia ou completa escuridão conforme as horas do dia ou da noite, tudo na capela do Santissimo em S. Bento liberta o pensamento da terra e leva a lembrar com Lamartine que, anjo decaído, o homem conserva lembrança do céu.

Out'ora qualquer mosteiro era local de vida e campo de morte, este posto no claustro com suas grossas lages, seu aberto para a circulação do ar, seu silencio caracteristico, sua fonte central de onde se escapava o som leve de agua, tão leve que, á humano, se o poderia dizer murmurado.

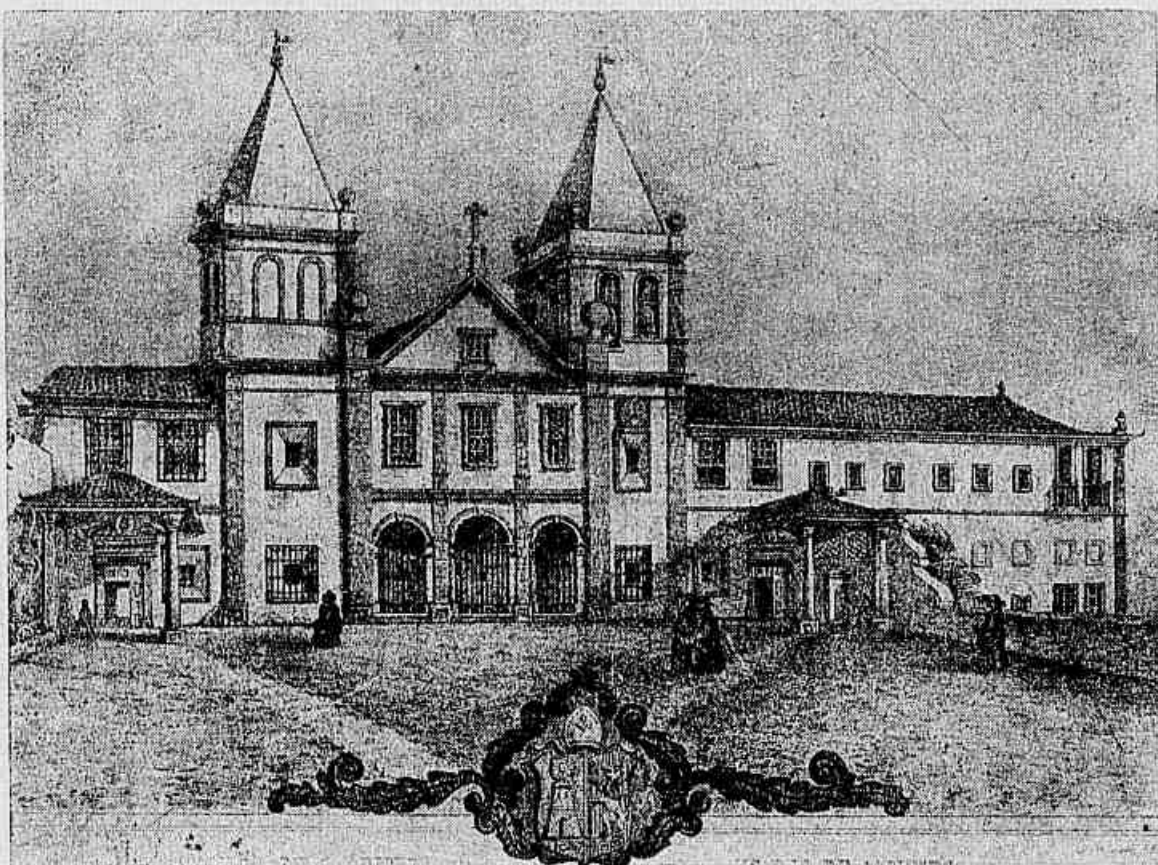
Nos claustros dos conventos sepultavam-se as freiras e os frades a eles pertencentes, sem necessidade de sahirem das casas onde tinham vivido para inhumação na promiscuidade dos cemiterios publicos. Ficavam onde tinham estado e nunca se ouvio dizer que necropole de claustro fosse dano de higiene, nem provocasse epidemias.

O artigo de Dutra e Mello na **Minerva Brasiliense** mereceu illustração em nitida estampa reproduzindo desenho do barão de Planitz.

Carlos Roberto, barão de Planitz, foi um dos primeiros professores do Colegio de Pedro Segundo. Julga-se-o chegado ao Brasil em 1826. Homem culto, de boa origem, tornou-se bemquisto no Rio de Janeiro, nele por bastante tempo residente no largo de S. Domingos, ora prestes a desaparecer. Quando se tratou de comprimentar D. Pedro II por motivo do seu casamento, numa das comissões designadas para tal fim achou-se significativamente incluído Planitz em companhia do escol da sociedade brasileira.

Por ocasião da morte de Planitz, em 1847, os seus discipulos do Colegio de Pedro Segundo manifestaram uma saudade que demonstrava o valor do mestre perdido. Após missa de 7.º dia, rezada no mosteiro de S. Bento, joven aluno do Colegio tomou a palavra e traduzio sentimento de colegas. O orador foi Teixeira Junior, o futuro visconde do Cruzeiro, encarregando-se diante de numerosa assistencia de ser um a sentir por todos.

Escragnoles Doria



O Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro em 1844.
Desenho do Barão de Planitz.
Litografia de Ludwig e Bergr.

«Só aqui, nesta terra magnífica, é que * se pode ainda viver feliz » *

O TRÁGICO DESAPARECIMENTO DE STEFAN ZWEIG E SUA ESPOSA — A CASA ONDE RESIDIU O ESCRITOR, EM PETRÓPOLIS — O DEPOIMENTO DE LEOPOLD STERN — UM LIVRO SOBRE SANTOS DUMONT — A MAGOA DE NÃO TER FILHOS — AS CARTAS DEIXADAS PELO AUTOR DE "AMOK" — DISPOSIÇÃO DE TODOS OS BENS — UMA ESTROFE DE CAMÕES — NÃO QUERIA OUVIR FALAR NA GUERRA — O PEZAR DE GABRIELA MISTRAL — COMO O ESCRITOR MAX FISCHER RECORDA OS ÚLTIMOS DIAS DE STEFAN ZWEIG.

De ALVARO GONÇALVES

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

NA agitação dos dias em que vivemos, embora a brutalidade seja o catecismo dos tiranos, o desaparecimento de um nome como o de Stefan Zweig ainda pode encontrar ressonância onde quer que haja uma consciência livre ou um coração aberto ao sofrimento alheio.

A morte de Stefan Zweig — essa morte tão trágica que ele procurou para si e para sua companheira — não pode ser encarada como a renúncia dos que fogem à luta por fracos ou vencidos, mas antes o protesto evidente que ele soube guardar para proclamar ao mundo o seu repúdio àqueles que estão escravizando a sua pátria. Morrendo e levando à morte a esposa, o escritor se constituiu em mais uma das numerosas vítimas dos que transformaram o universo do livre pensamento num vasto campo de concentração.

Parece paradoxal que Stefan Zweig tenha procurado a terra que o acolhera e que ele aprendera a amar para pôr fim aos seus dias. Por que teria ele eleito o



UMA PÁGINA QUASE DIÁRIA —

Flagrante de quase todos os dias do casal Zweig: o grande escritor ditando para a esposa, sua devotada secretária.

Brasil para palco de tão enorme tragédia? Só os que receberam, como ele, o duro castigo do exílio, a triste sorte de viver sem pátria — só, talvez, os que tem

a angústia e a saudade por companheiras poderão compreendê-lo...

Saído de um ambiente onde o raio de sua ativi-

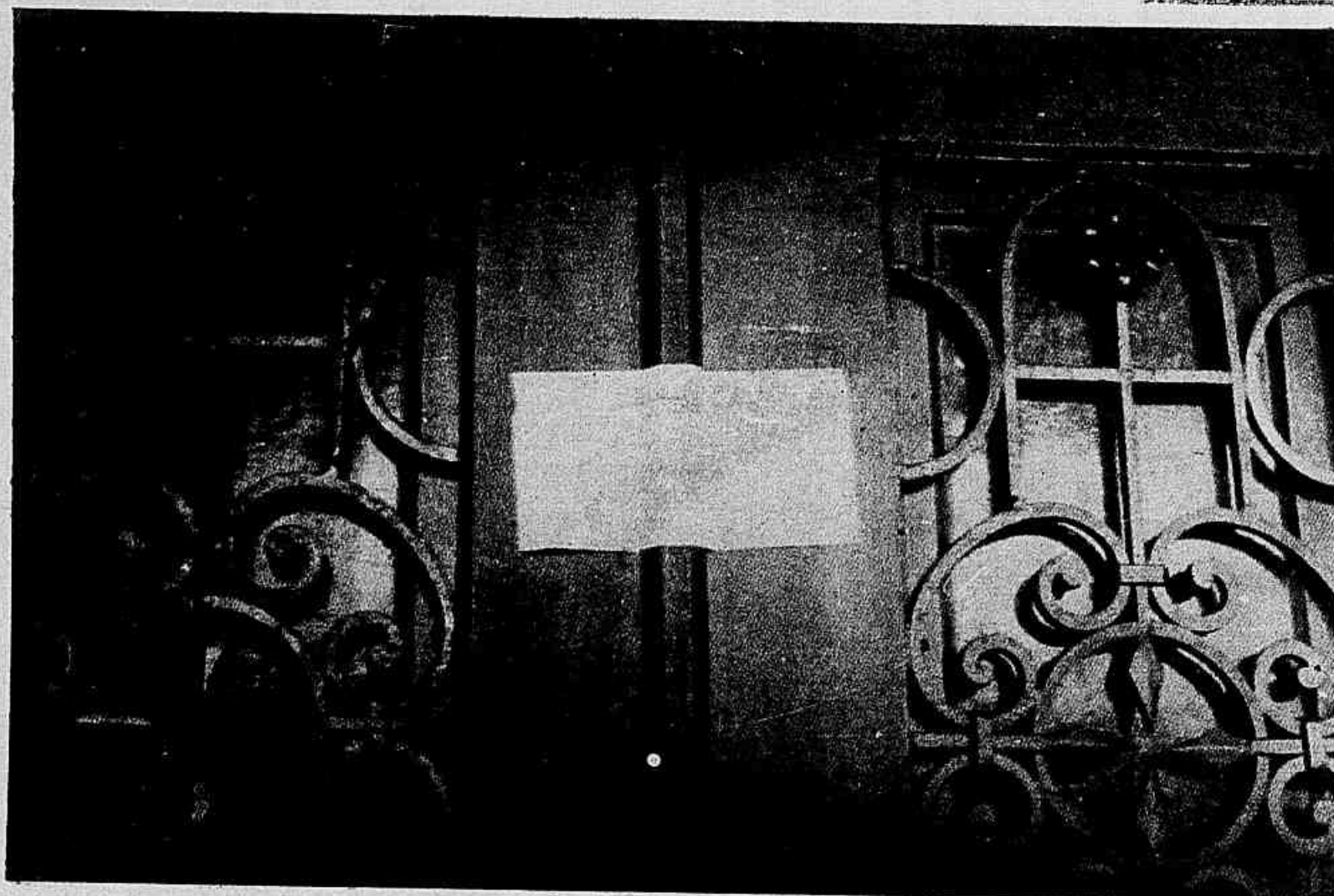


A CAMINHO DE MINAS — Stefan Zweig e sua esposa, logo que chegaram ao Rio pela segunda vez, preparando-se para uma visita a Minas Gerais em avião.



UNIDOS NA MORTE —

A posição em que foram encontrados os corpos sem vida do autor de "Brasil, país do futuro" e sua companheira.



FECHADA AOS PROFANOS

— A porta da casa de Zweig, em Petrópolis, interditada pela polícia logo após a remoção dos corpos para a Academia Petropolitana de Letras.

idade intelectual era imensurável, Stefan Zweig, este eterno enamorado das paisagens, do bucolismo e da serenidade, foi despojado de seus bens, daquela mansão que toda Viena conheceu. E como se não bastasse, a sua propriedade de Londres — o museu em que ele transformou a sua residência, bordando-a dos mais preciosos relicários — também foi atingida pela impiedade nazista, que despejou sobre ela a fúria de suas bombas.

A presença de Stefan Zweig no momento intelectual brasileiro pode ser recordada como sendo ele o escritor, em língua estrangeira, que maior número de leitores contava entre nós. Romancista, biógrafo, ensaísta, novelista e historiador, o escritor cuja lembrança evocamos com a mais profunda saudade, se envolveu de uma auréola de simpatia tão significativa que talvez fosse mesmo esse o motivo pelo qual ele ainda acreditava na beleza da vida... E como tudo parece estranho, agora, que ele não pode mais repetir suas doses de conselho aos estrangeiros que o procuravam para comentar os acontecimentos internacionais! — "Aproveite um ano ainda para viver nesta terra onde o ar é puro e os corações são generosos" — teria ele repetido aos mais íntimos.

A morte de Stefan Zweig, nesses dias turvos da humanidade, é um protesto silencioso contra a escravização da Europa. Seu nome ficará, e há de marcar, por certo, na consciência de todos, esse período tenebroso de retrocesso de um povo que se julga simplesmente uma raça eleita. A única raça, talvez.

A CASA DE STEFAN ZWEIG

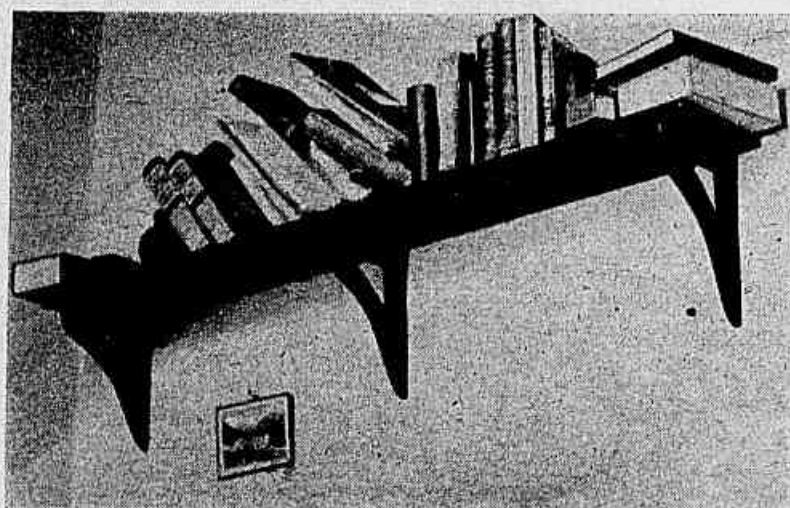
Petrópolis recebeu como profundo golpe a notícia do suicídio do casal Stefan Zweig. Estância de paz, pouso e afinal último repouso de Stefan e Elisabeth Zweig, a linda cidade serrana sentia-se ufana de abrigar tão ilustre casal.

O casal Zweig residiu numa habitação de estilo antigo e pitoresco da rua Gonçalves Dias, n.º 34. Fica bem no alto, a parapeito da cidade. À frente, um jardim de platibanda com inúmeras hortensias. Nota-se ali o trato cuidadoso de quem ama as flores. No alpendre da casa, algumas cadeiras de vime ainda aguardam arrumação. Faz sombra nesta parte da casa, e toda viração que chega traz consigo o perfume delicado das hortensias que embalsamam o ar.

Na parte posterior do predio, há um quarto pequeno, que serve de residência ao casal Antônio e Dulce Morais, residente ali há três anos, e que acabou indo servir às ordens de Zweig e Elisabeth. Mais no alto ainda, um pequeno caramanchão, com um banco levemente azul e duas cadeiras toscas de um verde esmaecido, sugere alguns momentos bem vividos do

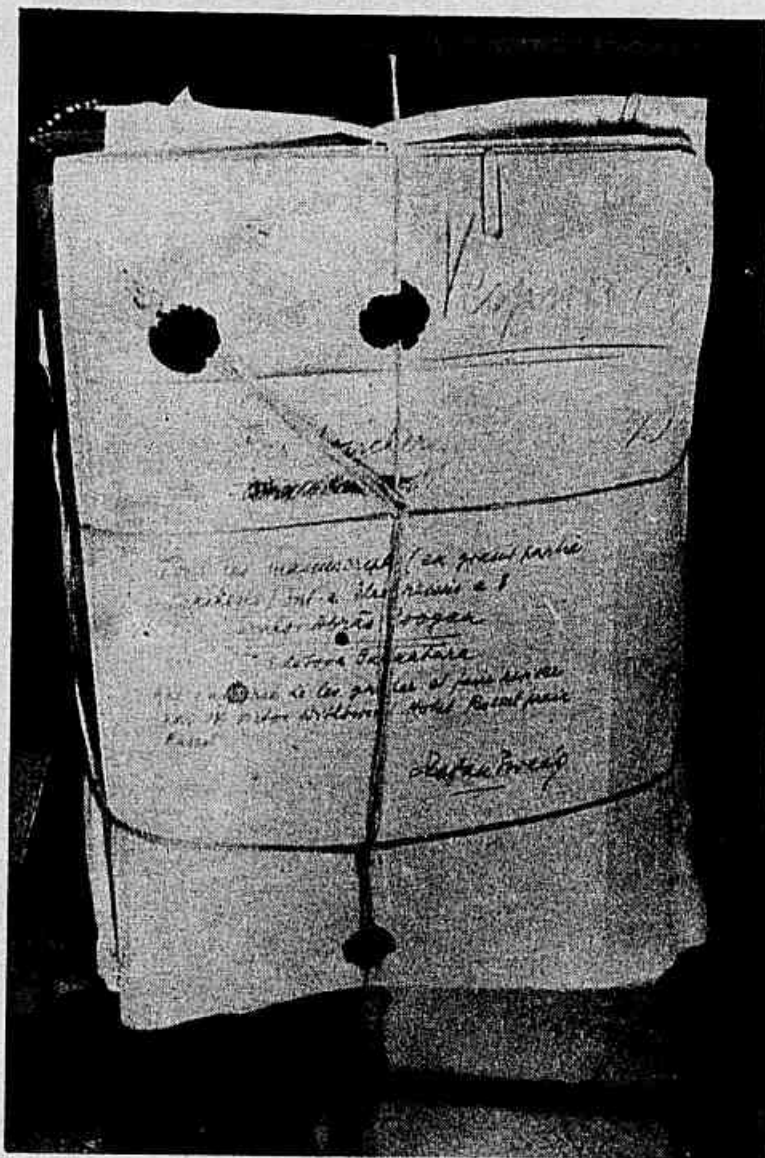
inditoso casal, nalguma tarde tranqüilla de domingo...

A casa está fechada. Traz na porta um aviso da polícia de que está interditada.



OS LIVROS MAIS QUERIDOS

— A pequena prateleira de livros, existente no quarto de Zweig. Deveriam ser livros caros ao seu espírito, para que lhe ficassem bem próximos.



AS ÚLTIMAS OBRAS

— O pacote de original em direção ao editor Abrahão Koogan, sobre o qual Zweig escreveu: "Pas toucher".

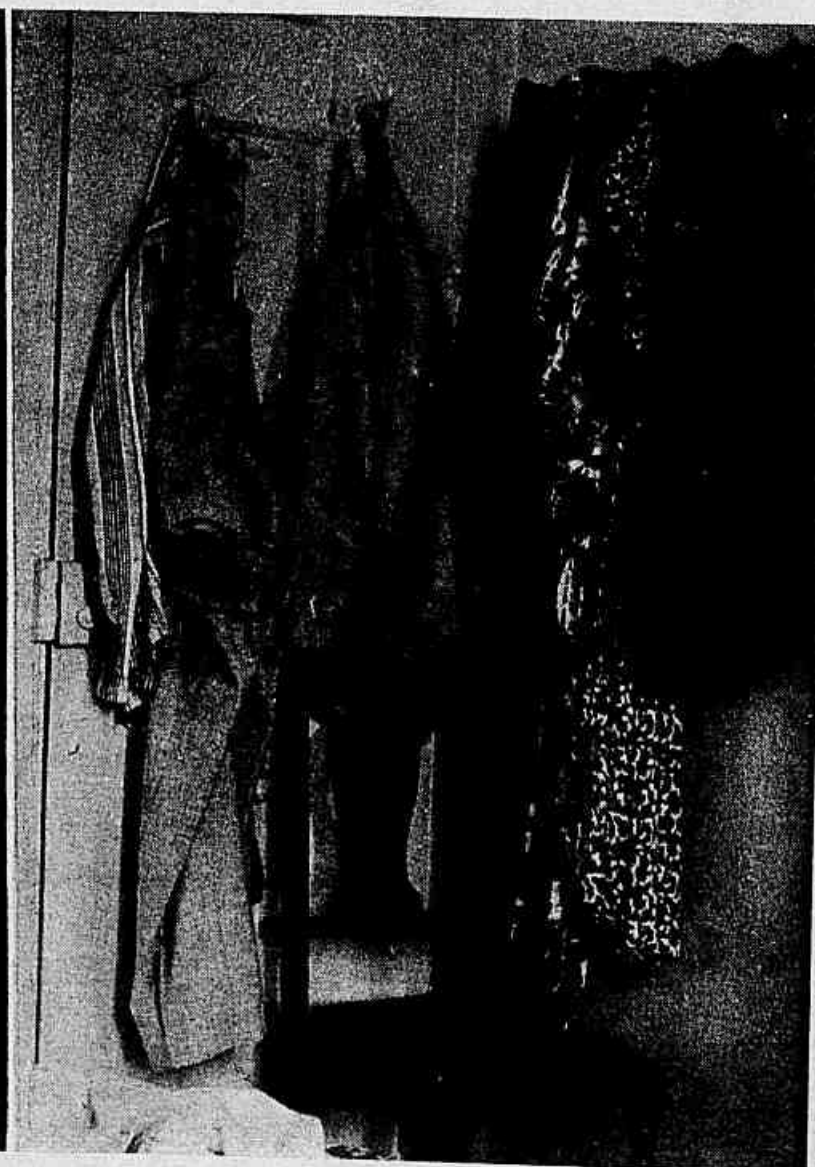
NA ACADEMIA PETROPOLITANA DE LETRAS

Estou agora na Academia Petropolitana de Letras, para onde foram levados os dois caixões dos dois corpos que se não quiseram separar nem depois da morte. No salão de conferencias, ardem seis velas, que la-deiam tristemente, bruxuleantes, as duas eças. O caixão do autor de "Ocaso de um coração" está aberto. Um soldado do Corpo de Bombeiros de Petrópolis está à cabeceira e ergue levemente um lenço preto toda vez que um visitante deseja contemplar o rosto exangue e de aparência tão serena do inesquecível escritor. O outro caixão está fechado. Há lírios e orquideas sobre a tampa. Ambos são inteiramente pretos e suas alças são de metal prateado. Atrás, vão sendo postos cavaletes com as corôas que estão chegando. Lêmos algumas legendas: de Gabriela Mistral, de Claudio de Souza, da Prefeitura de Petrópolis, da Cidade de Petrópolis, da Academia Petropolitana de Letras, da União Associação Beneficente Israelita do Rio de Janeiro, da União Beneficente Israelita "Machen David", dos Austriacos Livres e tantas outras que se vão enfileirar atrás das eças. Há um leve sussurro de vozes, como se todas rezassem a mesma prece. É a hora em que as religiões se confundem no mesmo anseio: páz na morte àqueles que não a tiveram em vida.

O DEPOIMENTO DE LEOPOLD STERN

Junto a nós, olhos fixos no chão, numa impressão de indizível dór, está Leopold Stern, escritor cuja obra "Rio de Janeiro e Eu" Stefan Zweig lia quando pôs termo à vida. Ele se põe prontamente à disposição da REVISTA DA SEMANA para recordar os últimos instantes que tivera com o autor de "Maria Antonieta".

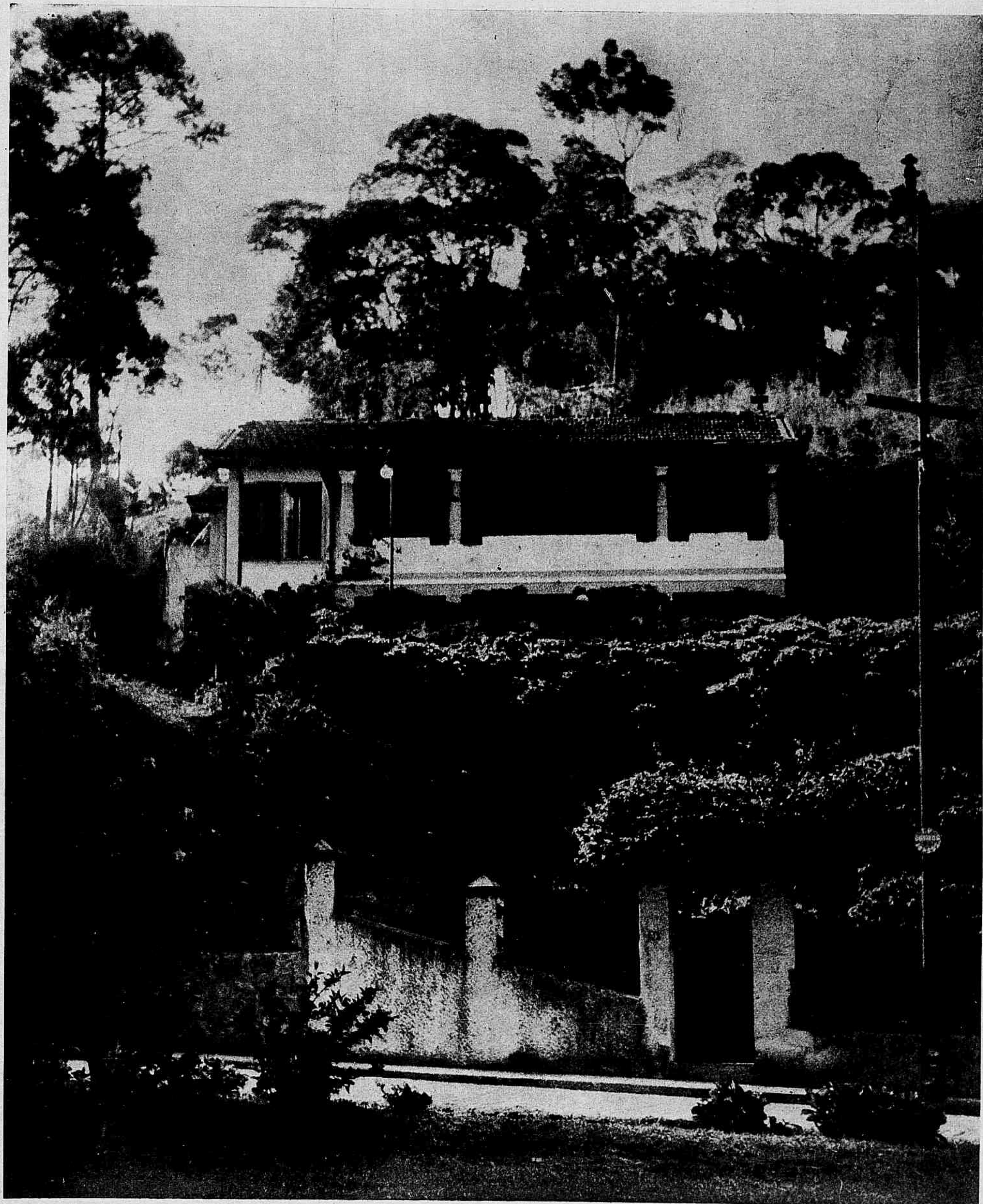
— Ninguém podia supor que Zweig deixasse tão tragicamente a vida — começa. Nem nos momentos de nossa maior intimidade ele jamais deixou transparecer qualquer possibilidade de vir tentar o suicídio juntamente com sua esposa. A última vez que estive-mos juntos, não me recorda bem o dia, Zweig estava ocupado em reunir material para o ensaio que estava escrevendo sobre Montaigne. Ele pretendia prolongar o contrato de sua casa por mais um ano, tal o desejo de continuar vivendo no país que ele amava sinceramente. Quantas vezes disse para mim de sua admiração pela terra e povo brasileiros! Ainda nos Estados Unidos, quando nos encontramos pela última vez, ele falou de sua enorme saudade do Brasil.



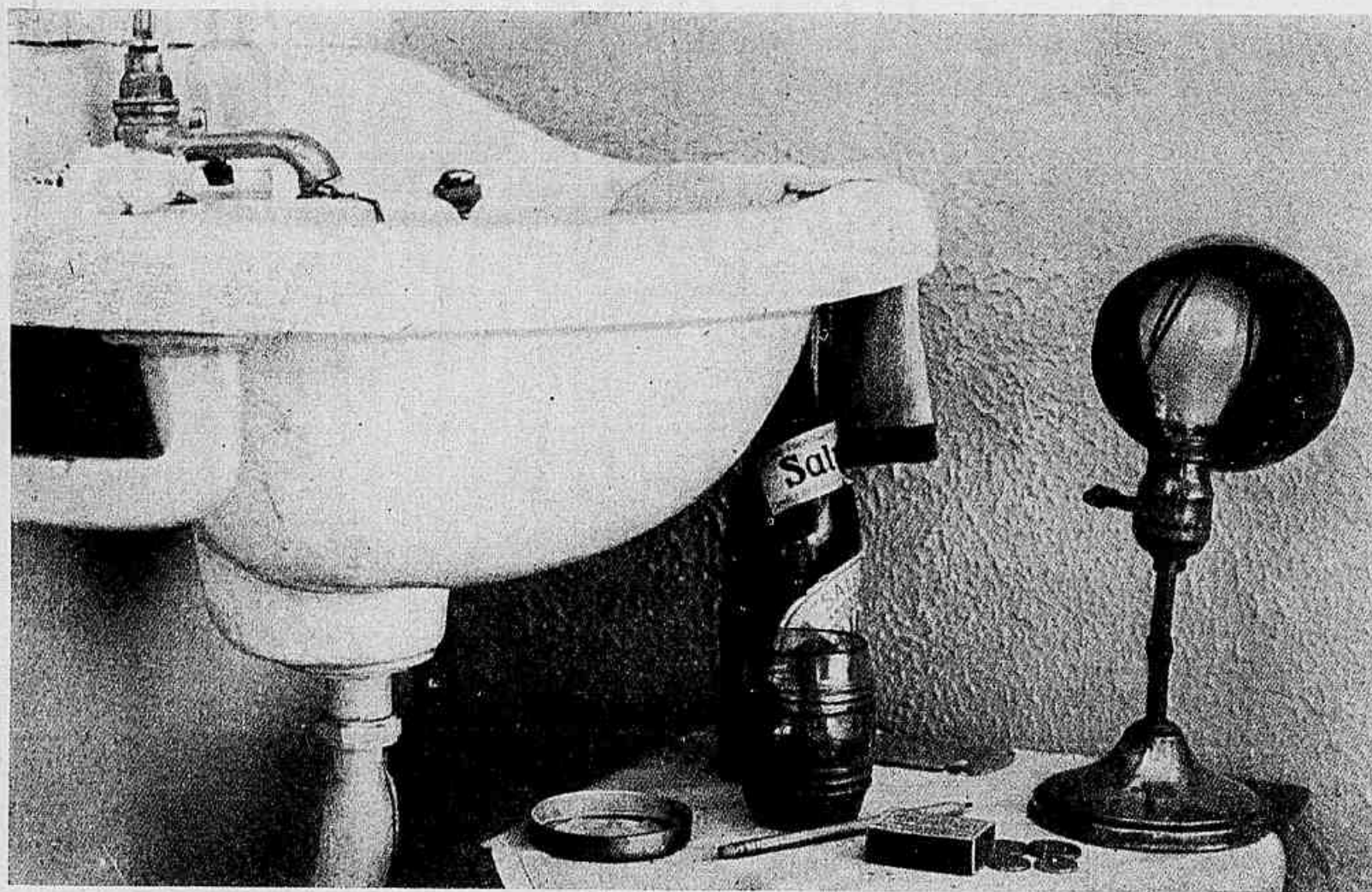
NO QUARTO DA TRAGEDIA

— Um recanto do quarto onde o casal se suicidou: cabides com roupas de Stefan e Elisabeth Charlotte, a "Lotte" do genial escritor.

A última morada de ZWEIG em vida



A pitoresca vivenda da rua Gonçalves Dias n.º 34, no bairro de Valparaíso, em Petrópolis, onde Stefan Zweig cerrou espontaneamente os olhos á luz da vida.



A MESA DE CABECEIRA DE STEFAN — Foi assim que a encontraram: uma garrafa de água mineral, um copo vazio, algumas moedas de níquel...

UM LIVRO SOBRE SANTOS DUMONT

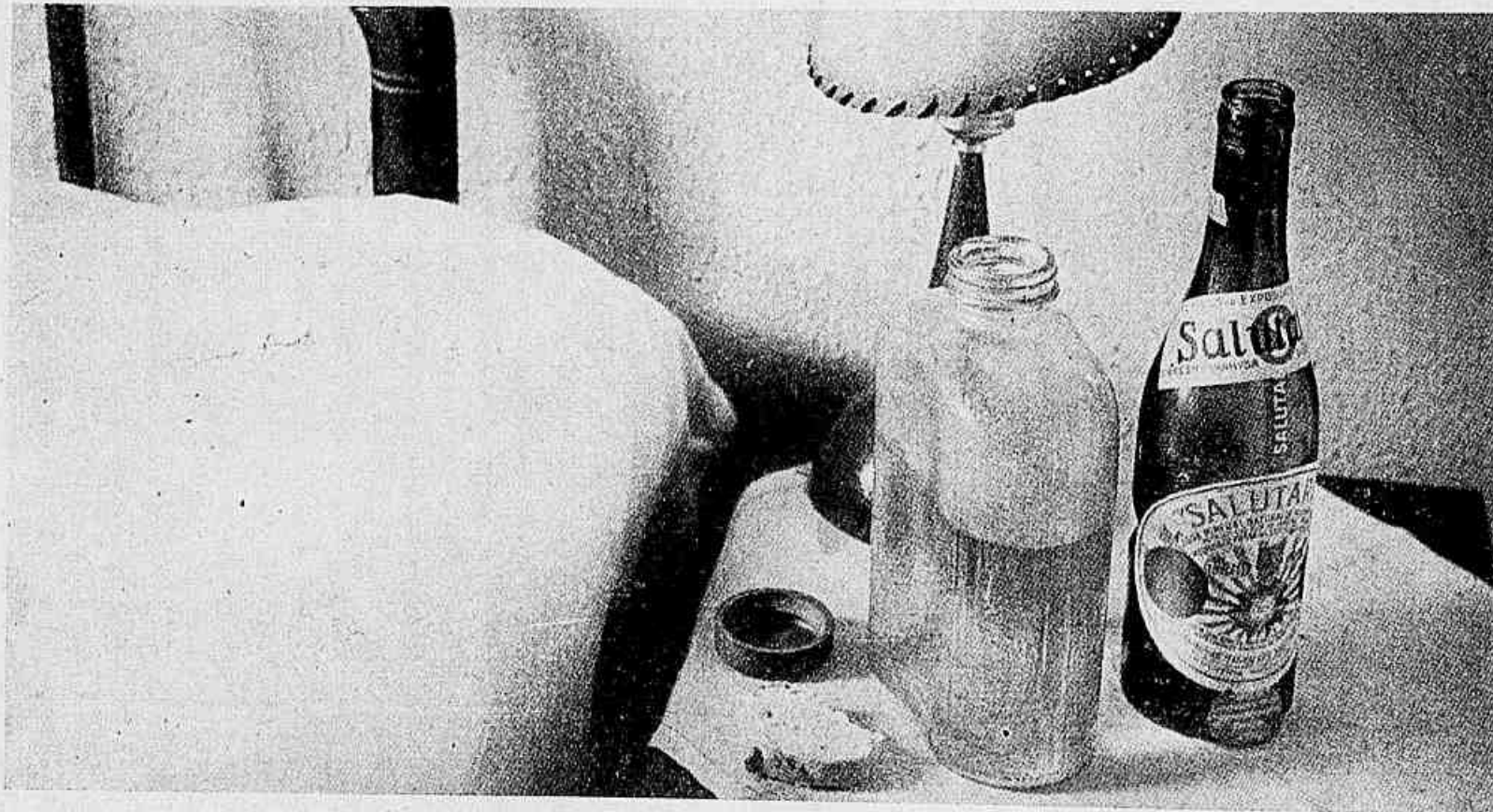
Leopold Stern prossegue:

— Era pensamento de Stefan Zweig, assim que terminasse seus livros sobre Montaigne e Balzac, escrever um estudo sobre Santos Dumont, o homem que, ao seu dizer, dera asas ao mundo. Os originais de meu livro foram, talvez, a última coisa que o escritor leu.

A MAGOA DE NÃO TER FILHOS

À nossa pergunta se havia notado no escritor alguma manifestação que denunciase o seu intuito de acabar com a vida, Leopold Stern responde:

— Nunca Zweig deixou transparecer a quem quer que fosse o seu intuito, mesmo porque não acredito pudesse premeditar um suicídio, mormente levando consigo a esposa. O suicídio deve ter sido uma consequência inesperada, um gesto violento de desespero inconsciente. Muito embora me falasse, por varias vezes, que seus nervos não resistiam mais, em virtude da presente situação internacional, nunca que se poderia supor fosse ele buscar tal modalidade de solução para



A MESA DE CABECEIRA DE ELISABETH — Do lado da cama de "Lotte", a mesa continha uma garrafa das usadas nas geladeiras, uma outra de água mineral, uma fatia de pão torrado, um copo vazio...



O ARROLAMENTO — Autoridades procedendo ao arrolamento dos bens moveis do casal, no gabinete de trabalho de Zweig.



A DESPENSA DO CASAL — O fotógrafo fixou este aspecto da despensa, na linda vivenda montada com extrema simplicidade.

os seus sofrimentos. O suicidio do meu grande amigo foi um desastre nervoso. Quero ainda lembrar — finaliza o autor de "Rio de Janeiro e Eu" — alguns detalhes da palestra que tive com o saudoso morto, há quatro dias, num jantar: falávamos sobre varios assuntos e de súbito, não sei por que mesmo, Zweig passou a elogiar grandemente a sua esposa. E disse, enfim, que lamentava não possuir filhos dessa sua segunda união.

"SÓ AQUI, NESTA TERRA MAGNÍFICA, É QUE SE PODE AINDA VIVER FELIZ"

No livro que a Academia abriu ao registro dos presentes, está escrito:

"De acordo com a deliberação do Governo Federal, o corpo do sr. Stefan Zweig e de sua esposa foram trasladados para esta Academia, afim de serem prestadas, pelas letras petropolitanas, as homenagens a que fez jus o maior dos escritores mundiais. Aliada ao crepe que enfaixa o intelectualismo neste momento austero, este Cenáculo chora a partida de tão extraordinário cérebro. Nestas linhas pezarosas e tristes: todo o sentimento do Brasil atingido pela dor da saudade que lhe deixa o convívio amigo de quem soube dizer: "Só aqui, nesta terra magnífica, é que se pode ainda vi-

ver feliz". E para escritor tão notavel, só mesmo a homenagem de uma Academia de Letras."

AS CARTAS DEIXADAS POR STEFAN ZWEIF

Stefan Zweig deixou uma carta em que fala do seu deliberado propósito de acabar com a vida. Em nenhuma das três que escreveu, no entanto, ele toca no nome da esposa, ou deixa transparecer que ela o secundaria no gesto.

A missiva que deixou para o escritor Claudio de Souza contém os seguintes dizeres: "Antes de deixar a vida por minha propria vontade, quero cumprir o meu último dever, qual o de agradecer profundamente a este país magnífico, o Brasil, que me deu tão amavel acolhida. Cada dia que aqui passei, mais amava este grande país e em nenhum outro, além dele, poderia ter a esperança de relazer a minha vida. Depois que eu vi o país da minha propria lingua sossobrando e minha patria espiritual — a Europa — destruindo-se a si propria, e quando alcanço 60 anos de idade, seriam necessarios esforços imensos para reconstruir a minha vida, e minha energia está esgotada pelos longos anos de peregrinação como um sem patria. Assim, julgo melhor terminar a tempo uma vida que dediquei exclusivamente ao trabalho espiritual, considerando a



OS QUE PRIVAVAM COM ZWEIG

— Alvaro Gonçalves entrevistando o empregado de Stefan, Antonio Moraes. Ao lado, d. Margarida Banfield, proprietária do prédio.



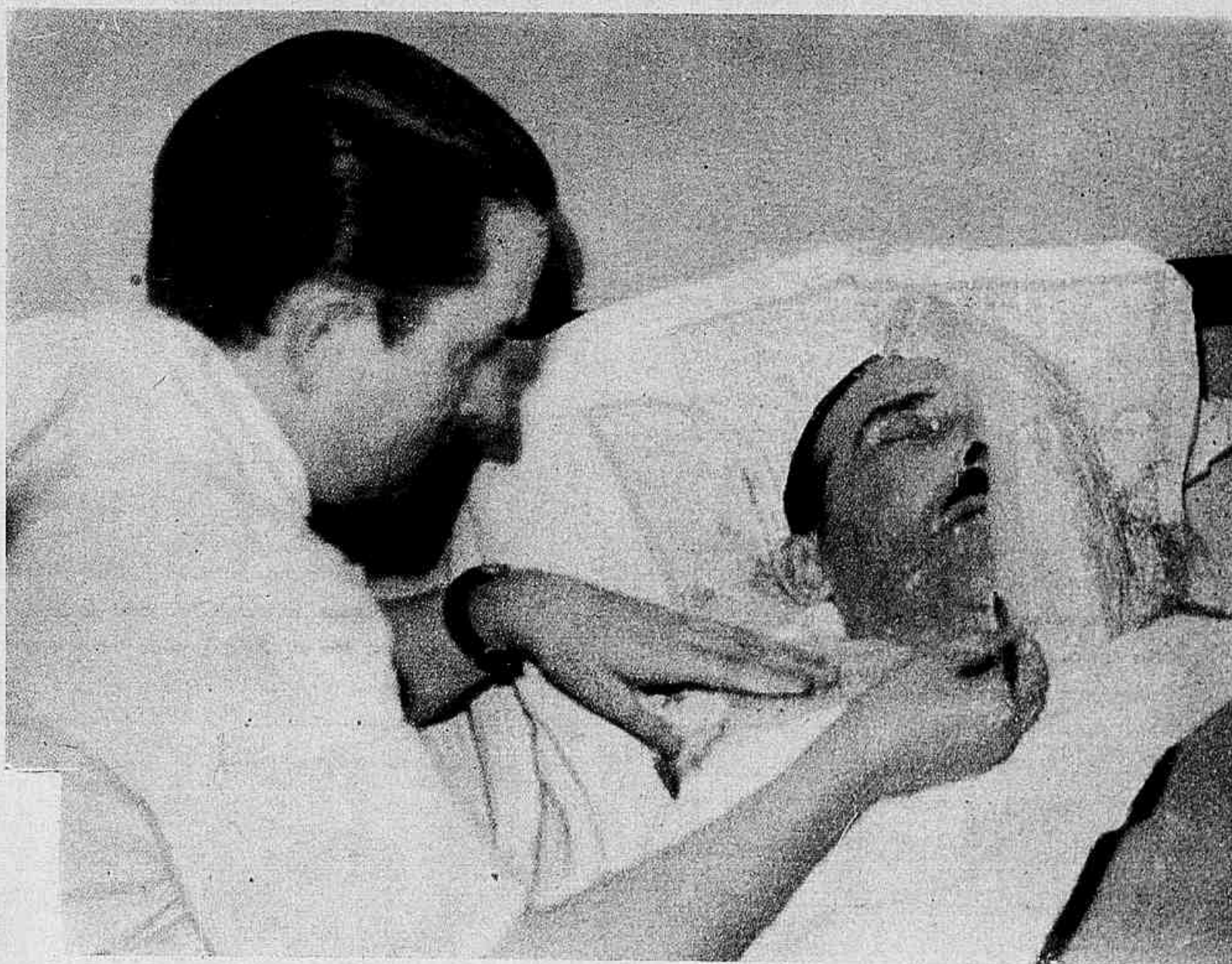
BUSCANDO O JUIZO ALHEIO

— O reporter, pouco depois do enterramento, ainda no cemitério, ouve a poetisa chilena, sra. Gabriela Mistral, grande amiga de Zweig, sobre o horrível acontecimento.

liberdade humana e a minha própria como o maior bem da terra. Deixo um adeus afetuoso a todos os meus amigos."

A carta endereçada ao prefeito de Petrópolis, sr. Cardoso Miranda, diz o seguinte: "Querido confrade: Sinto-me ainda no dever de agradecer-lhe as boas horas que pude passar na sua admirável cidade. Se eu ousasse reconstruir, pela terceira vez, a minha casa; se tentasse recomeçar a minha vida, que foi separada de suas raízes natais, isso se daria aqui, e em nenhuma outra parte. Como é doce viver e trabalhar em Petrópolis, no meio de uma natureza generosa e calma! Meu derradeiro olhar abraça, da minha janela, numa última vez, toda a beleza suprema da paisagem. Quero agradecer-lhe, também, pessoalmente, a sua grande amabilidade e pedir-lhe que guarde uma boa recordação do seu (a) Stefan Zweig."

E a última, a que dirigiu ao bibliotecário da Prefeitura de Petrópolis, sr. José Kopke Fróes, diz o seguinte: "Caro senhor. Não tenho aqui minha biblioteca. Além dos estritamente necessários ao meu trabalho, tenho apenas alguns livros que o acaso e a amizade deixaram junto a mim, mas sentir-me-ia feliz se quizesse escolher alguns para a vossa valiosa biblioteca que me foi tão útil e que testemunha a vossa dedica-



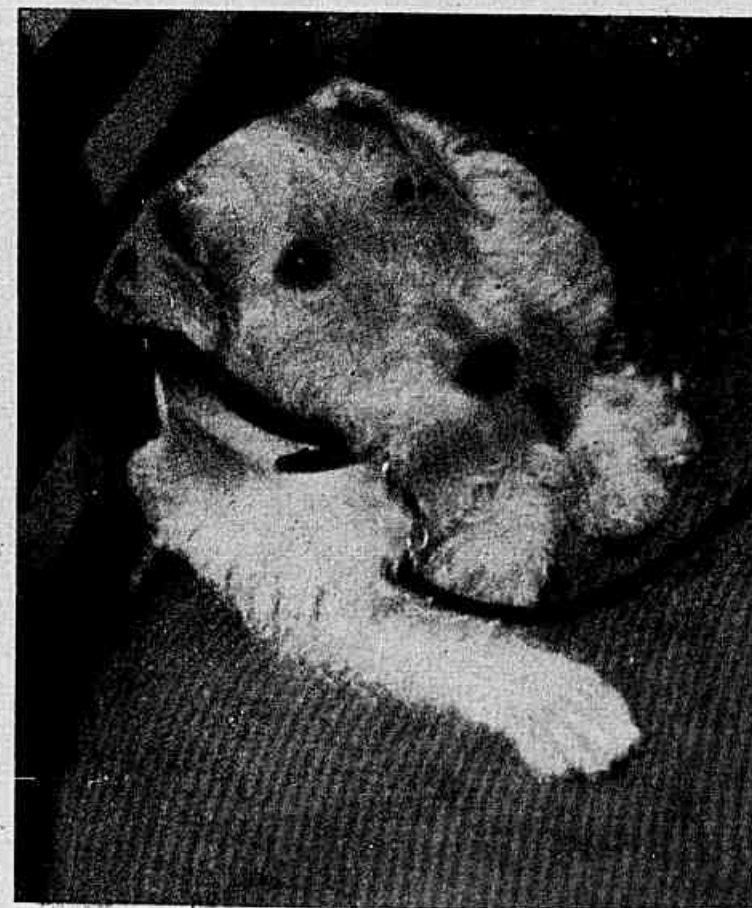
A "MÁSCARA" DE ZWEIG

— A moldagem em gesso do rosto de Zweig, no leito de morte, pelo escultor Anibal Monteiro.

ção e o vosso amor pelos livros e pelas letras. Oxalá possa ela desenvolver-se cada vez mais e dar aos outros o prazer que a mim próprio proporcionou. Vosso todo dedicado (a) Stefan Zweig."

DISPOSIÇÃO DE TODOS OS BENS

As autoridades policiais compareceram novamente à última morada de Zweig. Ia ser aberto o testamento do escritor e feito o arrolamento dos seus bens moveis. Já então nos foi permitido ingressar na casa em que ele residia pelo espaço de seis meses. No pequeno "hall" está um divan, que é parte do mobiliário da sala. À direita e à esquerda ficam os dois quartos: um, que servia de gabinete de trabalho do escritor, e outro, os aposentos do casal. No primeiro, sobre uma mesa, varios volumes envoltos em papel branco, com a letra do escritor, lia-se: "Livros emprestados. Retornar aos seus próprios donos". Numa cadeira, a coleção completa de "Obras", de Balzac. Mais adiante, um volume de "Brasil, país de futuro". Ao lado, o livro de Luiz Edmundo "A Côte de D. João no Rio de Janeiro". Noutro canto, uma pilha de manuscritos, onde a letra grossa de Zweig gravou: "Pas toucher (não toque). E em seguida: "Tous ces manuscrits (en grand partie inachevés) sont à être remis a Mr. Abrão Koogan. Editora Guanabara, que j'ai prié de les garder et faire reviser par M. Victor Wilhowski".



"BLUCHY" — O cão de estimação do desditoso autor de "Amok". O dono não o esqueceu: o animalzinho passou a ser de propriedade da sra. Margarida Banfield, dona do prédio que foi teatro da tragédia.

List Your Telephone Numbers

You will find this card convenient for:
1. Numbers you call frequently. (Before listing them, check the latest directory.)
2. Numbers you get from "Information".

If you wish additional cards or an attractive colored booklet with more space for numbers, call your telephone Numbering Office (Dial 311).

WIRE - POLICE - AMBULANCE
List in Call the Operator

Rio

Name & Address	Telephone No.
Monstein para H. e S. Banfield	25-3378
Eng. Ribeiro	23-1670
Colmeide para H. e S. Banfield	24-8328
Brasileira 13 para H. e S. Banfield	27-0178
Monstein para H. e S. Banfield	22-7231
Argem 72 para H. e S. Banfield	25-8519
Monstein	25-0178
Monstein 17 para H. e S. Banfield	25-2876
Monstein 12 para H. e S. Banfield	25-4832
Monstein 32 para H. e S. Banfield	27-1901
Monstein 699 para H. e S. Banfield	27-5560

SHOP BY TELEPHONE — The Classified Directories tell you "Where to buy it"

PRON. DA LITERATURA — L.A.

OS TELEFONES MAIS USADOS

— O fotógrafo fixou esta lista dos telefones mais necessários a Zweig, escrita por seu punho.



QUANTA PRECIOSIDADE, TALVEZ... — O reporter de "O Globo" revolvendo os papéis que Zweig atirara à cesta nos seus últimos momentos.

Eram os manuscritos da "Vida de Americo Vesputio", que Zweig pretendia editar no Brasil. No mesmo gabinete, pregado à parede, em letras góticas, um canto dos Lusíadas:

"No mar, tanta tormenta e tanto dano
Tantas vezes a morte apercebida
Na terra, tanta guerra, tanto engano
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano?!
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?!"

A sala de jantar está desarrumada. Uma mesa redonda e algumas cadeiras em torno. Sobre a cristaleira, uma jarra com hortênsias. No outro canto, sobre a étagère, uma fruteira com quatro bananas. Apanhamos sobre a mesa um pequeno quadro com as anotações de nomes, escritos por Zweig. Lêmos alguns: Aga-



UM TRECHO DA ÚLTIMA MORADA — A pitoresca varanda da casa do casal Zweig.

che, Bronstein, Burger Ferdinand, Carnaxide, Frischauer, Guanabara Editora, Koogan, Krestner, Mandler, Peixoto, Claudio de Souza, Stern, Szenkar, Wilhowski, Fraga, Friedrich, Leopoldina Railway, Mistral, Rezendar, Stenberg, taxi, Util Autobus, Unica, Braga, Melo Franco, Afonso etc. O quarto do casal ainda guarda a triste impressão do suicídio. As camas, duas camas, patentes de solteiro, estão unidas. De cada lado, uma mesinha de cabeceira. Na de Zweig vê-se uma garrafa de água mineral, um copo e oitocentos réis; na de sua esposa, uma garrafa de água mineral e uma fatia pequena de pão torrado. As roupas se amontoam por sobre as cadeiras.

NÃO QUERIA OUVIR ONDAS CURTAS

No alpendre da residência encontramos o sr. Antonio Moraes, serviçal do casal Zweig. Ele nos fala com tristeza na morte de seu patrão. Recorda os dias alegres vividos, pelo menos na aparência, pelos seus patrões. E acrescenta que o escritor mandara rasgar,



O MIRANTE PARA A "BELEZA SUPREMA DA PAISAGEM" — O caramanchão do fundo da casa. Vêem-se duas cadeiras onde, muitas vezes, Stefan e Elisabeth, tendo diante dos olhos a glória da natureza, pensaram na miséria humana.

na sexta-feira, alguns manuscritos e retratos seus. Mas nem de longe — observa o sr. Antonio Moraes — eu podia imaginar esse fim tão triste!

A sra. Margarida Banfield, a proprietária da casa onde residiu o autor de "Fouché", está presente e nos dá suas impressões sobre a vida do casal. Diz que conhecia bem os seus inquilinos, e que o escritor, embora se mostrasse sempre bem humorado, não gostava de conversar sobre política internacional. E em sua casa, no rádio, jamais se ouvia o estrangeiro. Stefan Zweig deixou para a sua antiga locatária o seu cãozinho de luxo, "Bluchy".

O FÉRETRO

O enterro de Stefan Zweig e de sua esposa deixou a Academia Petropolitana de Letras às 4.30. Pouco antes, o sr. Carauta de Souza, presidente do cenáculo, proferiu sentida oração de despedida, recordando a figura do grande morto e a sua projeção no mundo das



NA CÂMARA ARDENTE

— A esquerda, a cabeça de Zweig sobre um leito de flôres, no ataúde. — A direita, a câmara ardente, na Academia Petropolitana de Letras, vendo-se os esquifes guardados por bombeiros de Petrópolis e, ao fundo, o dr. Carauta de Souza, presidente daquele cenáculo.



A DESPEDIDA

Na câmara ardente, na Academia Petropolitana de Letras: flagrante colhido quando falava o dr. Carauta de Souza, presidente daquele cenáculo.

letras. Finaliza sua oração, dizendo: "Deixas em dor o mundo literário; deixas em crepe as letras do Brasil; mas deixas a riqueza da tua vida produtiva que honrará sempre em todas as linguagens o teu nome de historiador, biógrafo, romancista e o teu romance final. A Academia Petropolitana de Letras abriu-te o seu cenáculo para despedir-se de ti e cobrir-se de luto. Para um escritor tão extraordinário como tu, só a homenagem de uma Academia de Letras."

No cemitério, de acordo com o ritual israelita, foi procedido o enterramento. Dois rabinos rezaram à beira do túmulo. Dentro da sepultura do escritor, foram colocadas as corôas que lhe ofereceram a Cidade de Petrópolis e os Austríacos Livres.

O PEZAR DE GABRIELA MISTRAL

Encontramos a poetisa chilena Gabriela Mistral no cemitério, quando acabava de dar seu último adeus ao seu grande amigo. Instada a dizer algumas palavras para a REVISTA DA SEMANA, a escritora, ainda sob a emoção do acontecimento, fala de Zweig como se não acreditasse na sua morte. Lembra, por exemplo, como ele se deixava impressionar pelos acontecimentos europeus. E em seguida lembra uma passagem de suas palestras: "Certa vez disse eu a Stefan Zweig que pretendia ir aos Estados Unidos, afim de ser operada. O escritor me encarou muito, depois procurou um daqueles seus "hermosos" sorrisos de bondade e respondeu-me que não fosse, pelo menos já; que vivesse, que procurasse viver um ano mais de tranquilidade e paz no Brasil. E a palestra prosseguiu. Perguntei-lhe, então, se não cabia aos escritores, na hora presente, tomar uma atitude decisiva em prol da sorte do mundo, contra a barbaria da guerra. Ele olhou-me ainda outra vez, mas já então de maneira diferente, e respondeu apenas isso:

— Não. É absolutamente impossível qualquer interferência do escritor contra a cegueira do homem de hoje.

— Mas nada pode fazer o intelectual? — perguntei-lhe ainda.

— Absolutamente nada — respondeu-me. Estamos vivendo a hora dos canhões. Eles é que falam. Eles é que agem. Que pode um escritor contra o canhão?

— Como vê — prossegue Gabriela Mistral — ele estava completamente impregnado de pessimismo. Não posso compreender tal decisão num espírito superior como era o de Stefan Zweig, finaliza a poetisa e consulesa chilena em nosso país.

DEPOIMENTO DO ESCRITOR MAX FISCHER

Encontra-se nesta capital, onde dirige a editora

À BEIRA DOS TÚMULOS

O rabino israelita encomendando os corpos. Zweig e sua esposa foram inhumados na forma do rito hebraico.



O SAIMENTO — A caminho do cemitério. Vêm-se segurando as alças do caixão de Stefan, de um lado, o representante do interventor Amaral Peixoto, o escritor Leopoldo Stern e o pintor e teatrólogo Raul Pedrosa, e de outro o sr. Cardoso Miranda, prefeito de Petrópolis; o nosso confrade D'Almeida Victor e o prof. Clementino Fraga, da Academia Brasileira.

"Americ-Edit, o escritor francês Max Fischer. Há dez anos mais ou menos que este intelectual francês, na qualidade de diretor literário da Casa Flammarion, de Paris, mantinha relações com Stefan Zweig. Mas essas relações, motivadas pela publicação de um livro do grande escritor austríaco levada a efeito pela conhecida editora francesa, eram mantidas por correspondência. Ao primeiro livro, sucedeu-se o segundo, e, depois, um terceiro. Mas apesar disso, as circunstâncias não permitiram que os dois escritores se conhecessem pessoalmente, nem mesmo quando, por duas vezes, aproveitando a passagem de Zweig por Paris, Jules Romains tentou estabelecer entre os seus dois amigos uma aproximação mais íntima. E' que o acaso não permitiu que os três escritores estivessem ao mesmo tempo livres, nessas duas ocasiões da rápida passagem do autor de "Amok" pela capital da França.

Foi só no Rio de Janeiro que Max Fischer veio a encontrar Stefan Zweig. E as circunstâncias, que até então os tinham afastado, vieram favorecer uma amizade que tinha nascido, por assim dizer, há dez anos, permitindo um contacto diário e tão íntimo quanto possível. E' que Max Fischer, ao chegar ao Rio, se hospedara no mesmo hotel em que se havia instalado o seu ilustre confrade.

Max Fischer consente em recordar alguns momentos de convívio com Stefan Zweig para os leitores da REVISTA DA SEMANA:

— Não posso esquecer certas conversas, certos momentos que me deram o terrível pressentimento do sui-



O ÚLTIMO INSTANTE

Os coveiros cobrindo os túmulos no cemitério de Petrópolis.

cidio do casal Zweig... A primeira vez que falei com o grande escritor, e senti o pavor que esse homem tão sensível tinha de ficar sozinho, adivinhei com amargura o perigo em que ele vivia. Muitas vezes ele me telefonava muito cedo e vinha conversar comigo, distrair sua tristeza...

Lembro-me de ter ouvido num desses momentos:

— "A sua língua é a francesa. Você pode pensar em francês. Mas eu sou obrigado a pensar em alemão... em alemão... como..."

E ele não pronunciou o nome de Hitler...

Lembro-me ainda de ouvi-lo, em voz muito baixa, desanimado:

— "Deixei a Austria antes do seu esmagamento. Quando isto aconteceu, ainda me rejubilei por ter partido, por ter previsto e preparado o meu exílio. Estava contente por ter escapado aos acontecimentos, por estar longe da minha patria... Eu me dizia: "Ser de tal país, mais do que de outro qualquer, que importancia tem?"

Eu não o sabia então, meu amigo! O dia em que me tiraram a nacionalidade, quando me vi sem passaporte, o dia em que fiquei sem patria, o compreendi. E fiquei perplexo como se diante de mim mesmo estivesse diante de um desconhecido, de um outro que não era mais eu..."

— E' triste — acrescenta Max Fischer — recordar esses numerosos momentos em que Stefan Zweig, como a querer fugir de si mesmo, vinha ao meu quarto, cu me procurava no "hall" do hotel, abrindo-me o seu coração amargurado, a mim que tambem sofria a ausencia da patria... Por isso mesmo, longe da patria como ele, e tambem como ele grato ao país que nos acolhia tão hospitaleiramente, pude compreender o seu sofrimento mas não pude consolá-lo em sua dor imensa, porque essa dor não tem consolo nem remedio... Desde o primeiro dia em que o vi, Stefan Zweig estava abatido. A sua expressão era triste, melancólica,

e toda sua tristeza, toda sua melancolia parecia se exprimir em seus olhos, que ainda assim revelavam a sua bondade imensa... A sua mulher era realmente uma companheira ideal, e as suas preocupações pareciam esconder-se num sorriso sempre amavel... Mas de baixo do seu sorriso se escondiam as suas preocupações... Ela não era tão forte como aparentava...

A última vez em que estive com Stefan Zweig foi ainda na sua patria que ele falou, no sofrimento que lhe causava a perda da nacionalidade:

— "Eu me enganava dizendo assim: — Falo algumas linguas. Não sou isto ou aquilo, sou um europeu. Ah! mas agora eu sinto que não há nada mais horrível do que não ter patria, não ter a "sua" patria! A gente se sente sempre estrangeiro por tudo e em toda parte. E se acaba até estranhando-se a si mesmo, como alguém que se olhasse para si proprio como um "outro", um estrangeiro..."

Écos do Carnaval



O baile do Club Sul-America, realizado na segunda feira de carnaval nos salões do Botafogo F. C.

ENCICLOPEDIA DE ALGIBEIRA

Que é a ventriloquia? Como dormem as ostras? Qual a origem do nome do Canadá? Como se conserta porcelana? Quem foi Barba Azul? Quantos automoveis há no mundo? De quando datam os cachimbos? Origem do magnetismo. Que povo tem o record da longevidade? Qual a maior flôr do mundo? Qual a maior pepita de ouro? Quem inventou o pifano?

INVENÇÕES E DESCOBERTAS

Quem, quando e como inventou o telefone? — E o telefone elétrico? O fonógrafo? A fonografia? Quem inventou os faróis? Como surgiram as armas de fogo?

ASUNTOS RURAIS

Guerra de formigas — A plástica do café — Feno artificial — Máquina infernal contra insetos — Medidas gerais para a criação de aves domésticas — Congresso Inter-Americano de Agrônomos — Sisal, fonte de riqueza — A caça no Canadá — Arte e montaria.

NOSSA TERRA

Efemérides cariocas — A população do Brasil — Ministros da Marinha do Brasil, desde 1808 — Os primeiros presidentes das provincias.

DIVERSOS

Quebra-cabeça — Charada, enigmas, palavras cruzadas. Anedotas.

Tudo isto se encontra no

ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1942

Redação — Rua Maranguape n.º 15
RIO DE JANEIRO

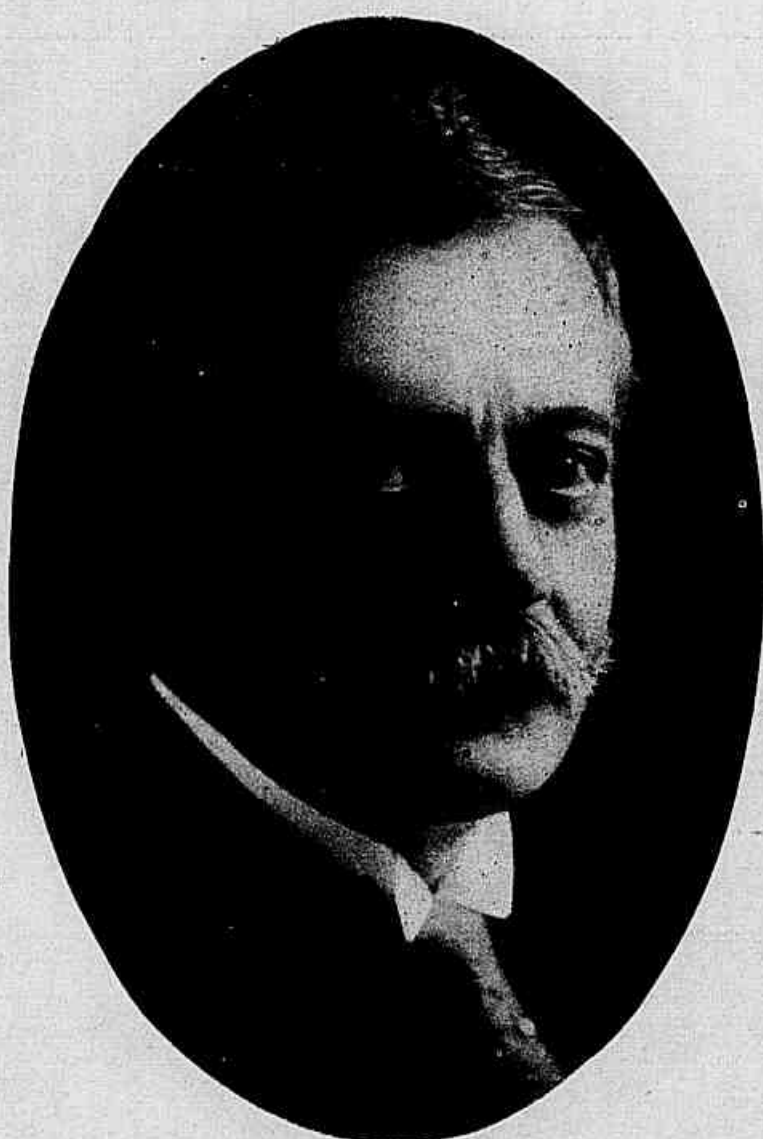


A benção == das == espadas



Aspéctos obtidos na matriz da Candelária, ao realizar-se a benção das espadas da última turma de guardas-marinhas da Escola Naval. A cerimonia teve por celebrante D. Carlos Duarte da Costa, bispo titular de Maures, diante de quem, um a um, acompanhados dos seus respectivos paraninfos, os novos guardas-marinhas se ajoelharam para a benção das espadas.





O Sr. Epitácio Pessoa, quando Presidente da República.

O Brasil perdeu no dia 13 do corrente um dos seus mais eminentes filhos, o sr. Epitácio Pessoa, aquele que, na vida pública, foi o único dos seus compatriotas a exercer as culminancias dos três Poderes da Nação — o Legislativo, o Judiciário e o Executivo, como senador, ministro do Supremo Tribunal e Presidente da República.

Figura de acentuado relevo, o sr. Epitácio Pessoa possuía um nome de repercussão universal, engrandecido através de uma série imensa de serviços prestados ao Brasil, dentro e fora do território nacional.

Nascido na cidade de Umbuzeiro, no Estado da Paraíba, a 23 de Maio de 1865, seus pais — o tenente-coronel Henrique José da Silva Pessoa e d. Henriqueta Barbosa de Lucena — deixaram-no orfão aos oito anos de idade. E foi nessa qualidade que a provin-

Epitácio Pessoa

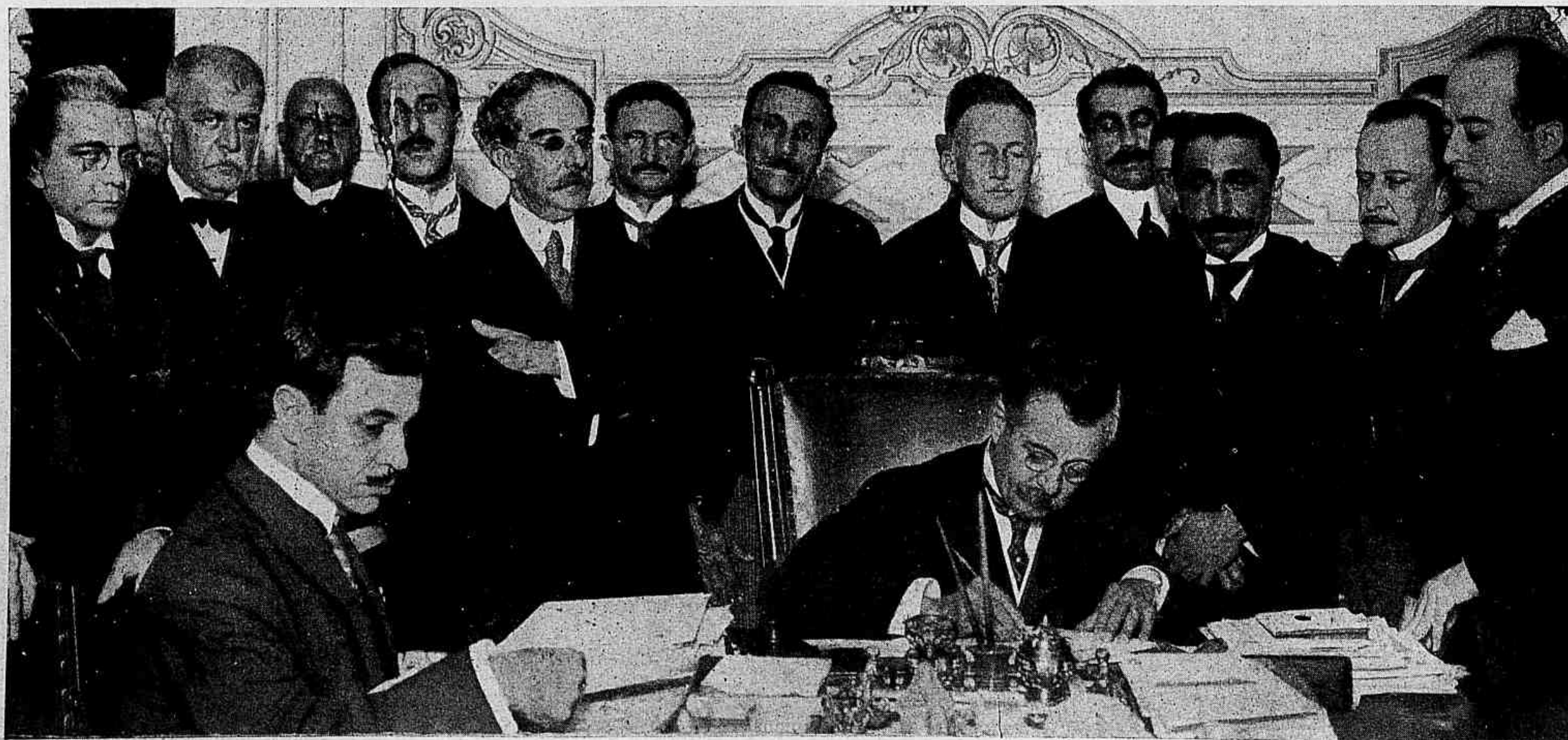
cia de Pernambuco o manteve, à custa do Tesouro, no Ginásio Pernambucano. A manutenção de certo número de orfãos no Ginásio à custa da Província pouco mais durou, e só por especial deliberação do então presidente

de Pernambuco pôde ele prosseguir nos estudos, como aluno gratuito.

Em 1882, matriculava-se na Faculdade de Direito do Recife, onde o seu curso foi notabilíssimo, traindo o futuro jurisconsulto e o



O sr. Epitácio Pessoa e o seu primeiro Ministério, composto dos srs. Raul Soares (Marinha), Azevedo Marques (Exterior), Pires do Rio (Viação), Homero Batista (Fazenda), Alfredo Pinto (Justiça) e Simões Lopes (Agricultura), que se vêem da esquerda para a direita. Até a chegada do sr. Padiá Calogeras, respondeu pela pasta da Guerra o sr. Alfredo Pinto.



O Presidente Epitácio Pessoa assinando o decreto com que foi revogado o banimento da Família Imperial.



O Presidente Epitácio Pessoa recebendo no Rio de Janeiro o Rei Alberto I, da Bélgica, em 1920.



O Presidente Epitácio e o dr. Antonio José d'Almeida, Presidente de Portugal, quando este veio ao Brasil, em 1922.



O Sr. Epitácio Pessoa — Presidente eleito do Brasil — recebido em Roma pelo Rei Vitor Emanuel III.

orador futuro. Como pormenor significativo, seja de lembrar que, aprovado com distinção no curso todo, foi o único aluno que, quando no quarto ano, logrou manter essa nota perante o examinador, conselheiro Tarquinio, que a ninguém a conferia.

Sua vida pública foi iniciada na Promotoria Pública do Ingá, ainda como estudante. Depois de formado, foi promotor interino em Bom Jardim e efetivo no Cabo, em Pernambuco. Vindo para o Rio de Janeiro, ao ser proclamada a República, tornou-se à Paraíba pouco depois, como secretário do governo do dr. Venancio Neiva, em 1889.

Em Setembro de 1890, com vinte e cinco anos de idade, foi eleito deputado à Constituinte. Em Fevereiro de 1891, foi nomeado catedrático da Faculdade de Direito do Recife.

Na Câmara, notadamente no tempo de Floriano, foi um grande *leader* da oposição.

Em 1898, foi nomeado ministro da Justiça do governo Campos Salles, cargo que exerceu até Agosto de 1901.

Em Janeiro de 1902 foi elevado a ministro do Supremo Tribunal Federal, cargo em que sempre se notabilizou por pareceres luminosíssimos, que ecoaram profundamente, até o dia 17 de Agosto de 1912, data em que se aposentou. Quando no Supremo Tribunal Federal, foi escolhido pelo grande chanceler Rio Branco para escrever o Código de Direito Internacional Público.

Foi depois senador da República, e, como senador, escolhido para chefe da Delegação Brasileira à Conferência da Paz, em Versailles.

Encontrava-se na Europa, no desempenho dessa missão difícil, quando, por morte de Rodrigues Alves, foi eleito Presidente da República para completar o quadriênio 1918-1922. Empossou-se no dia 28 de Julho de 1919 e deteve o poder até 15 de Novembro de 1922.

Foi ainda, novamente, senador pela Paraíba e juiz da Corte Permanente de Justiça Internacional de Haya.

Durante o seu governo, o Brasil recebeu as visitas do Rei Alberto I, da Bélgica, e do dr. Antonio José d'Almeida, presidente de Portugal.

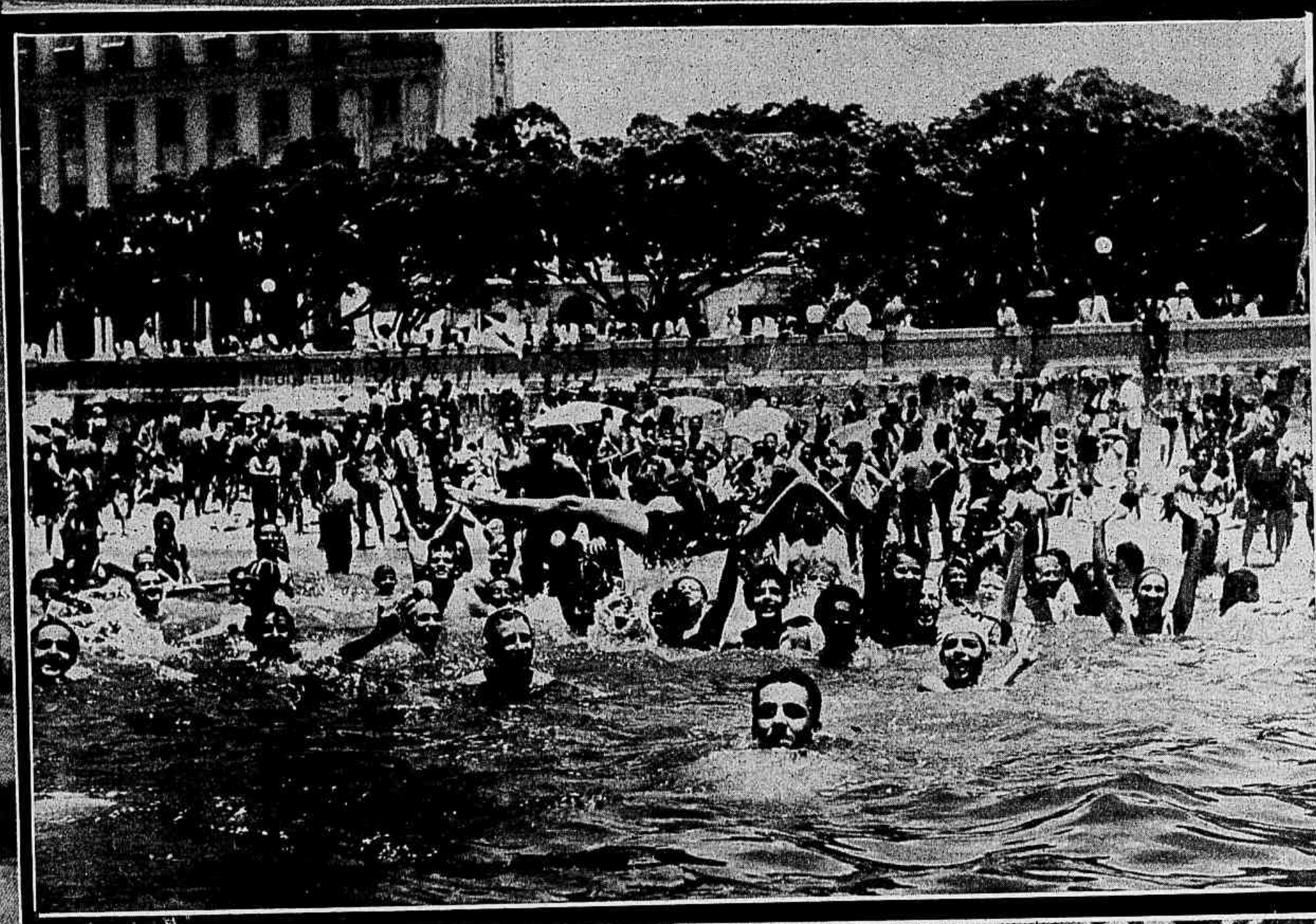
O Presidente Epitácio Pessoa foi condecorado pelos seguintes países: Dinamarca, Suécia, Polónia, França, Bélgica, Itália, Inglaterra, Noruega, Venezuela, Perú, Chile, China, Japão e pela Santa Sé.



Aspecto na nave da Candelaria ao serem celebradas missas do sétimo dia pelo passamento do Presidente Epitácio Pessoa.



Outro aspecto tomado na Candelaria quando foram resados officios fúnebres, no sétimo dia da morte do Presidente Epitácio Pessoa.



Verão - gloria das praias

O verão caminha, oficialmente, para o fim. Entretanto, ainda as praias mantem uma animação capaz de fazer crêr numa ruidosa e alegre abertura de estação. Esta pagina é um atestado eloquente da alegria estival, alegria franca, comunicativa, abençoada pelo esplendor do sol. A nossa objetiva, que andou colhendo aspectos isolados e de conjunto em vários dos nossos muitos balneários, apanhou os flegantes animadíssimos que se vêem nesta pagina, numa das radiosas manhãs do Flamengo.



O DOMINGO NAS PRAIAS



Flagrantes do banho de mar
colhidos nas praias de Copacabana, Urca e Arpoador.

Na foto ao alto — do lado direito —
s. excia. o sr. Jefferson Caffery,
Embaixador dos Estados Unidos.



Instantâneos tirados nas praias de Copacabana, Urca, Arpoador e — alto da página — na do Caju.



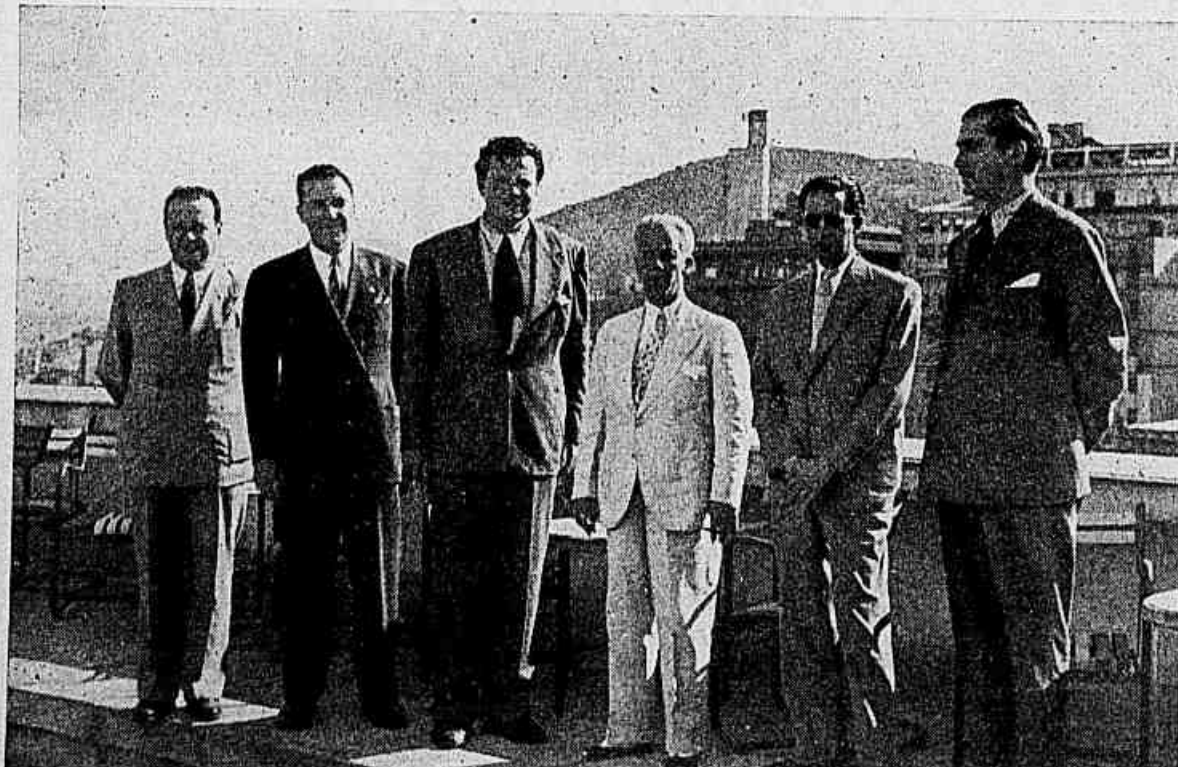
FIGURAS



CLUB BRASILEIRO DE EXCURSIONISMO — Associando-se ao "grande" movimento de fraternidade americana, promoveu o C. B. de Excursionismo a 20 de Janeiro ultimo, dia de seu aniversário e que coincide ainda com o da fundação da cidade do Rio de Janeiro, uma grande homenagem aos paizes que nessa ocasião se fizeram representar na III Reunião de Consulta dos Chanceleres. Foi levantado num dos pontos mais famosos do Rio de Janeiro, na Pedra da Gávea, um grande mastro onde foram desfraldados os pendões das nações americanas. A fotografia acima é um flagrante desta homenagem prestada por um grupo de associados do C. B. E.



AO CHANCELER OSWALDO ARANHA — As "Casas de Castro Alves do Brasil", sob a presidência do embaixador Afranio de Mello Franco, promoveram, há dias, uma irradiação pan-americana em homenagem ao chanceler Oswaldo Aranha, pela sua brilhante atuação como presidente da III Reunião de Consulta dos Ministros do Exterior. Damos um aspecto da solenidade quando falava o dr. Marcos Coastaulino, que pronunciou brilhante oração.



ORSON WELLES NO RIO — Flagrante da visita do sr. Orson Welles á Associação Brasileira de Imprensa.

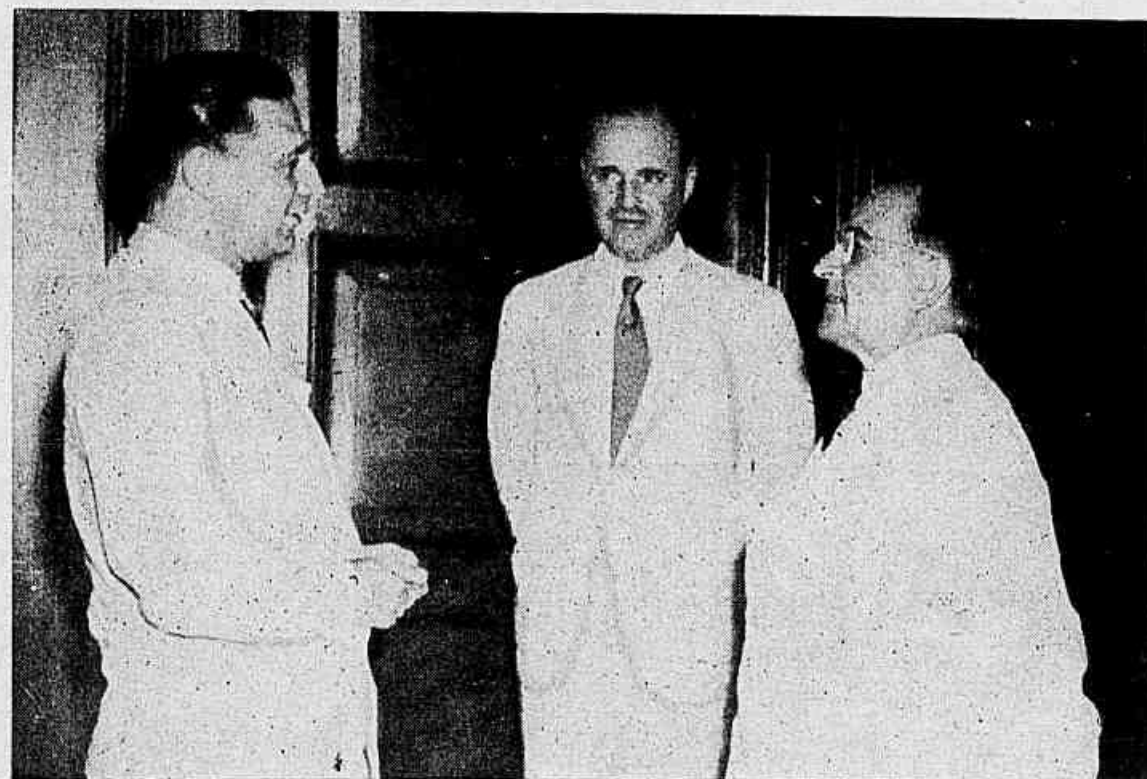
E FATOS



No Touring Clube do Brasil — Por ocasião de sua estada no Rio, esteve em visita ao Touring Clube do Brasil o dr. Leo Rowe, illustre presidente da União Pan-Americana, com sede em Washington. A gravura mostra um aspecto dessa visita, vendo-se ao centro o dr. Rowe, ladeado pelo dr. Juvenal Murtinho Nobre, presidente do Touring Clube, e pelos srs. Berilo Neves, Adriano Vaz de Carvalho, Americo Rodrigues, Edgard Chagas Doria e Harry Braunstein, diretores daquela prestigiosa instituição.



FUTUROS NAUTAS DO AZUL — Estiveram, no Palacio Rio Negro, em Petropolis, a fim de apresentar despedidas ao Chefe do Governo, os candidatos aprovados nos concursos promovidos pelo Ministerio da Aeronautica, em colaboração com a Embaixada Americana, e que farão estudos de aviação nos Estados Unidos, em virtude de bolsas concedidas por esse paiz. A foto mostra um aspecto da visita feita ao Presidente Getulio Vargas.



O NOVO DIRETOR DA AERONAUTICA CIVIL — Após seu despacho, no Rio Negro, com o presidente Getulio Vargas, o titular da Aeronautica levou á presença de s. excia o engenheiro Junqueira Aires, que se vê á esquerda e que acaba de assumir a Diretoria de Aeronáutica Civil, para que foi nomeado pelo presidente da Republica. Publicamos aqui um flagrante da apresentação.

Jornal das Famílias



Vestido de crepe preto ou azul marinho, grande gola de bordado branco.

CRONICA DA MODA

É esta a estação do ano que nos traz os vestidos mais alegres, mais frescos e mais graciosos. É o triunfo dos belos coloridos: todos os tons lindos das flôres e das frutas encontramos nos vestidos e nos chapéus. Pintas, xadrez, listas dão uma nota viva e alegre ao mais simples dos modelos. Quanto aos vestidos de um só tom, são eles guarnecidos com vizes de tecidos contrastantes, com bordados e sobretudo com as golas de lingerie em branco.

Os vestidos para a tarde têm sempre um lugar privilegiado na moda de verão. Permitem todos os tecidos de fantasia, mas os floridos são sempre os prediletos: pos-

suem ao mais alto ponto a distinção e a graça que os costureiros sabem conferir às suas criações. Alguns aparentam-se com os vestidos da manhã e outros com os da noite, de que tomam muitas vezes o lugar. Pódem ter linha muito alongante ou então uma saia com ampla roda. Muitos vestidos não têm cinto, outros têm cinto ou faixa do próprio tecido. Corpos cruzados, mangas fantasistas, babadinhos, *ruches*, mil friolidades encantadoras. Mas todas essas criações evitam cuidadosamente o sobre-carregamento: sua elegância alia-se a uma perfeita compreensão das exigências do vestido destinado às tardes quentes. Que graça, que frescura têm esses modelos!

Marinette.

As guarnições brancas estão em voga

1 — Vestido de crepe bordeaux claro, a blusa e a saia guarnecidas com pregas. Gravata e punhos de nanzouk branco bordado. Cinto de pelica branca.
 2 — Vestido de crepe azul marinha, acompanhado por um bolero. Frente de crochet de linha branca.
 3 — A gravata e o punho bordados. 4 — A frente de crochet de linha branca.



Vestidos e manteau para as que não são esbeltas



1 — Vestido singelo de toile de seda ou zefir listado. Para manequim 46 e 50: 4 m. 25 centímetros de tecido de 80 centímetros de largura. 2 — Vestido para a tarde, de crepe florido, guarnecido com jabots. Para manequim 46 e 50: 3 m. 10 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura. 3 — Manteau de crepe de lã, de linha afinante. Para manequim 46 e 50: 2 metros e meio de tecido de 1 m. 30 centímetros de largura. 4 — Vestido para a tarde de crepe de fantasia. Faixa do próprio tecido. Para manequim 46 e 50: 3 m. 30 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura. 5 — Ensemble: vestido e capa de crepe de lã, a pala bordada. Para manequim 46: tecido de 1 m. e 30 centímetros de largura, para o vestido 2 m. 55 c., para a capa 75 centímetros.

4 Modelos interessantes



1 — Vestido de foulard ou linho azul com pintas brancas, guarnição de crepe ou fustão branco 2 — Costume e túnica, saia e casaco longo de crepe branco, o casaco guarnecido com tiras com nervuras. A túnica de crepe da China, de fantasia. 3 — Manteau de crepe marocain bordeaux, guarnecido com rouleautés de setim preto, faixa e gola do mesmo setim. 4 — Vestido singelo de tecido diagonal, abotoamento na frente, enfeitado com pespontos, a frente e gola de fustão branco.

Toilette para a noite



Vestido de renda branca, a saia com ampla roda. Chale de crepe com renda de crochet e borlas.

Elizabeth



O "Creme de Oito Horas" de Elizabeth Arden, de excelentes propriedades para os dias de verão, tornou-se afamado pelo seu rápido efeito.



Este magnífico preparado suaviza em oito horas as queimaduras do sol, acalma as irritações, e refresca a epiderme que esteve demasiadamente exposta ao vento e aos raios solares.

Arden

Alguns chapéus modernos



Chapéu de palha bege, guarnecido com fita gros-grain verde e marrom.



Pequeno chapéu de palha azul claro, enfeitado com rosas cor-de-rosa



Original chapéu de copa muito alta de faille preta, com fita de faille verde.



Canotier de palha vermelha e enfeito formado com a própria palha. Véu preto ou vermelho.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

28 as sras. Silvia Januzzi Pereira e Judith Gama Barreto; as senhoritas Maria Jenny de Oliveira e Maria Corina Fleiuss; os dres. Luiz Augusto de Moraes Jardim e João Augusto Alves.

1 as sras. Aida Lemos e Valentina do Nascimento; os dres. Arthur Carvalho Azevedo, Francisco Pereira e Alberto Reis.

2 a sra. Lucilia Campista Santos; as senhoritas Marieta de Andrade e Nair Mourão do Valle; o general Francisco José Pinto, chefe da Casa Militar da Presidencia da Republica; o dr. Arnaldo Guinle; o dr. Casper Libero, diretor da «Gazeta», de S. Paulo.

3 as sras. Heloisa de Figueiredo Cordovil e Lucilia Gomes Nery; a maestrina Dinorah de Carvalho; o sr. Mauricio Barros Barreto.

4 a sra. Esther de Barros Santos Dias; as senhoritas Alba Mendonça e Eunice Pereira da Silva; os dres. Tomé Redis, Octacilio Pinto de Souza e Elói de Souza.

5 as sras. Julieta Telles de Menezes e Annita Cunha Guimarães; a senhorita Alice Ferreira da Silva; os srs. Gastão de Carvalho, Fernando Milanez, Gustavo Lopes, Emiliano Netto, José Antônio Flores da Cunha e Oswaldo de Noronha; a menina Maria Helena Lopes; o menino Marcos Matera.

6 as sras. Iveta Ribeiro e Maria Bezerra da Silva; a senhorita Honorina Perdigão; o desembargador Pires Sexto; os dres. Carlos Guinle e Porto d'Ave; o professor José Marques de Azevedo.



A senhorita Maria de Lourdes Mendes Serra, com sua deslumbrante fantasia — Flora Brasileira — que foi uma das mais fulgentes e harmoniosas entre as apresentadas no baile de gala de segunda-feira de carnaval no Theatro Municipal. Foi tão impressionante a beleza de sua indumentaria na circunstancia que, á parte da classificação, foi promovida uma homenagem especial á senhorita Maria de Lourdes, consistindo na oferta de um rico anel com topazio, brinde que lhe foi entregue na quinta-feira transacta pela sra. Ilka Labarthe no Palacio Tiradentes.

ANossa capa

"Verão" foi o nome que demos à capa deste número, soberba fotografia de Arnaldo Vieira, colhida na praia do Flamengo.

Seria necessario definir-se a fotografia com um título? Talvez não, porque pre-



cisamente o título estaria definido pela fotografia.

Em verdade, quem quer que contemple o empolgante aspecto fotográfico terá de pensar no verão, porque só a quadra estival tem o privilégio de fazer das praias o rendez-vous da população vizinha. Só o verão tem esse prestígio inconfundível de encher de vida, de vibração, de cores, de alegria as areias onde morrem as ondas mansas no litoral carioca.

Verão! A gloria incomparavel das praias!

UMA HOMENAGEM DA "REVISTA DA SEMANA"



Flagrante obtido no "Automovel Club do Brasil", após o cock-tail, vendo-se ao centro o representante da REVISTA DA SEMANA

No dia 19 do corrente, a REVISTA DA SEMANA ofereceu, no "Automovel Club do Brasil", um "cock-tail" ás Agencias de Publicidade, amigos e clientes. Essa solenidade revestiu-se de um cunho de grande cordialidade, tendo á mesma comparecido os amigos cujos nomes temos o prazer de mencionar a seguir: Eugenio Leuenroth (Rothal Publicidade), Ribamar Coelho (Casa Bayer), Francisco Fernandes (Fabrica de tecidos "Aurora"), Oswaldo Loureiro (Empresa Phebo de Publicidade), Dr. Fausto Campos (Academia Scientifica de Beleza Mme. Campos), Belmiro Souza Sobrinho e José Lyra (Eco de Propaganda Ltda.), Gabriel Pereira (Empresa de Propaganda Standard Ltda.), Moacyr Scaglioni (Mc Cann Erickson Corp.), Augusto de Angelus (J. Walter Thompson Company do Brasil), Raphael Azambuja (Empresa de Publicidade Eclectica Ltda.), J. N. de Sá (Revista Beira-Mar), Dr. Salvador Caruso, Srs. Walter Rocha, João Ribeiro Coelho e José Fonseca. Ergueu o brinde aos presentes, em nome da REVISTA DA SEMANA, o sr. Costa Junior.

JOCKEY CLUB MUNDANO



Como todos os anos acontece, a alta sociedade carioca escolheu o aristocrático Hipódromo da Gávea para reunir-se e passar a mais agradável de suas tardes carnavalescas. Estampamos ao alto, à esquerda, um aspecto colhido na mesa do Exmo. Sr. Prefeito do Distrito Federal, Dr. Henrique Dodsworth, e à direita um flagrante da mesa do Embaixador Rodrigues Alves.

♦ ♦ ♦ ♦

O sábado de Carnaval registrou um fato deveras interessante no Jockey Club Brasileiro. Othello e Déo Maia apareceram no Hipódromo da Gávea, num cantinho da "especial". Com aquele olhar esperto, que trói o turbilhão de idéas que no seu cérebro se agita,

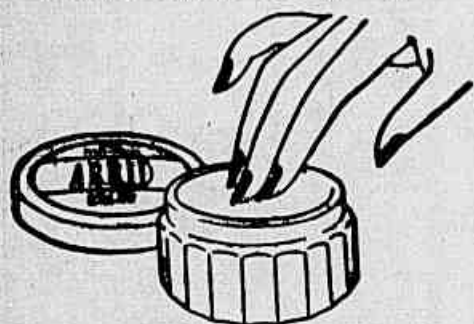


o astro do nosso "broadcasting" procurava o Théo, speaker do Jockey Club, mandando-lhe insistentes recados. Queria uma barbadá. Théo, ao que parece, já trazia um programa marcado. Othello mostrou-o a Déo Maia. A graça morena sorriu. Othello disse-lhe qualquer coisa ao ouvido e Déo com aquele sorriso que não pode ser imitado, que é todo dela, acreditou.

O resultado não podemos dar em números exatos. Parece-nos que foi ótimo o palpite do Theo, porque o artista negro saiu contentíssimo do hipódromo e Déo Maia lhe sugeria até a compra de um parrelheiro.

— Vamos seguir o exemplo de Francisco Alves e Carlos Galhardo. Othello sorriu radiante.

Novo... CREME
Desodorante que Detém
A Transpiração
das Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

As mulheres usam mais Arrid do que qualquer outro desodorante. Experimente um pote hoje mesmo!

ARRID

Tamanho econômico 9\$500 Tamanho normal 4\$600

Conselhos praticos

PRECAUÇÃO A TOMAR COM AS ESCOVAS



Póde-se molhar sem receio as escovas, para limpá-las, contanto que depois unte-se bem a madeira com um pouco de vaselina. O verniz assim não estalará e conservará todo seu brilho.

Cola para cristal e porcelana — A cola de peixe dissolvida no álcool dá bom resultado para colar objetos quebrados de vidro ou porcelana. Também se emprega com exito a dissolução da cola de peixe no ácido acético.

♦♦♦

Cuidado a tomar com os relógios — Muitas são as pessoas que à noite colocam seus relógios sobre o mármore da mesa de cabeceira; no entanto é um erro porque o frio do mármore influe sobre o mecanismo, determinando atrasos em sua marcha regular.

♦♦♦

Cuidado a tomar com as gaiolas dos passarinhos — As gaiolas devem ser sempre muito limpas, os passarinhos presos estão sujeitos a muitas doenças; muitos morrem de tuberculose. As gaiolas devem ficar ao ar livre o mais possível, mas nunca na corrente de ar, por se resfriarem eles com facilidade.

Quando morre um passarinho é indispensável desinfetar a gaiola antes de pôr outro nela. Basta para isto lava-la bem com água boricada e pintar a madeira com leite de cal.

M Á X I M A S

Se eu soubesse... Eis a exclamação do velho que não pensou em preparar pelo seguro o seu bem-estar na velhice.

A caridade **alivia**; o seguro **evita**.

O tempo leva-nos à velhice e não à opulência.

Uma inversão de capital é operação que exige dinheiro para render juros. No seguro de vida contribue-se apenas com os juros para garantir o capital.

S U L A M E R I C A
Companhia Nacional de Seguros de Vida
Caixa Postal 971 — Rio de Janeiro

VESTIDOS LEVES



- 1 — Vestido de zefir branco com listas vermelhas, e a pala de fustão branco.
- 2 — Vestido de linho branco, guarnecido com linho verde.
- 3 — Vestido de surah de fantasia, gravata de fita de gros-grain.
- 4 — Vestido de crêpe de seda ou voile de fantasia.

Todos os raciocínios dos homens não valem um único sentimento da mulher.
Voltaire.

♦♦♦

É preciso amar para sentir o perfume das flores, ouvir o sussurrar da brisa entre a folhagem; para compreender os harmoniosos suspiros do rouxinol e para iniciar-se nos mistérios da natureza nos quais o amor é a vida.

♦♦♦

Contemplando bem a tua desgraça, neste imenso deserto, acabarás por encontrar um oásis.

♦♦♦

Pelo catolicismo a ordem entrou no homem e pelo homem nas sociedades humanas. O mundo moral recobrou no dia da redenção as leis que tinha perdido no dia da prevaricação e do pecado. O dogma católico tornou-se o critério das ciências, a moral católica o critério dos actos, a caridade católica o critério das afeições. A consciencia humana, até então presa da acção corrosiva do erro e do mal, saiu desse estado miserável, viu claro nas trevas interiores como nas exteriores, e achou, á luz dos três criterios divinos, a felicidade da paz que tinha perdido.

♦♦♦

O fanatismo é para a religião o que a hipocrisia é para a virtude.

♦♦♦

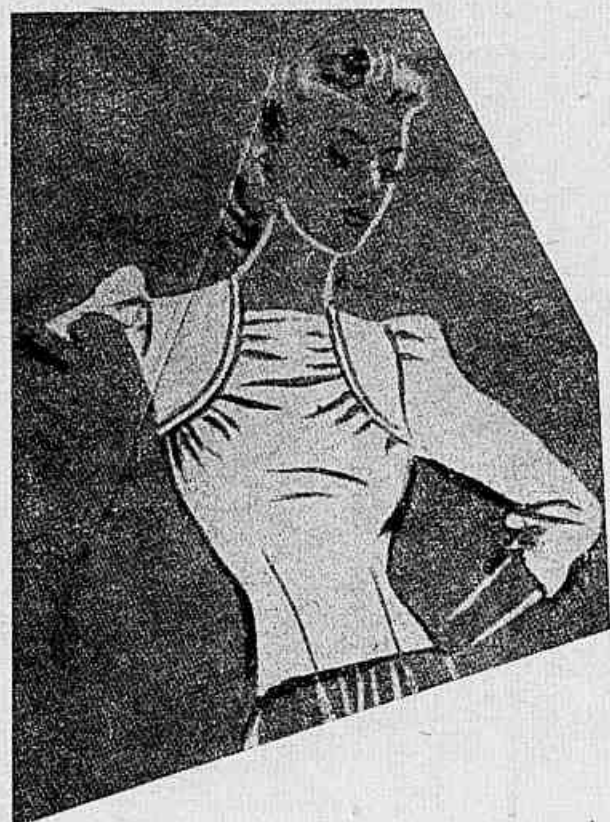
Manchas de ovo nos talheres: colheres e garfos — esfregar bem com sal umedecido.

♦♦♦

Para lavar os lenços de seda branca — Para que não fiquem amarelos os lenços de seda, basta serem lavados na espessa espuma de sabão, obtida derretendo sabão na água quente, em seguida enxaguar em água pura, exprimir bem a água e passar logo a ferro.

SAIAS E BLUSAS

Em baixo: Saia-calça de linho mesclado, com grandes bolsos abotoados. Ao lado: Saia de crepe ou linho com pala e franzidos.



Blusa de crepe rayon verde.



Blusa de crepe rayon, na pala e nos bolsos nervuras.

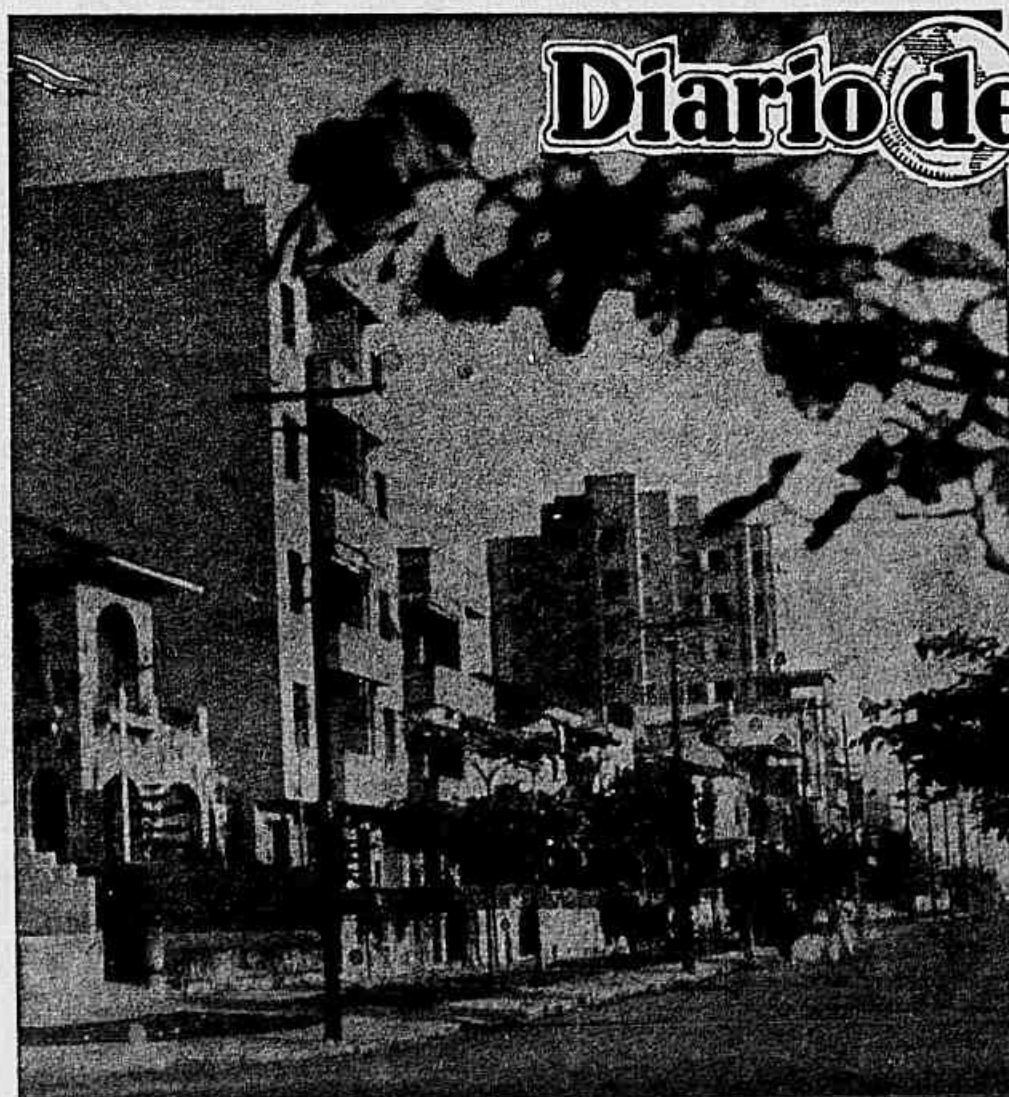


Blusa de tricoline listada.



1 — Blusa com basquinha de linho azul, guarnecida com bordado em ponto de cruz, executado com linha branca.

2 — Casaco de linho branco, enfeitado com bordado de soutache azul.



Diário de Notícias

O jornal
dos bairros
residenciais

Ninguém pode hoje viver, na cidade como nos campos, sem um mínimo de conhecimentos sobre os fatos de cada dia, sobre os progressos econômicos, científicos, artísticos, sociais. Quer isso dizer que ninguém pode hoje viver sem a permanente companhia de um criterioso e moderno órgão de informação.

Faça de

Diário de Notícias

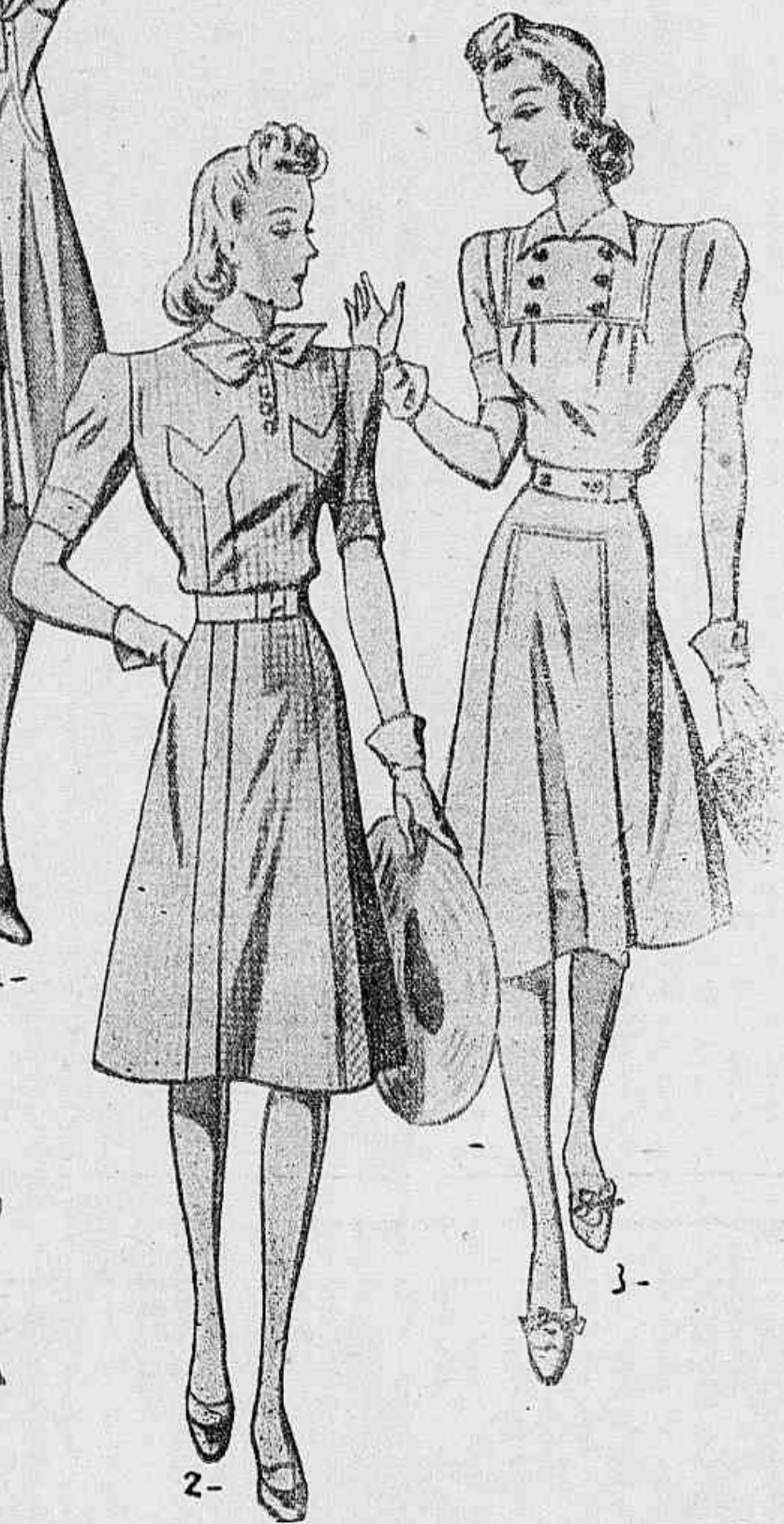
o seu jornal

O Matutino de Maior Circulação do Rio de Janeiro

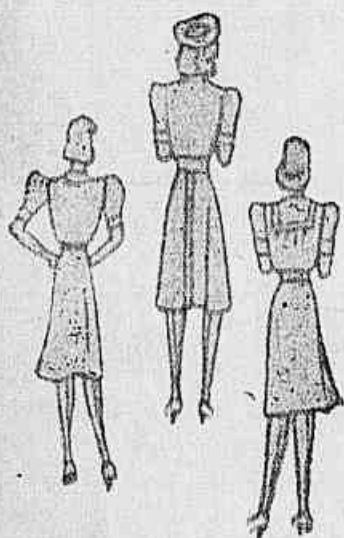
VESTIDOS DE V



1-



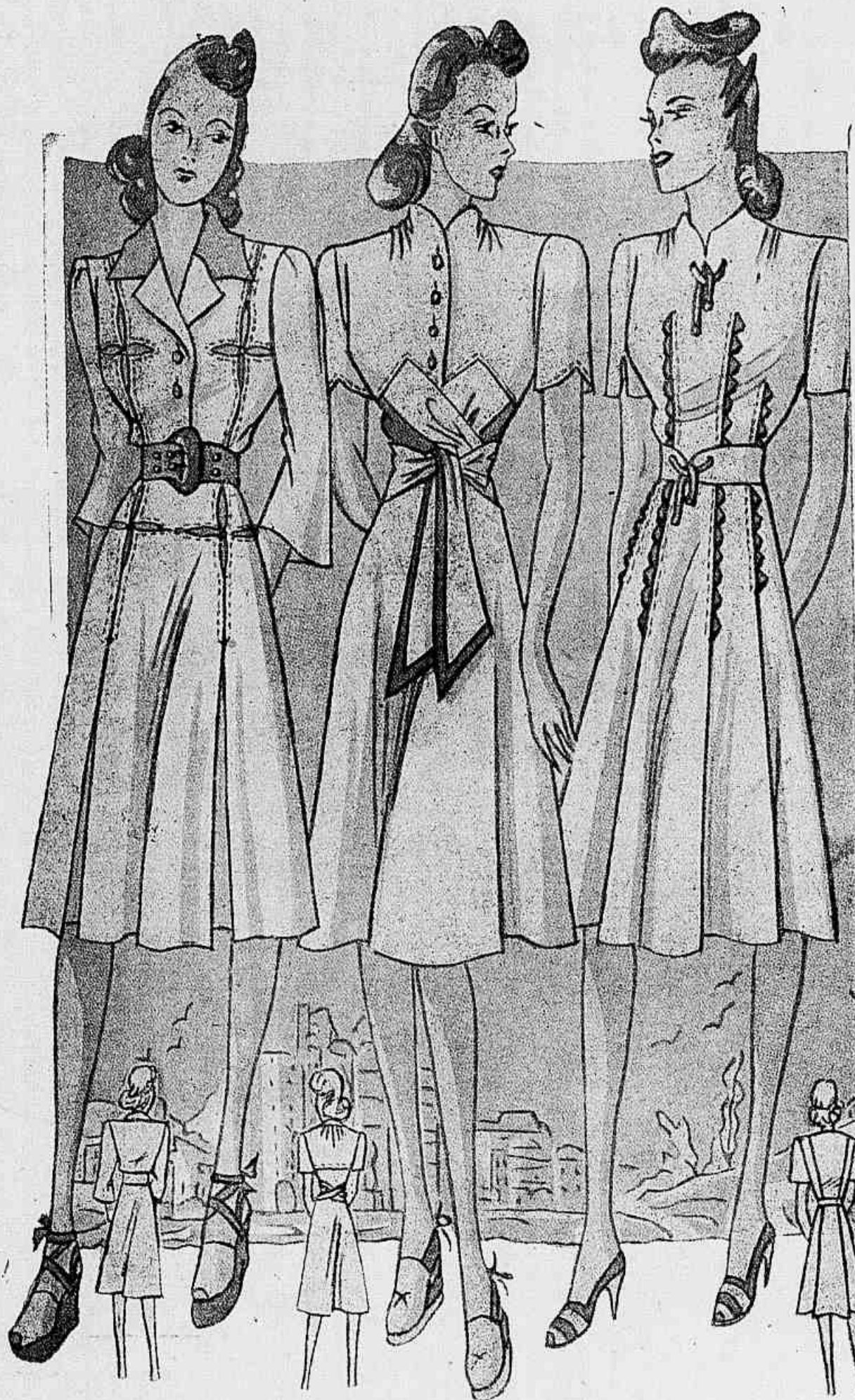
2-



1 — Vestido de seda lavavel ou linho branco, guarnecido com pespontos. Cinto, bolsa e chapéu no tom vermelho. Para manequim 44: 3m. 75 centímetros de tecido de 80 centímetros de largura. 2 — Vestido de seda lavavel ou zefir, fundo branco com xadrez verde. Cinto de camurça branca. Para manequim 42: 3m. 75 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura. 3 — Vestido de linho branco, com pela pespontada e cinto de proprio tecido, botões azues. Para manequim 44: 3m. 85 centímetros de tecido de 80 centímetros.

MÁSCARA DE LAMA RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



1 — Vestido de crepe da China ou shantung branco, guarnecido com o mesmo tecido verde, o cinto de camurça verde. 2 — Vestido de crepe branco, guarnecido com tecido azul marinho. Os botões azues. 3 — Vestido de fustão branco, enfeitado com pregas e bicos de linho ve melho.

PRECEITOS DE HIGIENE

As vitaminas e os males que provoca a sua carencia

Ha trinta anos não se conheciam ainda as vitaminas. As preciosas e misteriosas vitaminas — que se designam, como agentes secretos, por letras A, B, C, D, E, etc. são substancias cuja presença na alimentação é indispensavel para garantir a boa saúde e o bom equilibrio dos organismos adultos, e para garantir tambem o crescimento das crianças. Acreditou-se durante muito tempo que se tratasse de substancias muito complicadas, que sómente os entes

vivos podiam fabricar, e seu nome mesmo indica que se as fazia participar do misterio sagrado da vida. Sabe-se hoje que as vitaminas são substancias quimicas bem

definidas que se podem obter por sintese nos laboratorios; algumas mesmo, elaboradas industrialmente, são vendidas como especialidades farmaceuticas.

De toda a massa de magnificos trabalhos scientificos saíu um certo numero de vitaminas, designadas pelas letras do alfabeto e cada uma tendo um papel fisiologico definido, a privação de cada uma determinando o aparecimento de perturbações igualmente definidas, carateristicas.

Cada ano juntam-se mais vitaminas. Mas limitar-nos-emos a dizer apenas algumas palavras sobre as mais importantes: A, B, C, D. — B é a vitamina antiberibérica, C a antiescorbutica, Da antiraquitica. A, a menos conhecida, tem um nome original de «antixérophtalmica» porque um regime desprovido da vitamina A provoca uma doença grave dos olhos, conhecida sob o nome de «xérophtalmia».

Um regime alimentar provido das diversas vitaminas é tido como um regime

completo. Um regime no qual falte a vitamina B, por exemplo, é chamado de «carencia» em B. A carencia completa de uma das vitaminas na alimentação pôde provocar logo a doença correspondente,



Gorro de crochet com franja, feito com linhas multicóres, podendo ser executado num só colorido ou em diversos tons.



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO

APR. PELA GEMA. SAMIT. M. 56-4-M

ARIOS ESTILOS



1 — Costume de crepe ou shantung branco, a sala com pregas, o casaco longo, bordado e com pontos abertos. O bordado em branco ou de côr. 2 — Saia e blusa longa abotoada nas costas, de crepe ou shantung, as grandes bolsos, a pala na frente e as mangas bordados com ponto de cruz. O tecido amarelo claro e bordado azul marinho.

1 — Casaco de linho branco, guarnecido com viézes verdes do tecido da saia. 2 — Vestido de linho rôxo, guarnecido com viézes brancos. 3 — Vestido de shantung branco, a barra da saia e as mangas reglan, bordadas com soutache branco. 4 — Vestido de toile de seda ou zefir azul com listas brancas. As listas são empregadas em diversos sentidos.



Canotier de fustão branco com fita gros-grain azul marinho.

mas isto em casos excepcionaes o que acontece mais frequentemente é o aparecimento de perturbações, primeiro benignas, mas cuja persistencia acaba por alterar seriamente a saúde. E' o que chamam uma «precarencia».

E' provavel que não apanhemos o beriberi, nem o escorbuto, nem o raquitismo, nem a xérophtalmia devido a nossa alimentação, mas é muito possivel que cheguemos, por falta de precauções, a estes estados de precarencia que começam só agora a ser bem conhecidos e que, quando atingem toda uma população, diminuem sua actividade e seu rendimento, coisas que podem ser evitadas atualmente.

A precarencia em A prova-se por um estado inflamatório dos olhos, uma sensibilidade particular para as infecções de todas as especies: as mucosas tornam-se frageis com tendencia a escamarem-se, dando passagem aos microbios, daí molestias possiveis de todos os órgãos (por

exemplo, gripes com tendencia a bronquio-pneumonia). Além disso, essas pessoas são também «hemeralopes», não vêm nada com as luzes fracas, da aurora, do crepusculo.

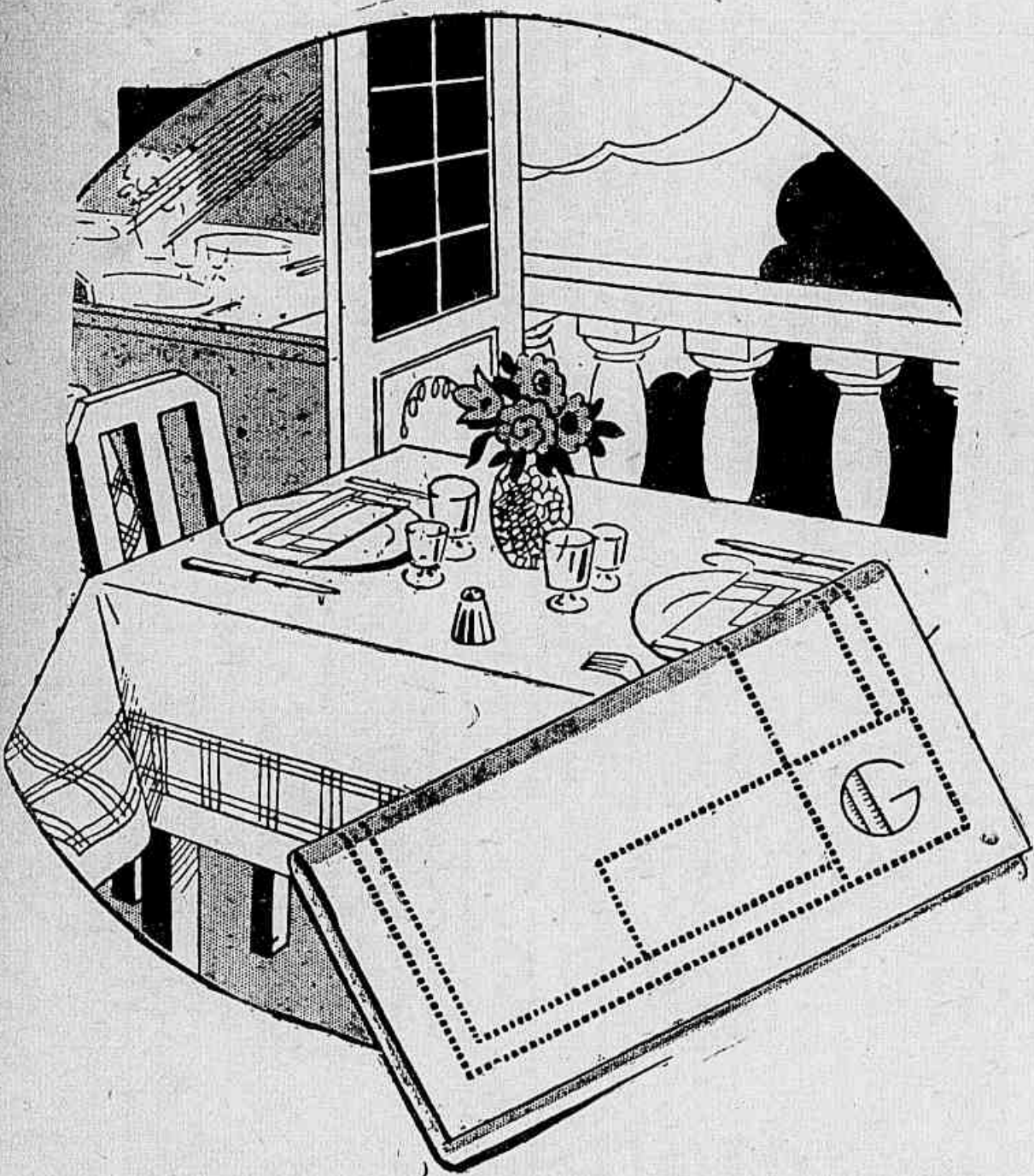
A precarencia C torna os vasos sanguíneos frageis, favorecendo as hemorragias. Atribuem-se-lhe também as dores vagas nas pernas, inflamações dentarias, uma das formas da astenia geral.

A precarencia D impede o organismo de utilizar a cal: os ossos descalcificam-se e, tratando-se dos jovens, desenvolvem-se mal. Essa deficiência favorece também a evolução das lesões tuberculosas.

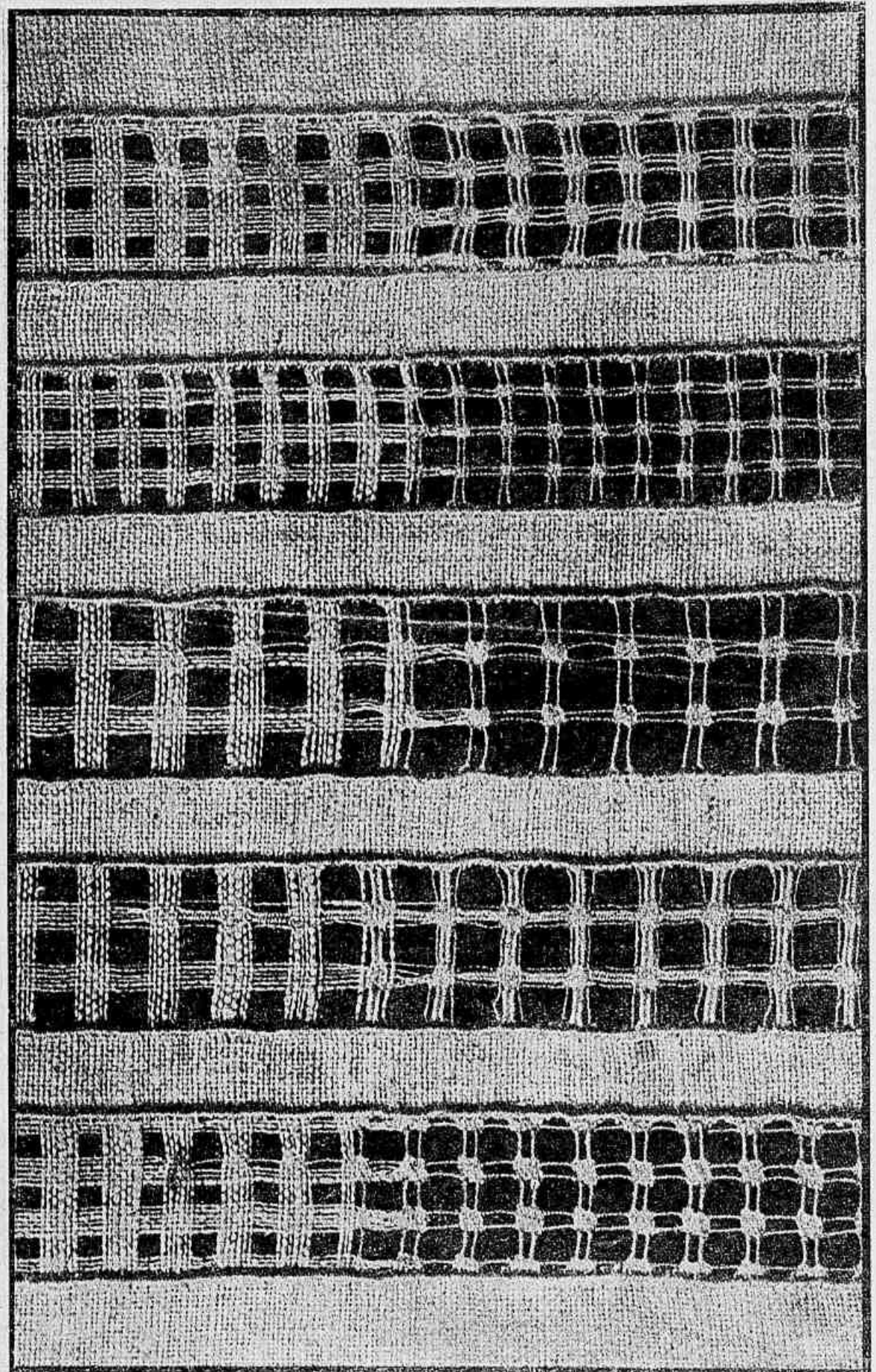
BIGODE
DE / ENHOVA / E VERRUGA /
EAPIMACAO GARANTIDA
TRATAMENTO / DA CUTI /
PILA / BEMBA MODERNA
SÃO PAULO AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1491

Problemas do Lar

Diversos pontos abertos para guarnecer toalhas e lençóis



Toalha e envelope para guardanapo guarnecidos com carreiras de pontos abertos. Ponto aberto formado por barretes, o que dá consistência ao bordado.



Os desenhos mostram como desfiar o tecido e como bordar sobre os fios que ficaram.

Passadeiras O MAIS RICO SORTIMENTO

CASA BEIRIZ

RUA 7 DE SETEMBRO - Nº 82
TEL. 42-6964 - JUNTO A AVENIDA

As superstições do povo chinês

É um povo extremamente supersticioso; poucos terão encontrado um tão grande numero de ocasiões para esconjurar a sorte e verificar os «sinais» bons e más.

Antes, durante e depois do nascimento, no decorrer das doenças, no tempo do noivado e do casamento, nas mil circunstâncias da vida, antes e depois da morte e do enterro, o espirito dos Chineses está atento para conjurar todos os malefícios.

Na ocasião do nascimento, toda pessoa tida como de mau caráter tem que ser afastada, para que a criança não seja atingida pelo mesmo defeito.

As superstições em uso a respeito das crianças são extremamente variadas. Os meios empregados para preservá-las são muito curiosos; entre eles podem ser citados os seguintes: brinco, anel passado no nariz, argola em volta do pescoço, tudo isto tendo por fim prende-las à vida. Fazem-na também usar uma **roupa de cem famílias**. Para isto vão de porta em porta pedir um pedaço de pano, e com esses retalhos fazem um vestido para a criança. Como poderia morrer uma criança, pela qual tanta gente se interessa? Um punhal que já serviu para matar um homem torna-se um instrumento precioso, capaz de intimidar os espíritos más. Para interditar-lhes a entrada no quarto, é ele pendurado em cima da porta.

Assim que há uma idéia de casamento entre dois jovens, as famílias vão consultar

o feiticeiro; há confronto entre as predições e dali tiram a conclusão se há chance de boa sorte para tal união. Se verificarem que há boas probabilidades, são enviados os primeiros presentes a título de experiência. Três dias são dados para constatar os efeitos deste primeiro avanço. Porque durante este tempo, sobrevindo qualquer coisa de mau agouro — como por exemplo um gato selvagem comer uma galinha no quintal, um animal (ou com mais razão ainda alguém da família) cair doente, o noivado está desmanchado. Mas, se pelo contrário nada de nefasto foi constatado, enviam-se então os verdadeiros presentes de noivado.

Entre estes, figura um casal de patos, símbolo da fidelidade conjugal, presente enviado pela família do noivo.

Alguns dias antes do casamento, os vestuários dos noivos são colocados sobre uma peneira que se passa rapidamente sobre a chama para purificá-los de toda influência maligna.

Antes de deixar sua casa, a noiva tem de levar uma bolsa de seda vermelha bordada, no formato do lotus, amuleto para «fechar a boca da sogra». Para advertir a noiva a ter paciência, fecha-se um instante a porta da sua cadeirinha vermelha.

Ao chegar à sua nova residência os noivos tem de cumprir uns certos ritos, que consistem primeiro em prestar homenagem ao Céu e à Terra. Sobre uma mesa,

MOBILIÁRIOS PARA ESCRITÓRIOS

A Fábrica de Móveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente secção de desenho para projetos e orgamentos, facilitando em certos casos o pagamento.

Os móveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

colocada no meio do pátio, são colocados diversos objetos tendo um sentido simbólico: uma imagem figurando o Céu e a Terra, o livro dos antepassados, defumador e incenso, duas velas vermelhas acesas, frutas, bolos, um pacotinho de pássinhos (o casal terá arroz para comer), um pé chinês (medida de comprimento servindo para medir os tecidos), um espelho (que esconjura as más influências), tesoura (objeto indispensável a toda boa dona de casa), duas taças com vinho e mel (o nectar da lua de mel).

Os noivos fazem uma profunda reverência diante da imagem do Céu e da Terra, diante dos livros dos antepassados,

deante do deus do lar. Depois cumprimentam-se mutuamente. O casamento está realizado.

Quando a noiva entra na sua casa deve tomar cuidado em não pisar na táboa da soleira nem esbarrar no batente da porta, o que seria o prognóstico de choques e brigas.

Na refeição devem beber na mesma taça, comer do «bolo da posteridade» e do «macarrão de longa vida».

Quando adoecem, os Chineses cobrem-se de amuletos e talismans. Quando estão gravemente atacados, mandam buscar a estatua dum **poussah** (bonzo) num templo, que se leva em palanquim à residência do doente. Às vezes levam-no à farmácia e pede-se-lhe que indique um bom remédio. Recorrem a diversos meios para saber a sua resposta. A maior parte das vezes, passeiam-no lentamente em volta da loja para dar-lhe tempo de examinar todos os medicamentos. Quando o idolo se torna muito pesado e que os carregadores não aguentam mais, quer dizer que o remédio está colocado na prateleira bem em frente deles.

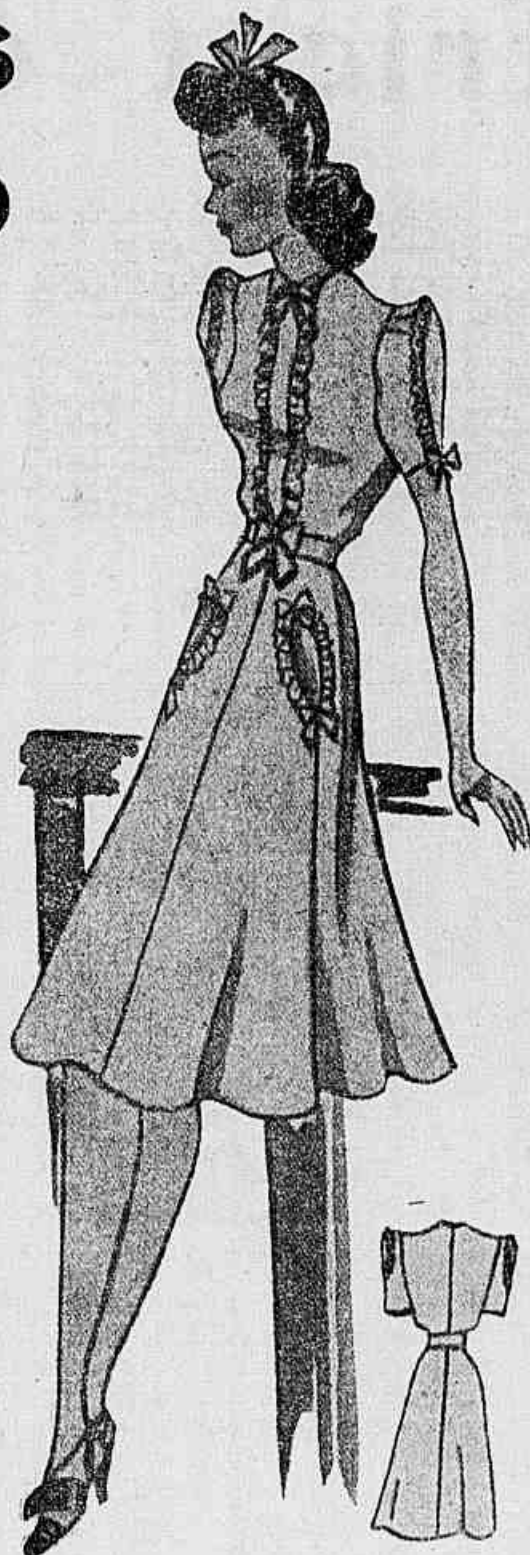
Vê-se também pessoas da família do doente embrulharem algumas moedas em papel vermelho e atirar na rua para que os pobres as encontrem na sua passagem e as levem, levando também assim a doença. Um dos meios de curar a febre é bater no doente com uma varinha de pessegueiro, a madeira desta árvore tendo o privilégio de exotar os espíritos malignos. Consulta-se a sorte, queima-se seu horoscopo para encontrar-se um substituto, etc.

Vestidos de linho

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE



Vestido de crepe ou linho azul.
As frentes, mangas e bolsos en-
feitados com bordado branco
formando babadinhos.



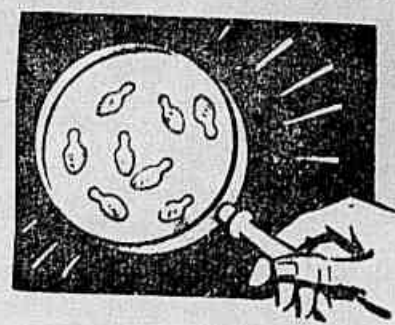
1 — Vestido de shantung ou linho amarelo claro, guarnecido com galões ou cadarço azul marinho. 2 — Calção de linho azul, a blusa de zefir branco com xadrez azul.



QUASI sempre o sucesso na vida social e comercial depende da **bôa apresentação**. Homens moços, não pôdem ter cabelos brancos ou falta de cabelo. A Loção Brilhante acaba com a caspa, seborréia e parasitas do couro cabeludo, evitando a calvície e restituindo a cor primitiva, sem tingir.

● Pense mais em "manter os cabelos", evitando sua queda ou embranquecimento. 70% dos homens têm propensão para calvície, que é favorecida pelo descuido no tratamento do cabelo antes dos 30 anos! A Loção Brilhante remove completamente as partículas invisíveis de pó que se depositam sobre o cabelo e obstruem os bulbos capilares. Use diariamente Loção Brilhante em uma enérgica fricção de 40 segundos. A Loção Brilhante elimina a caspa, a seborréia e as afecções do couro cabeludo.

LOÇÃO BRILHANTE
destrói os germens
da caspa infecciosa.



Estes são os germens da caspa infecciosa; que se pô-
de contrair a qualquer mo-
mento. Para combater os
germens e evitar a caspa
faça uso diário da Loção
Brilhante.

LABORATÓRIOS
ALVIM & FREITAS

Loção Brilhante

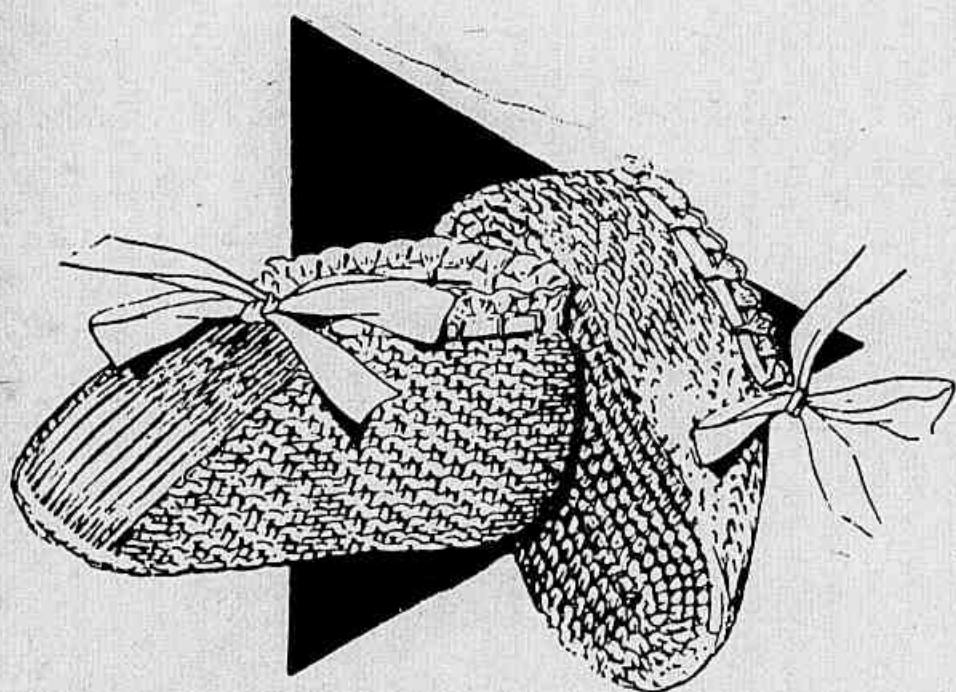


ASSINATURAS DESTA REVISTA EM SÃO PAULO
TRATAR NA **AGENCIA DE MARIA**

Rua José Bonifacio n. 392

Telefone 2-9827

Sapatinhos de tricot e crochet



O tricot e o crochet, harmoniosamente reunidos, compõem sapatinhos para criança, muito confortáveis e interessantes. A sola é executada em crochet, enquanto que a parte de cima é feita em tricot, mas com a terminação na parte de cima de crochet, formando um ponto aberto para passar uma fita.

Execução — São necessárias 25 grs de lã (Welcome Moore de tres fios), duas agulhas de tricot e uma agulha de crochet de 3mm. de diametro.

A sola — Fazer uma trancinha de 7 centímetros de comprimento e trabalhar em volta desta trancinha em pontos simples, um por malha, mas nas duas pontas fazer 3 pontos para arredondar, depois continuar a rodear da mesma maneira aumentando nas pontas todas as 2 voltas durante 7 voltas (fig. 1).

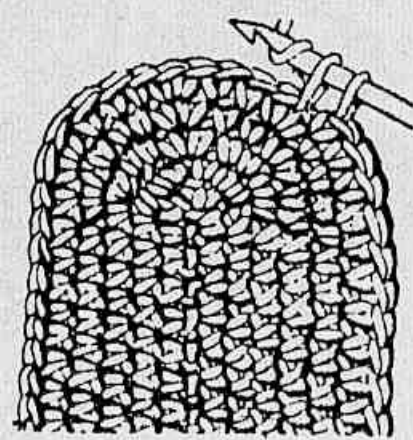


Fig. I

A sola executada em crochet.

Para a parte de cima pôr na agulha de tricot 49 malhas e voltar fazendo o ponto

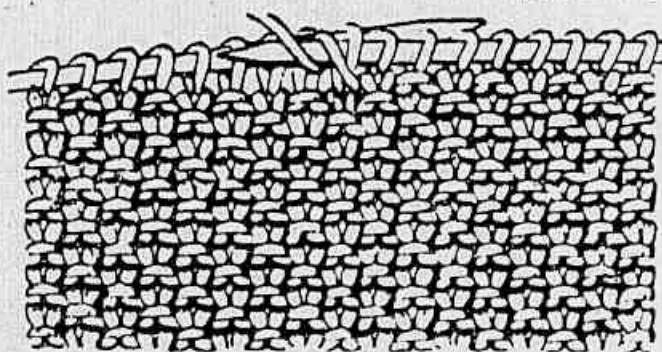


Fig. II

O ponto de areia.

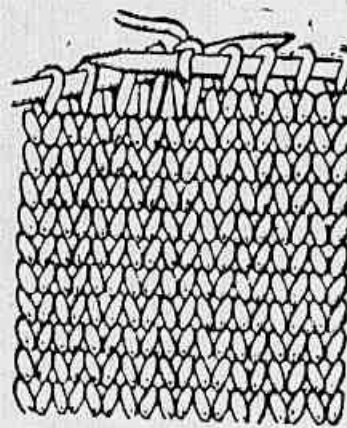


Fig. III

O ponto de jersey.

de areia: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso, até ao fim da carreira, na carreira seguinte fazer a mesma coisa, mas fazendo o ponto pelo direito sobre o do avesso e o do avesso sobre o do direito (fig. 2).

Na carreira seguinte fazer 21 malhas no ponto de areia, 7 malhas no ponto

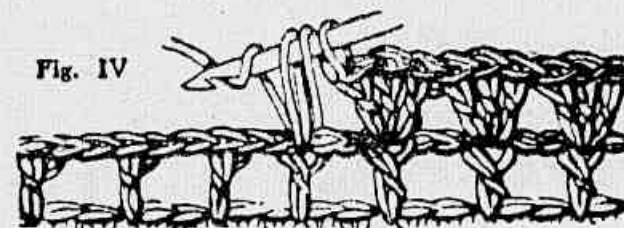


Fig. IV

O pontos de crochet para a terminação do sapatinho.

de jersey (uma carreira pelo direito, uma carreira pelo avesso) e 21 malhas no ponto de areia. Voltar tricotando da mesma maneira, mas fazendo as 7 malhas do meio no ponto de jersey (fig. 3). Continuar o trabalho desta maneira, conservando sempre as 7 malhas do meio no ponto de jersey e as outras no ponto de areia, mas no momento de começar o ponto de jersey tomar a ultima malha no ponto de areia e a primeira no ponto de jersey juntas, pelo direito, assim como a ultima no ponto de jersey e a primeira no ponto de areia, para fazer uma diminuição de cada lado do ponto de jersey, em todas as carreiras pelo direito, até obter-se 4 centímetros e meio de altura. Fazer a costura na parte de traz e coser a sola. Depois com a agulha de crochet fazer em toda a volta da parte de cima uma carreira de pontos altos separados por 2 malhas de trancinha. Depois fazer uma carreira de 3 pontos altos sobre cada ponto alto da carreira precedente (fig. 4). Estas duas carreiras podem ser feitas com fio de seda. Passar uma fita entre os pontos abertos para amarrar-se num laço na frente.

Capinha, calcinha e sapatinho de tricot de lã



a ajuda de uma laçada. Quando se tiver obtido 102 malhas sobre a agulha, tricotar as 34 malhas do meio do trabalho no ponto de musgo e continuar fazendo os aumentos até obter-se 112 malhas. Não aumentar mais e fechar as 20 malhas do centro. O trabalho fica separado em duas partes; deixar as malhas de um dos lados sobre uma outra agulha e trabalhar o outro lado da seguinte maneira: 7 malhas do lado da gola serão tricotadas no ponto de musgo, fazendo-se uma diminuição depois de ter tricotado essas 7 malhas em todas as carreiras pelo avesso tomando 2 malhas juntas. Continuar assim trabalhando até que restem apenas 8 malhas sobre a agulha. Tricota-las durante 26 carreiras. Terminar o outro lado da mesma maneira.

Para a calcinha 100 grs. de lã de 5

fios rosa, 2 agulhas de tricot de 3mm. de diametro.

Pontos empregados — Ponto de gaita: 2 malhas pelo direito, 2 malhas pelo avesso. Ponto de tecido: 1.ª carreira (X) 1 malha pelo direito, trazer o fio para si



Terrível insonia

Querer dormir e não poder! Só quem já experimentou esse tormento pode avaliar quanto ele nos afflige e abate, moral e fisicamente.

É uma felicidade ter à mão um tubo de ADALINA de Boyer. Um ou dois comprimidos, atuando suavemente sobre o sistema nervoso, põem termo à insonia. E consegue-se dormir tranquilamente e ter um despertar calmo e natural. ADALINA não prejudica orgão algum.

ADALINA

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

como para tricotar pelo avesso, escorregar a malha seguinte da agulha esquerda sobre a agulha da direita sem mudar sua posição, levar o fio para a posição normal e recommear em (X); 2.ª carreira: tricotar todas as malhas pelo avesso. Recomeçar essas 2 carreiras deslocando um ponto todas as 2 carreiras para contrariar o desenho. Ponto de musgo: sempre pelo direito.

Execução — Começar pela cintura pondo na agulha de tricot 184 malhas e tricotar no ponto de gaita na altura de 1 centimetro e meio, e fazer uma casa a 3 malhas da beirada. Obtem-se esta casa fechando 2 malhas que são postas novamente na agulha, na carreira seguinte. Continuar o ponto de gaita até obter-se 4 centímetros e meio de altura. Tricotar então o ponto de tecido, mas em cada extremidade da carreira fazer sempre 7 malhas no ponto de musgo que formam a tira do abotoamento. A largura é de 56 centímetros. Tricotar a direito numa altura de 54 carreiras fazendo uma casa nas 6.ª, 26.ª, 46.ª carreiras. O trabalho deve medir 11 centímetros no ponto de tecido. Tricotar numa altura de 8 carreiras durante as quaes se deve fazer uma diminuição em cada extremidade todas as 2 carreiras. Devem restar 176 malhas. Chega-se assim ao ponto de separar o trabalho em tres partes. Sobre as primeiras 43 malhas tricotar diminuindo 1 malha em cada começo de carreira até que restem apenas 7 malhas que são fechadas de uma vez. Sobre as 43 malhas da outra extremidade fazer a mesma coisa, e sobre as malhas do meio tricotar fazendo uma diminuição no começo e no fim de todas as carreiras até que restem apenas 45 malhas. Continuar fazendo uma diminuição no começo de cada carreira, até esgotarem-se todas as malhas.

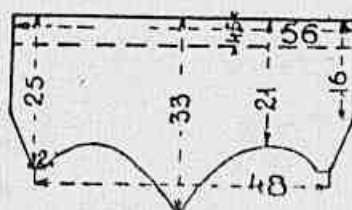
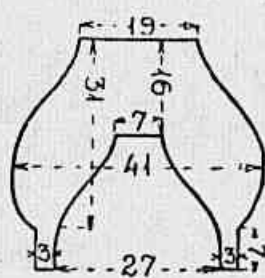
Fazer em seguida uma tira no ponto de musgo sobre 7 malhas, que é cosida em volta da ponta grande e vai reunir-se às duas tiras do abotoamento das frentes. Nesta tira fazer uma casa no meio da ponta e duas de cada lado. Pregar os botões depois de cosida a tira.

Os pontos empregados no tricot.

Para a capinha 1 novelo de lã e seda rosa claro e duas agulhas de tricot de 3mm. de diametro.

Pontos empregados — Ponto de musgo: sempre pelo direito. Ponto de diamante: 1.ª carreira: pelo direito, 2.ª carreira: pelo avesso, 3.ª carreira: tricotar pelo direito todas as malhas tomando-as duas a duas, 4.ª carreira: tricotar pelo direito, 1 malha, depois o fio transversal que separa as 2 malhas, 1 malha pelo direito, etc. Recomeçar na 1.ª carreira.

Execução — Pôr na agulha de tricot 50 malhas, tricotar no ponto de musgo durante 11 carreiras, começar em seguida o ponto de diamante fazendo em cada extremidade da carreira 7 malhas no ponto de musgo e todas as 2 carreiras um aumento. Este aumento faz-se de cada lado do trabalho entre as malhas no ponto de musgo e as do ponto de diamante com



Os moldes com as suas medidas.

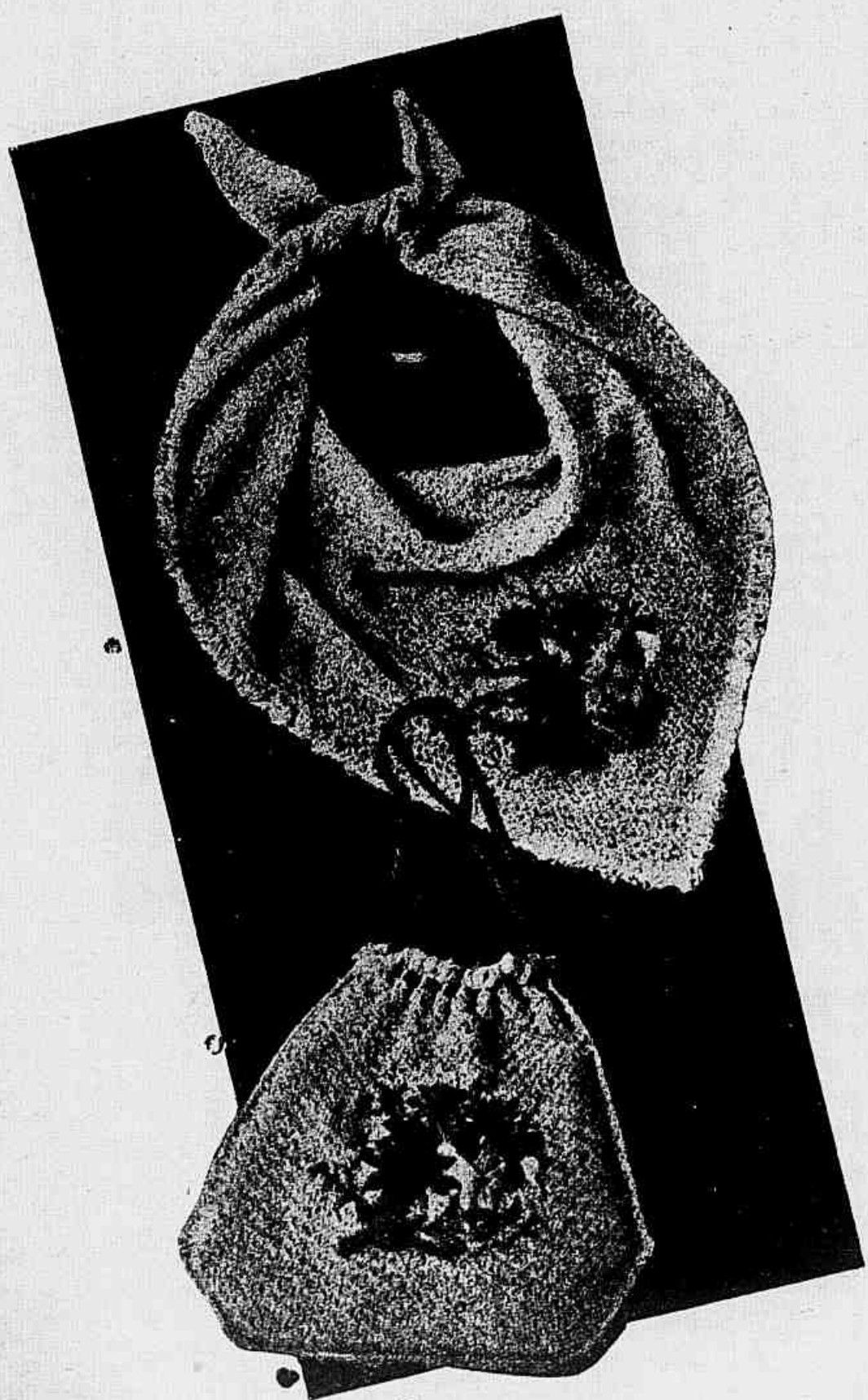
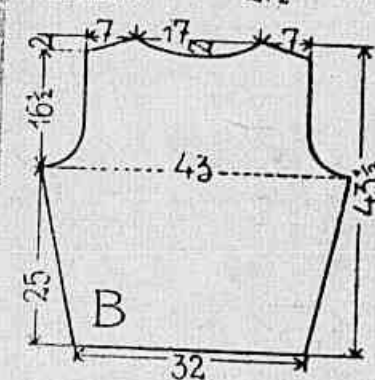
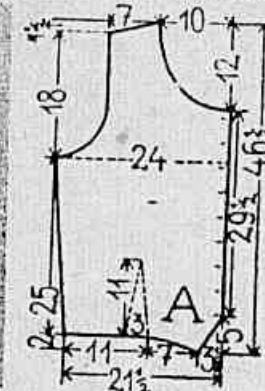
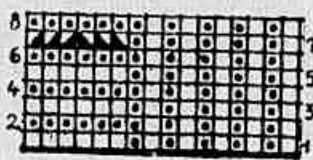
Colete de tricot de lã

São necessárias 200 grs. de lã de grossura média, vermelha ou azul; 2 agulhas longas n. 3; uma agulha de **crochet** n. 2 e 9 botões. As folhas que guardam são recortadas no feltro verde.

Pontos empregados: ponto de jarreteira: todo feito pelo direito. Listas torcidas — tricotar seguindo o modelo de pontos contados. No modelo, cada quadrado indica uma malha, os quadrados simples malha pelo direito, os marcados com um ponto malha pelo avesso; os triângulos a malha torcida.

Começar pela ponta da frente, pondo na agulha 3 malhas. Na frente direita, formar nove casas de 1 centimetro de largura e a meio centimetro da beirada. A primeira, logo ao terminar o bico, as seguintes, com tres centímetros e meio de intervalo. Para formar as bainhas das frentes, tricotar duas tiras de dois centímetros de largura, executadas no ponto de jarreteira, formando numa delas nove casas de 1 centimetro de largura.

As costas com listas torcidas são começadas também na parte de baixo, pondo na agulha de **tricot** 96 malhas.



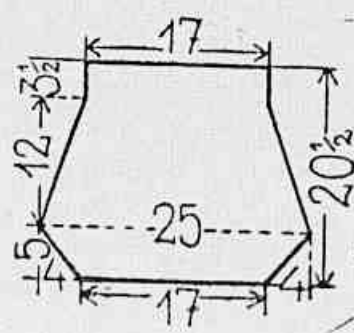
FICHÚ e BOLSA

São necessárias 100 grs. de fina **bouclé** cor de marfim, restos de lã fina azul claro e médio, amarelo ambar, marrom, vermelho e dois tons de verde, 2 agulhas de **tricot** longas, n. 2 1/2; 1 agulha de **crochet** n. 2; metro e meio de cordão e 30 centímetros de tecido para fôrro. O ponto empregado tanto no fichú como na bolsa é o ponto de arrôz duplo: alternar sempre 2 malhas pelo direito, 2 malhas pelo avesso, contrariando o ponto todas as duas carreiras.

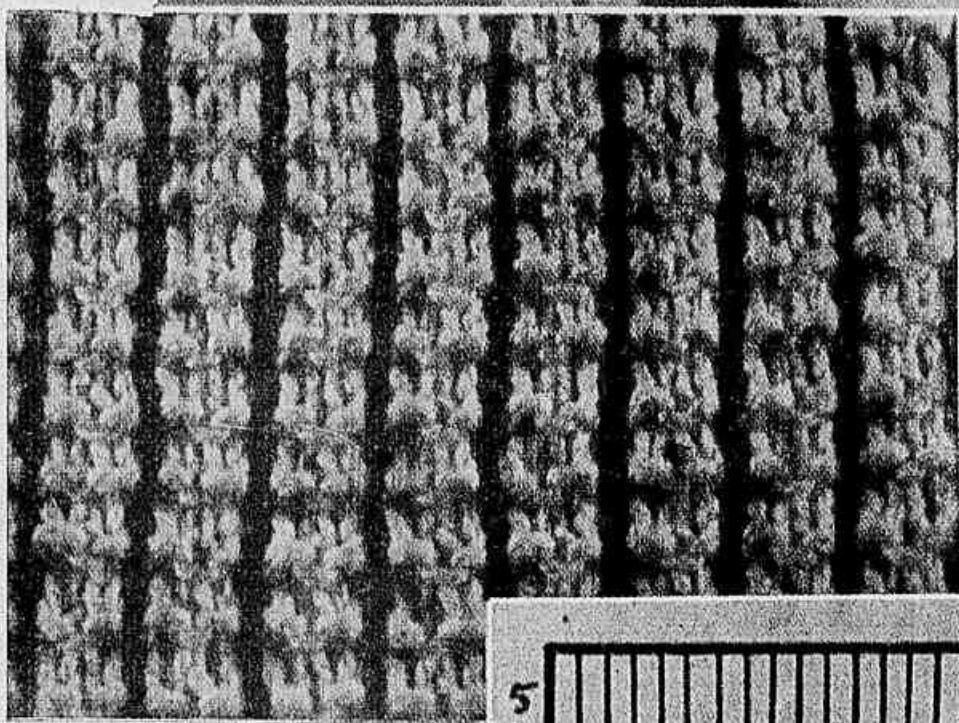
O **fichú** — Pôr na agulha malhas até medir 120 centímetros de comprimento, tricotar o ponto de arrôz duplo 45 centímetros, diminuindo de cada lado com intervalos regulares até se esgotarem todas as malhas.

Terminar o fichú fazendo nas partes enviezadas uma carreira de pontos baixos e uma carreira com algas. Bordar o **bouquet** com as lãs determinadas para este fim.

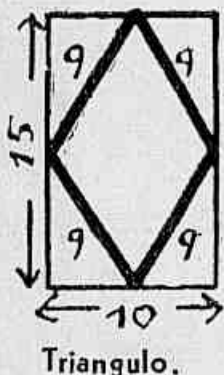
A bolsa é feita em tres peças com fio duplo. Seguir o molde na execução das duas partes; para a tira que rodeia a bolsa, tricotar no ponto de gaita 62 centímetros de comprimento por 3 centímetros e meio de largura.



Maillot para banho, de tricot de lã



Ponto do Maillot.



Triângulo.



Gola.

Para manequim 44 são necessárias 250 grs. de lã verde especial para este fim e 50 grs. da mesma lã preta, 3 agulhas de tricot n. 2 (longas).

Pontos empregados: 1 — para a tira da cintura e a gola, tricotar alternando 1 malha pelo direito, uma malha pelo avesso, 2 — para as outras partes do maillot: 1.ª carreira (direito do trabalho) 2 malhas pelo avesso, 1 malha pelo direito. A carreira deve terminar por 1 malha pelo avesso. 2.ª carreira: (avesso do trabalho) tricotar as malhas como se apresentam, quer dizer as malhas pelo direito da carreira precedente pelo avesso e as pelo avesso pelo direito. 3.ª carreira (direito do trabalho): toda pelo avesso. 4.ª carreira (avesso do trabalho): 1 malha pelo direito, 2 malhas pelo avesso. 5.ª carreira: como a primeira. 6.ª carreira (avesso do trabalho): toda pelo direito. Repetir seguida.

Tricotar primeiro a tira d'

cintura pondo na agulha de tricot 102 malhas com a lã preta e tricotar no ponto 1 (de gaita) até obter 5 centímetros de altura, depois tomar a lã verde e tricotar o calção no ponto 2. Nas carreiras 30, 35, 40, 44, 48, 52, 56, 60, 64, 68, 72, 76, fazer cada vez um aumento de cada lado do trabalho. Na carreira 96, começar a fenda na qual será depois cosido o triângulo. Separar então o trabalho em dois bem no meio, depois tricotar cada metade separadamente até terminar a perna. Metade direita: Nas carreiras 117, 119, 121, 123, 125, 127, 129, 131, 133, fechar 7 malhas do lado oposto ao da fenda. Fazer o lado esquerdo da mesma maneira. Depois fazer a parte de cima apanhando sobre a tira da cintura 102 com a lã verde. Fazer um aumento dos dois lados do trabalho nas carreiras: 8, 12, 16, 24, 32, 40. Depois fazer 1 diminuição dos dois

lados do trabalho nas carreiras: 41, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 53, 56, 59, 61, 62, 63, 66, 69, 72, 75, 78, 81, 83, 85, 87, 90, 93, 96, 99, 102, 105. Para obter o decote, separar o trabalho no meio e trabalhar cada lado separadamente. Metade direita: Nas carreiras: 116, 118, 120, fechar lado da gola cada vez 4 malhas, depois nas carreiras: 121, 122, 123, 124, 125, 126 cada vez uma malha. Tricotar as 9 malhas restantes até a carreira 164. Fechar na carreira seguinte essas malhas de uma só vez. Fazer o outro lado da mesma maneira.

Costas: — Seguir para a tira da cintura e a calça a explicação da frente. Depois apanhar as malhas na parte de cima da tira (102 malhas) e tricotar a parte de cima no ponto da fig. 2. Nas carreiras: 8, 12, 16, 24, fazer um aumento dos dois lados do trabalho. Na carreira 28, começar o decote. Para a sua formação, separar o trabalho no meio e trabalhar cada lado separadamente. Metade direita: Na carreira 28, fechar no lado do centro 30 malhas de uma só vez. Nas carreiras 30 e 32 fechar do mesmo lado cada vez 6 malhas. Na carreira 33 fazer um aumento

do outro lado. Nas carreiras 34 e 36: como na 30. Na carreira 38 como na 35. Na carreira 40: fechar as malhas restantes de uma só vez. Fazer o outro lado da mesma maneira.

Triângulo — É feito com a lã verde no ponto da fig. 2. Pôr na agulha de tricot 3 malhas e fazer um aumento de cada lado todas as 2 carreiras até obterem-se 31 malhas na agulha.

Começar então as diminuições em cada extremidade da carreira todas as 2 carreiras, até restarem apenas 3 malhas, que são fechadas de uma só vez.

Gola — Pôr na agulha de tricot 108 malhas com a lã preta (36 centímetros) e tricotar no ponto da fig. 1 — (ponto de gaita) até obterem-se 5 centímetros de altura.

Fazer as costuras dos lados e pregar o triângulo na fenda das calças. Depois vestir o maillot para fazer dos dois lados da frente pincies, que darão ao maillot um bonito feitio.

Cozer nas bretelles da frente 2 botões e fazer 2 alças, de maneira a fechar na nuca. Preguar a gola na metade direita, na parte esquerda a gola é fixada por meio de colchetes de pressão. Passar na tira da cintura um cordão feito com a lã preta e terminado por borlas. Um cordão igual garante a gola.

INFORMAÇÕES SOBRE O NOVO ANO

O calendário está antiquado. Efemérides cariocas. Festas religiosas fixas. Festas religiosas moveis. Concordância das principais éras. Começo das estações. Feriados nacionais. Calendário completo. Os signos dos meses.

FIGURAS DA HISTÓRIA E DA HUMANIDADE

Jean Rameau — Ticiano — Margot, rainha de França e do amor — Camilo Desmoulins — Sarah Bernhardt — Lorrain — Miguel Angelo — Charles Lebrun — Cimabue — Giotto — Rembrandt — Velasquez — Wan Dyck — Leonard Da Vinci — Frei Angelico — Rafael Sanzio — Durer — Rubens.

CONTOS ILUSTRADOS

No arrozal — Ressurreição — Remédio de amor — O louco — A estátua — Mau olhado — O milagre da porcelana — A obsessão do banqueiro — O caçador e o advogado — O Cônego do estilo.

CURIOSIDADES DIVERSAS

A prova de fogo — A árvore de Turene — Desvendando o futuro — Brady, precursor dos reporteres fotográficos — Causas e sentenças contra animais — Os últimos samaritanos — O maior convento do mundo — A paternidade das frases célebres — Provérbios de todos os povos — O canal de Suez — O vinho que vira água — Um peixe que pesca — Estômagos incríveis — Chamam Paleosiberiano — Quem foi Barba Azul? — A árvore tunel — A aranha que pesca — De quando datam os cachimbos — Gargantua — Um inseto que hipnotisa — Os juramentos de felicidade — Calendário de 1942.

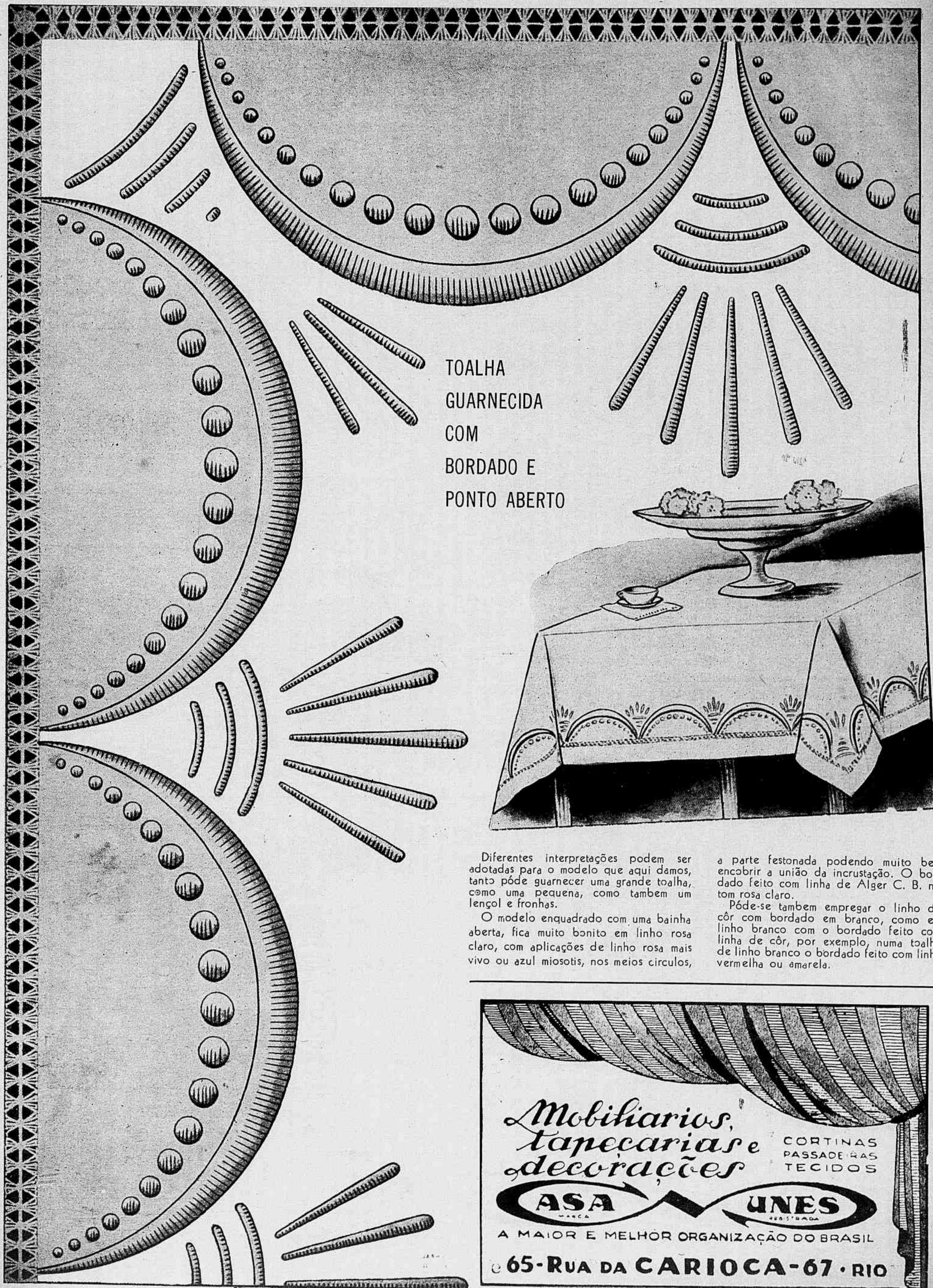
ÚLTIMAS PALAVRAS

De filósofos e sábios; de mulheres célebres; de chefes de Estado; de guerreiros; de homens políticos e de letras.

ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1942,
à venda.

Redação: Visconde Maranguape, 15 — Rio
Preço: 5\$000 no Rio, e 6\$000 nos Estados

Ornamentação do Lar



TOALHA
GUARNECIDA
COM
BORDADO E
PONTO ABERTO

Diferentes interpretações podem ser adotadas para o modelo que aqui damos, tanto pôde guarnecer uma grande toalha, como uma pequena, como também um lençol e fronhas.

O modelo enquadrado com uma bainha aberta, fica muito bonito em linho rosa claro, com aplicações de linho rosa mais vivo ou azul miosotis, nos meios círculos,

a parte festonada podendo muito bem encobrir a união da incrustação. O bordado feito com linha de Alger C. B. no tom rosa claro.

Pôde-se também empregar o linho de côr com bordado em branco, como em linho branco com o bordado feito com linha de côr, por exemplo, numa toalha de linho branco o bordado feito com linha vermelha ou amarela.

*Mobiliários,
Tapeçarias e
decorações*

CORTINAS
PASSADEIRAS
TECIDOS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

MENU DE ALMOÇO

SOPA HOCHÉ-POT (rabada) — ARROZ COM PEIXE — ENSOPADO DE CARNEIRO — VAGENS — BIFES DE FIGADO DE VITELA — PIRÃO DE BATATAS — GELATINA DE UVAS — BOLINHOS — SORVETE NORTE-AMERICANO



Gelatina de uvas.

SOPA HOCHÉ-POT (rabada)

Cortar o rabo em pedaços, deixar de molho algumas horas, depois aferventar, escorrer bem a água e refrescar, pôr de novo na panela, juntar uma cebola, um mocotó, um osso de presunto, refogar com um pouco de manteiga ou banha e juntar um pouco de caldo, um bouquet de cheiros, e deixar tomar cor em fogo brando, depois juntar 3 decilitros de caldo, deixar cozinhar mais um pouco, para em seguida juntar então 4 litros de caldo, juntar um pedacinho de bacon, 2 cenouras grandes, um nabo, um aipo, e 2 poireaux.

Uma hora e meia mais tarde, juntar 3 ou 4 pés de alface e um pedaço de repolho (já aferventado). Tanto a alface como o repolho devem ser amarrados, para poderem ser retirados com facilidade quando estiverem cozidos.

Continuar a ebulição moderada até as carnes ficarem bem cozidas, retirar então com a escumadeira, para tirar com facilidade os ossos, picar os legumes, coar a sopa e despejar dentro da sopeira, os legumes vão num outro prato e as carnes separadas dos ossos dentro da sopa.

ARROZ COM PEIXE

Fazer um refogado com manteiga ou banha, rodela de cebola, tomates sem as sementes e umas duas ou três pimentas malaguetas, juntar pedaços de peixe sem espinhas nem peles, para 250 grs. de arroz meio quilo de peixe, deixar refogar bem e juntar o arroz, depois molhar com três chicanas de água, temperar com sal e um bouquet de cheiros, deixar cozinhar bem. Arrumar num prato que possa ir ao forno regar com duas colheres de manteiga derretida e pôr no forno o prato tampado só para secar um pouco.

ENSOPADO DE CARNEIRO

Cortar a carne em pedaços quadrados, depois de bem lavada pô-la numa panela, juntar caldo de carne e meio copo de vinho branco, só o suficiente para a carne ficar coberta, deixar ferver o líquido uns minutos, retirar a carne e guardar o caldo separado.

Refogar na manteiga uma cebola picada, assim que alourar juntar a carne picada, deixar refogar bem, salpicar depois com farinha de trigo e em seguida juntar ao caldo já preparado um bouquet de cheiros, meia folha de louro, uns grãos de pimenta do reino. Deixar cozinhar em fogo forte uns dez minutos depois acabar de cozinhar em fogo brando. Juntar no molho na hora de servir duas gemas de ovos e salpicar por cima um pouco de salsa picada.

VAGENS GUIZADAS

Corta-se as pontas das vagens, retira-se os fios e corta-se em fatias finas, pôr para cozinhar na água a ferver temperada com sal. Depois de bem cozidas, escorrer a água e pôr numa panela, juntar manteiga, mexer bem e juntar um pouco de salsa picada.

BIFES DE FIGADO DE VITELA

Cortar 7 a 8 fatias num figado de vitela, temperar, passar na farinha de trigo, passar em

ovos batidos, e pôr de parte. Cortar igual numero de fatias de bacon, pôr numa frigideira com manteiga, deixar fritar dos dois lados, retirar, substituir logo pelas fatias do figado, deixar fritar dos dois lados, e arrumar num prato redondo em coroa, alternando cada uma delas com uma de bacon. Arrumar no centro pirão de batatas. Regar com manteiga derretida.

GELATINA DE UVAS

Lavar bem as uvas e tirar todos os cabinhos e pôr para ferver. Escolher as pretas e pôr só um pouco de água, esmagar as uvas com uma escumadeira e deixar ferver, e passar por um saco de flanela. Desfazer num pouco de água quente folhas de gelatina vermelha, juntar ao caldo, juntar o açúcar, que deve ser para cada chicara do suco 4 colheres bem cheias. Tomar então o ponto de geléia. Despejar a geléia em copinhos, estes são virados na hora de servir em taças de cristal. Uma folha de gelatina para cada 3 chicanas de suco.

BOLINHOS DE CLARAS

Bater muito bem 14 claras com 300 grs. de açúcar e juntar 300 grs. de manteiga muito bem batida, depois de tudo bem misturado, bater ainda um pouco antes de juntar 300 grs. de farinha de arroz peneirada juntamente com uma colherinha de fermento inglês.

Untar as forminhas com manteiga e despejar dentro a massa e pôr para assar no forno.

SORVETE NORTE-AMERICANO

Este sorvete é preparado em Nova-York com vinho de Catawa, de proveniência californiana, mas pode ser preparado com vinho do reino ou champagne. O que lhe dá originalidade, é ser ele servido em imitações de copos formados de gelo.

Para obtê-los é preciso ter a disposição formas de estanho imitando copos de pé, estreitos e altos. Enche-se estas formas com água pura ou colorida, são bem fechadas e postas dentro da catimploria com gelo e sal.

Três quartos de hora em geral são suficientes, a água fica gelada e toma o feitiço da forma, contendo uma parte líquida no centro, despeja-se esta parte líquida e enche-se a forma de gelo com o sorvete de vinho, que é preparado da seguinte maneira: Fazer uma calda de 25 a 26 graus, 6 decilitro, juntar 1 decilitro de caldo de laranja, depois juntar o vinho escolhido, de maneira a ir a 15 graus, pôr na sorveteira e bater.



*Para ele,
só dou
o melhor!*

QUER ver seu bebê crescer forte e sadio? Inclua, diariamente, Quaker Oats, no seu regime alimentar. Quaker Oats desenvolve o corpo, ossos e músculos — enriquece o sangue, auxilia o crescimento normal. Contém em abundância Thiamin (Vitamina B-1), ferro, fósforo e proteínas. De gosto agradável, econômica e de fácil preparo. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

Insista em comprar a lata com afigura do Quaker — a aveia sem impurezas



QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

**Números atrasados desta revista na
Capital do Estado de São Paulo.**

Procurar no

LARGO DO PAISSANDU' N.º 124

TELEFONE 3.3885

Não discuta com uma criança!

Existem paes que têm o máu habito de discutir com os filhos. Não raro essas discussões degeneram em verdadeiras disputas. É fácil compreender o mal que seme-

lhante atitude pode causar á educação de uma criança. Habitua-se a mesma a vêr nos paes, não creaturas superiores, a quem deve obediencia, porem contendores, que é preciso abater, sempre que isto seja possível.

Muitas autoridades no assunto têm affirmado que o desejo de vencer, no homem, aparece aos quatro anos de idade. Uma criança normal não se conforma com a derrota na luta com um companheiro. Faz um esforço supremo para tirar o primeiro logar nas corridas, no foot-ball, para trepar nas arvores mais ligeiro e mais alto que qualquer outro, saltar de maiores alturas, etc.

É este incentivo que estimula o desenvolvimento de seu talento. Na escola secundaria e superior, a vontade de ser primeiro ensaja o desenvolvimento de qualidades superiores nos debates, na musica, nos trabalhos literarios. Si este impulso faltar inteiramente na vida de um individuo, ele será uma peça inutil. Portanto, devemos enveredar essa tendencia de nossos filhos para o terreno das coisas

uteis, e não, como fazem muitos, apenas como intuito de exhibicionismo esteril.

A's vezes, presenciamos um pae ou uma mãe discutindo certa questão com um filho. Pensam que estão empenhados em elucidar a criança, mas em geral mostram-se mais ansiosos em vencer a discussão do que em eliminar da mente do filho a idéa errônea. O menino, por sua vez, também está empenhado na vitoria, e daí o insucesso dos paes. A Natureza parece cochichar ao ouvido de todas as crianças: «Si não ceddes na luta com um adversario de tua idade, também não debes ceder numa

discussão com pessoas adultas. Afirma por ti mesmo! Defende a tua opinião, sustenta o teu feito... mesmo que estejas errado!»

A ansia pela vitoria se manifesta de maneira mais vigorosa e tenaz na discussão sobre jogos. Observe o leitor duas pessoas de qualquer idade, entre os quatro anos e a sepultura, trocando idéas sobre um determinado assunto esportivo. Logo se tem a impressão de que os adversarios não procuram descobrir a verdade sobre o ponto de discordia. Cada um está, sim, procurando vencer o outro, no terreno verbal, seja lá de que maneira for... Cada qual que procure falar mais alto, abater o antagonista com frases e exemplos.

Como dissemos acima, a «tendencia de vitoria» que existe no espirito de todas as crianças deve ser enveredado para o terreno das coisas uteis. Deve ser aproveitado para encorajar a criança nas competições consigo mesma. Suponhamos que o menino tirou muito boa nota em Geografia. Vamos convence-lo de que fez pouco, e poderá ultrapassar aquela classificação da proxima vez. Tornemol-o assim «competidor de si mesmo». Esse metodo tanto pode ser aplicado no lar como na escola. Comparemos sempre as notas que os nossos filhos obtiveram esta semana com as da semana passada. As do ultimo mez com as do mez corrente. Frisemos que é muito facil o melhoramento, pois cada dia que se passou teve ele mais uma explicação no Colegio, mais uma elucidação obtida num livro.

Uma criança normal ficará grandemente estimulada a «fazer melhor» ao perceber, através das notas, que está progredindo cada vez mais.



Noemi, filha da senhora Adília de Sá e do sr. Umberto de Sá, no dia de sua primeira comunhão.



Jorge dos Santos Marques, filho de Carlos e d. Isaura dos Santos Marques, no dia de sua primeira comunhão, feita na matriz de Santa Terezinha desta cidade.



Por ocasião dos aniversários dos pequenos Marília e Marcos, seus pais, dr. Manoel Domingues da Silva e d. Marina Abranches Domingues da Silva, ofereceram ás pessoas amigas uma festa da qual reproduzimos este aspecto.

UM LIVRO DE VALOR, inteiramente GRATIS!

Peça-nos, hoje, o exemplar do "Meu Livro de Receitas". Contem inúmeras receitas faceis e deliciosas, feitas com a incomparavel

MAIZENA DURYEA

À MAIZENA BRASIL S. A. 85
CAIXA POSTAL, F - S. PAULO

Peço enviar-me, gratis, o "Meu Livro de Receitas"

Nome
Rua
Cidade Estado

**GRIPES /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**

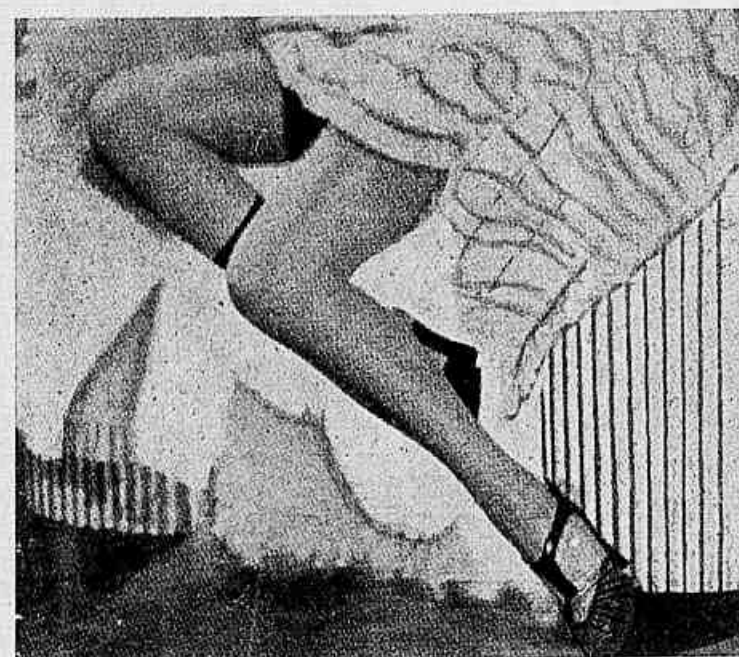


TRANSPIROL

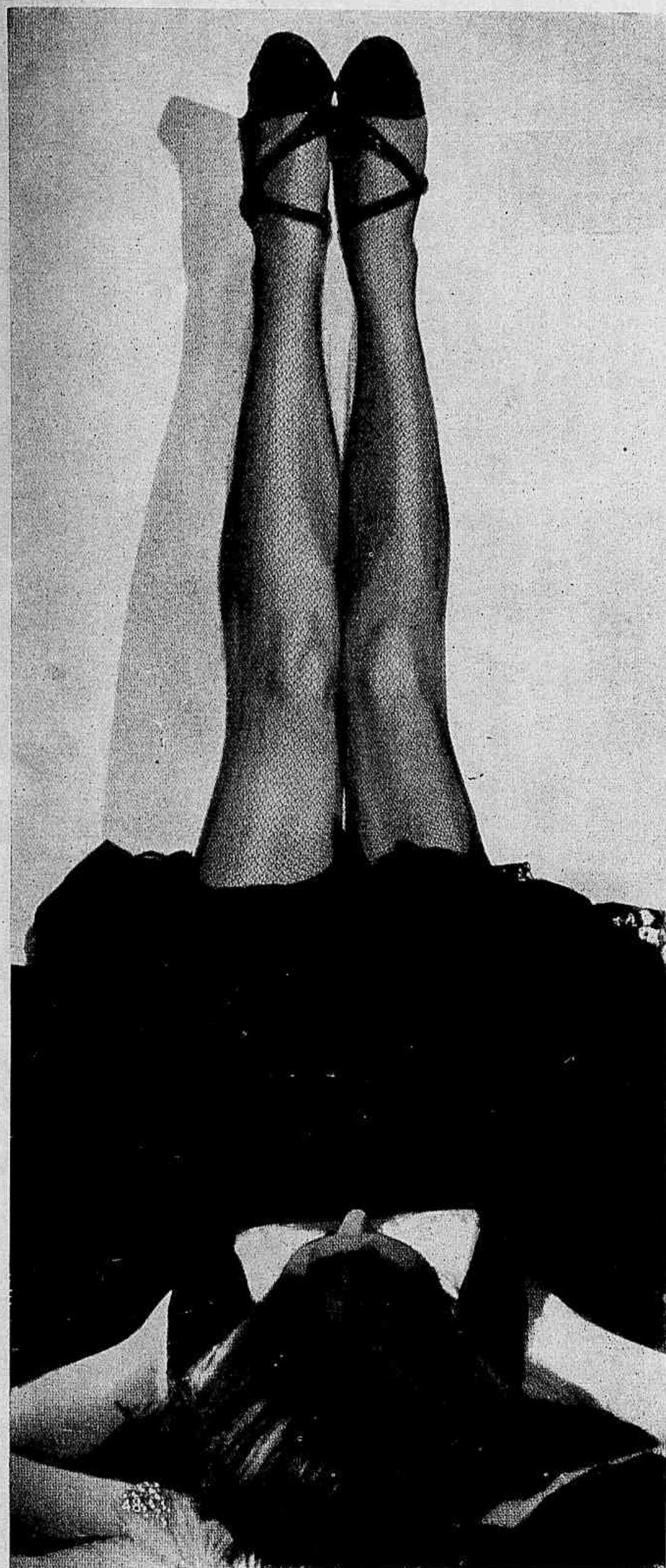
AS MEIAS

e

Sapatos modernos



Meias rosadas e sandalias de pelica vermelha.



As meias rendadas pretas, sandalias de setim ciré, preto.



Finas meias, com sapatos de pelica preta, envernizada.



Originais sandalias com saltos muito altos, meias muito finas.



Sandalias formadas por tiras de pelica envernizada, finas meias bege claro.



Sapatos de camurça preta com laço de fita gros-grain preta. Meias bege rosado

CONSELHOS PRATICOS

Como conservar as flôres nos vasos — As flôres cortadas conservam-se frescas durante muito tempo quando se põe suas hastes em agua quente, deixando-as até que esfrie. Depois junta-se uma pitada de bicarbonato na agua do vaso no qual se vae colocar as flôres.

♦♦♦

A limpeza dos moveis da cozinha — Os moveis de madeira branca em uso nas cozinhas são lavados com agua fervendo e sabão preto. São em seguida enxaguados com agua quente e depois enxugados.

♦♦♦

Para ter-se um bom café — Comprar o café em grão moê-lo em casa na hora de faze-lo tem outro pedalar e perfume, além de que tem-se assim a certeza de tomar um café puro, sem a mistura de outro qualquer ingrediente, que mesmo não sendo nocivo à saúde tira o bom sabor do café. É tão facil ter um pequeno moinho e o trabalho é tão pouco em moê-lo...

♦♦♦

Os objéto de alabastro sujos são limpos com aguarás e benzina.

PENSAMENTOS

Ha analogia entre a religião sem culto e a virtude sem pratica.

♦♦♦

Não basta conhecer a virtude, é necessario ama-la; não basta ainda ama-la, é necessario pratica-la.

♦♦♦

A moderação, como a temperança, é uma arvore cuja raiz é o contentamento de pouco, e cujo fruto é a tranquilidade e a paz.

♦♦♦

Conhecem-se as boas fontes nos tempos das grandes sêcas, e os bons amigos nos tempos das adversidades.

♦♦♦

Não tomeis o trabalho nem o risco de vingar-vos: é provavel que sejais injusto no vosso desagravo; consignai a ordem moral a vossa vingança. Não ficareis injustos, e esta será justa, sem excesso nem defeito.

Marquez de Maricá.



Elzy Freitas Lara.



Cecilia Lourdes, filha do casal
dr. Deocleciano Freitas-Olinda Freitas.



José Giulio, filho do casal dr. José
Giulio Canção-Ester Namias Canção.



Sergio, filho do casal
Gabriel Simão-Julieta Simão.



Marilena, filha do casal
dr. José Medina-Lola Medina



Flavio, filho do casal dr. Leopoldo
Figueiredo Jr.-Wanda Figueiredo

De São Paulo

Fantasia infantil apresentada no último Carnaval



Maria Helena, filha do casal
dr. Deocleciano Freitas-Olinda Freitas



Maria Tereza, filha do casal Nilton Silva-Nadir Silva

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succedora de MAPPIN STORES
R. RAMOS DE AZEVEDO, S. PAULO

Todas preferem...



**CIA DE CIGARROS
SOUZA CRUZ**